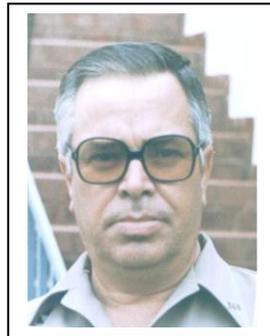


FHE **POUPEX**

A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS - INAUGURAÇÃO DO PARQUE HISTÓRICO GENERAL OSÓRIO EM TRAMANDAI-RS EM 10 DE MAIO DE 1970 - DIA DA CAVALARIA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente das Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/74. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História, e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV) no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado à Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resendense e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME em 1967/69. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-80, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório - Marquês do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981/82. É correspondente do CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio-Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É o autor do livro **GENERAL OSÓRIO - O MAIOR HERÓI E LÍDER POPULAR BRASILEIRO - BICENTENÁRIO** (Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008), obra pertencente ao Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul.

Abaixo, livro do autor A Grande Festa dos Lanceiros, digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial à AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército. Trata-se de reportagem sobre a inauguração do Parque Histórico Marechal Osório e preliminares do Parque Histórico dos Guararapes.

A Grande Festa dos Lanceiros

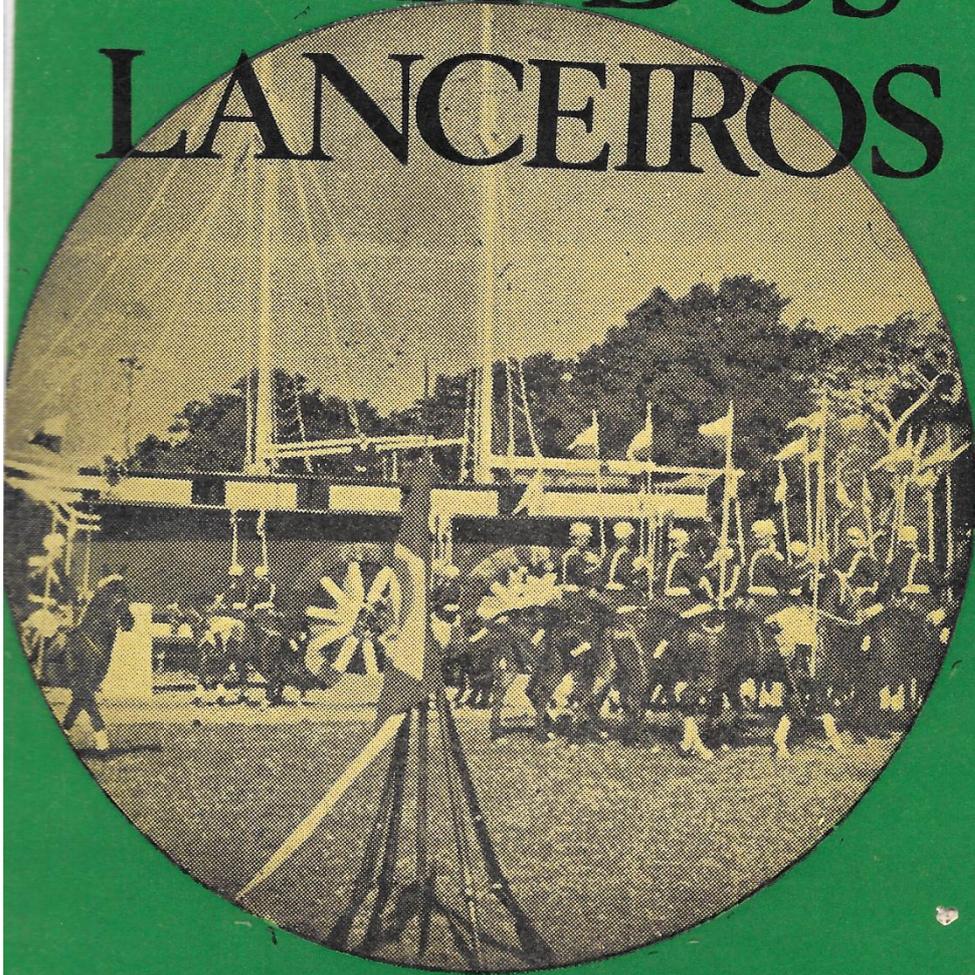
BENTO, Cláudio Moreira. A Grande Festa dos Lanceiros. Recife: Universidade Federal de Pernambuco 1971

- O maior Lanceiro do Brasil
- História do lanchão Seival
- Um Lanceiro republicano farrapo
- Os Lanceiros negros farroupilhas
- O norte-americano John Cringgs, o líder do lanchão Seival
- Garibaldi, o herói de 2 mundos e o Seival
- Uma heroína de 2 mundos

Livro que aborda a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes

Claudio Moreira Bento

A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS



Cláudio Moreira Bento

ÍNDICE DO LIVRO: AO FINAL.

ABAS DE AUTORIA DE VALDEMAR VALENTE, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS EM RECIFE - PERNAMBUCO

Em "*A Grande Festa dos Lanceiros*", do Major Cláudio Moreira Bento - cujos originais tive a honra de ler - confirma-se o historiador, já revelado em trabalhos anteriores. Sobretudo, o historiador voltado para o civismo - um civismo preocupado em realçar verdades históricas, sob critério interpretativo, baseado em documentos a que não se pode negar a melhor autenticidade - para os acontecimentos ligados à vida militar do Brasil e ao esforço brasileiro no sentido de manter a integridade nacional contra ameaças estrangeiras. Não só integridade geográfico-territorial, mas político-econômica e sócio-cultural. A preservação dos valores, inclusive éticos, não implicando na recusa de influências estranhas - nas artes, nas letras, nas ciências, nas técnicas - contanto que tais influências sejam capazes de permitir saudáveis associações com os mais válidos elementos da cultura brasileira, com suas melhores aplicações de caráter objetivo e prático.

O presente ensaio é a história leal, em suas verdadeiras dimensões, fundamentada em documentos válidos, quer os de caráter oficial, quer os informais, do Parque Histórico Marechal Osório, construído no Rio Grande do Sul, tanto no que tem de presença atuante, como força de civismo e patriotismo, como no que se relaciona aos antecedentes militares - porque não dizer, também, políticos, sociais e econômicos - que serviram de marcos no roteiro ideológico, recentemente transformado em realidade.

Em seu livro, o Major Cláudio Moreira Bento conta a história sincera dos feitos de bravura do famoso lanchão farroupilha Seival, com seus heróis, e também de Joaquim Teixeira Nunes, o grande lanceiro republicano farrapo.

O ensaio do Major Bento traz interessante sugestão: inclusão, na temática do cinema nacional - o que está inteiramente de acordo com sua função educativa - de motivos autenticamente históricos. Um deles: a vida do Marechal Osório. Outro: o episódio épico do lanchão farroupilha Seival. Ainda outro, acrescentaria eu: Pernambuco no tempo dos flamengos, com especial realce na insurreição pernambucana, incluindo as batalhas dos Guararapes e capitulação da Campina do Taborda.

Descobrimos afinidades históricas entre o Rio Grande do Sul e Pernambuco, sem esquecer identidade de vocações cívicas, às quais se liga todo um passado de bravura, de luta, de heroísmo, em defesa dos ideais de autonomia e liberdade, estabelece o Major Bento em seu, não apenas bem ordenado, mas bem documentado ensaio, vínculos não só de natureza militar, como também política, social e econômica entre o Parque Histórico Marechal Osório, já existente no Rio Grande do Sul, e o futuro Parque Histórico Guararapes, em Pernambuco.

O livro em foco, escrito com simplicidade, honestamente seguindo os modernos processos da metodologia histórica, com acontecimentos e personagens criticamente analisados e interpretados, de certo irá prestar aos brasileiros, de alguma forma sob critério revisionista, valioso serviço: não somente melhor compreensão da realidade nacional, mas sincero interesse pela adequada solução de seus problemas. O que significa: mais civismo e, portanto, mais amor ao Brasil.

A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS

NOTA DO AUTOR EM 2016: HÁ 46 ANOS DA PUBLICAÇÃO DESTE 1º LIVRO, QUE NA OCASIÃO JULGUEI SEM VALOR, E HOJE, AO CONFERIR A SUA DIGITALIZAÇÃO, O JULGUEI VALIOSO PELAS INFORMAÇÕES QUE NELE AGREGUEI SOBRE AS HISTÓRIAS MILITARES DOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL QUE EU CONHECIA BASTANTE E DA HISTÓRIA MILITAR DE PERNAMBUCO QUE ENTÃO PESQUISEI. E A RELAÇÃO DAS DUAS HISTÓRIAS E SUAS PROJEÇÕES NA PRESERVAÇÃO DA UNIDADE E INTEGRIDADE DO BRASIL. E DE COMO NELE APRENDI COMIGO MESMO MUITO DAS HISTÓRIAS QUE NELE ESCREVI, AS QUAIS JÁ HAVIA ESQUECIDO. E MAIS, LEMBRAR HISTORIADORES COMO JORDÃO EMERENCIANO E JOSE ANTÔNIO DE MELLO NETO COM OS QUAIS PRIVEI. E MAIS GILBERTO FREYRE, SENDO QUE HOJE PUDE HOMENAGEÁ-LOS COMO PATRONOS DE CADEIRAS ESPECIAIS DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, POR NÓS FUNDADA EM 1º DE MARÇO DE 1996, E DESDE ENTÃO POR NÓS PRESIDIDA. E AGRADECER O APOIO QUE RECEBEMOS DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO PARA O CUMPRIMENTO DE NOSSA MISSÃO COMO COORDENADOR DE FATO DA MISSÃO MILITAR RECEBIDA DO PROJETO E CONSTRUÇÃO DO PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES, INAUGURADO EM 19 DE ABRIL DE 1971 PELO PRESIDENTE EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI. E NO CITADO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO TIVEMOS O APOIO DE MAURO MOTA, VALDEMAR VALENTE E DA PROFESSORA EUGENIA CÉSAR DE MEDEIROS. E MAIS, AGRADECER O APOIO QUE TIVE DO PROF. VASCONCELLOS SOBRINHO, DA UFPE, COM QUEM MUITO APRENDI SOBRE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E SOBRE SUA TESE QUE, CREIO, A HISTÓRIA COMPROVOU QUE SUA TESE ERA VERDADEIRA, DE QUE O RIO SÃO FRANCISCO NÃO PODERIA SERVIR A DOIS SENHORES, OU SEJA, A PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA E A IRRIGAÇÃO. E ERA IMPOSITIVO RESTABELECE O REVESTIMENTO FLORÍSTICO DA VEGETAÇÃO CILIAR DO SÃO FRANCISCO E AFLUENTES, BEM COMO PRESERVAR O REVESTIMENTO FLORÍSTICO DE SUAS NASCENTES. AGRADEÇO OS APOIOS QUE RECEBI COMO NOVEL HISTORIADOR DO Ten Cel Inf GABRIEL ANTONIO DUARTE RIBEIRO, COMANDANTE MILITAR EM PERNAMBUCO, DO DR. AYRTON ALMEIDA DE CARVALHO, DEDICADO DELEGADO DO 1º DISTRITO DO DPHAN E A SURPRESA QUE ME FEZ EM HOMENAGEAR-ME NO INTERIOR DA IGREJA N. S. DOS PRAZERES NA VOZ DE TRÊS MENINOS REPRESENTANDO AS TRES RAÇAS QUE, UNIDAS, VENCERAM EM GUARARAPES. E MAIS, A DOAÇÃO DE EXEMPLAR ÚNICO DO LIVRO “ERA UMA VEZ...GUARARAPES”, DE AUTORIA DA MESTRA-ESCOLA, COM A SEGUINTE DEDICATÓRIA MANUSCRITA PARA UM NOVEL HISTORIADOR:

Ao eminente mestre Major Claudio Moreira Bento. Homenagem da mestra Escola pernambucana Maria Elisa Viegas de Medeiros, Recife 1o Jun 1971

O presente livro, elaborado em curto espaço de tempo por um historiador iniciante na atividade de historiador militar contém, por esta razão, deficiências no que tange às normas da ABNT, ou seja, de FORMA, mas que não afetam o FUNDO, o que considero, após 45 anos, valioso, e que colocado na INTERNET em Livros e

Plaquetas no site www.ahimfb.org.br espero assegurar a sua perenidade e acessibilidade.

MAJ ENG QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO

A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS

(Parque Histórico Marechal MANUEL LUIZ OSORIO) Osório, RS, 10 de maio de 1970

**PRELIMINARES DA GRANDE FESTA DA
NACIONALIDADE**

(Parque Nacional dos GUARARAPES, Jaboatão - Pernambuco)



R E C I F E
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - 1 9 7 1

DEDICATÓRIA

Aos lanceiros e ex-lanceiros da nobre arma de Cavalaria, e a todos os lanceiros da batalha do progresso, que aceitaram o desafio de conquista do grande objetivo nacional - O BRASIL GRANDE E NOVO.

Aqui um agradecimento especial ao escritor Nilo Pereira, da Academia Pernambucana de Letras através de sua Coluna NOTAS AVULSAS no Jornal do Comercio do Recife pelo estímulo que dele recebi.

Não poderia esquecer o apoio do jovem arqueólogo Marcos Albuquerque em suas pesquisas arqueológicas no Parque Guararapes 1970-1971 e hoje acadêmico da FAHIMTB, titular da cadeira especial Gilberto Freyre.

E também o apoio do grande intelectual Câmara Cascudo, por seu valioso aval ao meu livro sobre as Batalhas dos Guararapes, transcrito na 4ª capa da 1ª edição pela UFPE e apoio à minha revelação sobre o Major Antônio Dias Cardoso, hoje consagrado, por nossa sugestão, patrono das Forças Especiais do Exército Brasileiro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que espera registrar o marco inicial de nova forma de comunicação popular de nossa História Pátria, teve origem na honrosa missão que nos atribuiu o Exmo. Sr. Gen. Ex. Arthur Duarte Candal da Fonseca, Comandante do IV Exército: Realizar estudo dos fatos que culminaram com a inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luís Osorio, com a finalidade de relatá-los aos oficiais de seu Quartel-General, e ao mesmo tempo servindo de subsídio para o trabalho de construção do Parque Histórico dos Guararapes, a ser executado em curto prazo, conforme comunicação feita a S. Exa., pelo Exmo. Sr. Presidente da República Emílio Garrastazu Medici, quando da inauguração do Parque Marechal Osorio no Rio Grande do Sul, em 10 de maio de 1970.

O título - A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS - liga-se ao fato de ter sido a inauguração do parque realizada no DIA DA CAVALARIA, tendo como homenageado o Marechal Manoel Luís Osorio, seu Patrono, estando presentes vários oficiais gerais dela oriundos, oficiais a ela pertencentes, e o 13º RC - Regimento Osorio de Jaguarão trajando uniformes do tempo do Império.

O título nos deu oportunidade de escrever sobre um grande lanceiro republicano farrapo e seus lanceiros negros, intimamente ligados ao célebre lanchão farroupilha "SEIVAL" cuja réplica foi introduzida no Parque Marechal Osorio.

Nosso trabalho será desenvolvido em quatro capítulos:

No primeiro, serão abordados fatos relacionados com a ideia de construção do Parque Marechal Osório e sua efetiva realização.

No segundo, serão focalizados fatos relacionados com a inauguração do Parque Marechal Osório, cerimônia de mais alta significação histórica que sugeriu o título deste trabalho, tendo como base jornais de Porto Alegre dos dias 10 e 11 de maio de 1970.

No terceiro, além do autor prestar homenagens ao "MAIOR LANCEIRO DO BRASIL", fará comentários sobre episódios e personagens ligados ao lanchão farroupilha "SEIVAL", conforme foram publicados na imprensa do Recife, como parte da campanha em prol do Parque Guararapes, visando demonstrar às autoridades a necessidade e a oportunidade de utilizar motivos históricos, entre os quais a vida do Marechal Osorio e o episódio épico do referido lanchão farroupilha, na temática do Cinema Nacional, que deve, em sua função educativa, contribuir para desenvolver o culto ao CIVISMO BRASILEIRO.

Para tal, será indispensável que as autoridades responsáveis atuem como elementos catalizadores, orientando parte do cinema no sentido da História do Brasil.

No último capítulo, procuramos estabelecer ligações entre o Parque Histórico Marechal Osorio e o futuro Parque Guararapes, obedecendo o seguinte roteiro:

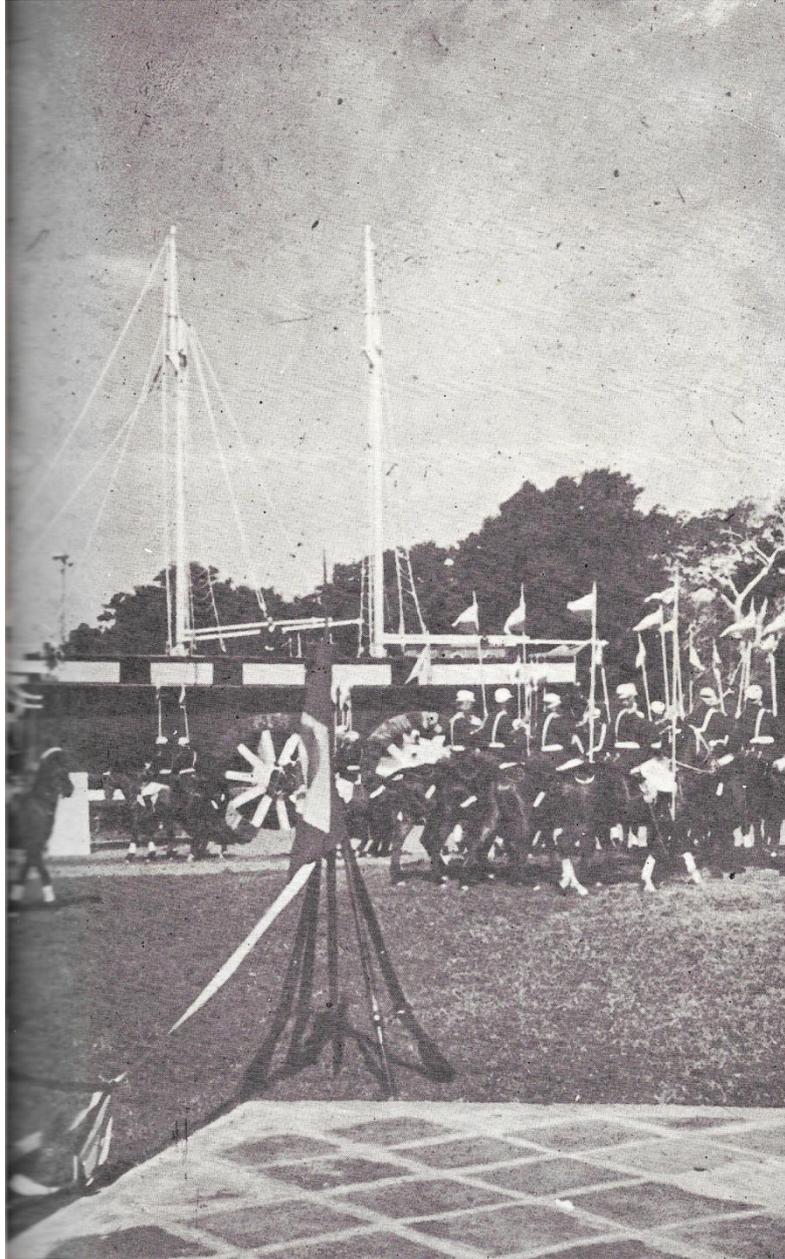
Reproduzindo "O GAÚCHO A PÉ E O PERNAMBUCANO A CAVALO" e "PERNAMBUCO NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA", artigos publicados na imprensa do Recife, pelos quais além de recordarmos afinidades históricas entre Pernambuco e o Rio Grande do Sul, revelamos, em primeira mão, conhecimento a Pernambuco da disposição presidencial de concretização do Parque Guararapes, em curto prazo, vindo ao encontro de velha aspiração, tanto do povo pernambucano como de ex-comandantes do IV Exército e mesmo do saudoso Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, na qualidade de ex-Comandante do IV Exército e de Presidente da República.

Publicando efemérides relativas às providências até o presente tomadas, para a concretização do Parque Guararapes.

Transcrevendo trabalhos de historiadores pernambucanos relativos às duas batalhas dos Montes Guararapes.

Esperamos que este simples trabalho atinja seus objetivos e chame a atenção das autoridades responsáveis, para a tarefa que lhes cabe na ação histórica de nosso cinema, a fim de que este possa contribuir como poderoso instrumento de desenvolvimento do CIVISMO BRASILEIRO.

O autor



13º Regimento de Cavalaria – Regimento Osório, desfilando em frente ao lanchão “Seival”

CAPÍTULO I

PRIMEIRO PARQUE HISTÓRICO DO BRASIL

INTRODUÇÃO

Em 10 de maio de 1970, numa das maiores festas cívicas dos últimos tempos, presentes, entre outras autoridades, o Presidente da República - Gen Ex EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI, Alto Comando do Exército, Ministros Civis, representantes do Superior Tribunal Militar e Governador do Rio Grande do Sul, foi inaugurado no município de Osório, RS, o Parque Histórico Marechal Manoel Luís Osorio.

A data de 10 de maio assinala o aniversário do nascimento de Osorio, sendo atualmente o dia da Arma de Cavalaria de nosso Exército, da qual Osorio é patrono, e o Presidente Medici foi destacado integrante até ser elevado ao generalato.

O parque inaugurado, o primeiro no gênero no Brasil, abrange terras onde fica a casa em que Osorio nasceu e passou sua feliz infância, até ingressar na carreira das armas aos 15 anos.

Ideia da construção do Parque

Em 10 de maio de 1969, decidiu o Cmt do III Exército, então o Gen Medici, que o Dia da Cavalaria daquele ano para seu Quartel-General, fosse assinalado por uma peregrinação cívica à antiga Estância do Arroio, que vira Osorio nascer, crescer e adestrar-se para ser aquele grande soldado de Cavalaria que, por sua intrepidez e sobretudo invulgar liderança em combate, se tornou uma lenda em nosso Exército.

O Gen Medici, ao chegar à Estância do Arroio constatou, com imensa tristeza, que a casa onde nascera Osorio se encontrava em ruínas; daí o desejo de reconstruí-la, tarefa da qual incumbiu o Coronel de Cavalaria ÉDISON BOSCACCI GUEDES, Chefe do EM da 3ª RM.

Construção do Parque Osorio

Comissão de Construção

A comissão de construção do parque nomeada pelo Gen Medici, Cmt do III Exército e à qual muito se deve a conclusão do empreendimento histórico e cívico em tão curto espaço de tempo, teve a seguinte constituição:

Presidente:

Cel Cav ÉDISON BOSCACCI GUEDES

Coordenadores:

**Ten Cel Cav HÉLDER MACEDO GAUDIE LEY, Maj Cav DANTON HEIFLER
NOGUEIRA e Cap Cav RENATO DENARDIN GUIMARÃES**

Construtores:

Maj Eng LUIGY TIELLET DA SILVA e Maj Art HOMEM VOGES CUNHA

Topógrafo:

2º Ten ALDIVO GETÚLIO CAVINATTO

Tesoureiro:

2º Ten ALVARO VESPASIANO DE FARIAS

**Construtor:
IVO MARTINS RAMOS**

Reconstituição da Casa de Osorio

Restando da casa quase somente os alicerces, entregam-se à tarefa de reconstituição, à base de plantas existentes, competentes e experimentados engenheiros militares, que foram assessorados pelo Sr. ROMÁRIO MACHADO, descendente de Osorio, e que na referida casa nascera e aí passara a maior parte de seus 69 anos.

Os trabalhos de reconstituição estiveram a cargo do construtor IVO MARTINS RAMOS.

Obtenção de terras necessárias ao Parque

As terras pertencentes ao parque que se elevam, hoje, a 60 hectares, fizeram parte, no passado, da Estância do Arroio onde nasceu Osorio.

Para que elas atingissem esta soma, em muito contribuiu a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, através de seu presidente KANITAR CAMBOIM MARTINS.

Situam-se as referidas terras próximas à barra do Tramandaí, denominadas de TRAMANBUNDUM no roteiro de Domingos Filgueiras, 1703 (Colônia do Sacramento-Laguna); logo depois serviriam de "invernadas" para as tropas de gado vacum que lagunenses preavam ou negociavam com os índios nas campanhas uruguaias, enquanto aguardavam melhores condições de transposição do Tramandaí para atingir LAGUNA, e após, Lages, Curitiba e São Paulo.

Dentre os primeiros lagunenses a se fixarem no Rio Grande de então, e próximo a esta fazenda, destacamos Francisco Azambuja, tronco do mais antigo oficial de cavalaria presente à festa, Gen OSCAR AZAMBUJA, DE TRONCOS SECULARES do Gen João Borges Fortes).

August St. Hilaire quando de sua chegada ao Rio Grande do Sul em 1821, após transpor o Tramandaí, cruzaria com suas carretas as terras da Estância do Arroio rumo a Porto Alegre, sendo de se presumir que Osorio, então com 13 anos, o tenha visto atravessar suas terras e o ajudado. Osorio, quando com oito anos, viu atravessar o Tramandaí, proveniente de Laguna e rumo ao Uruguai, a Divisão de Voluntários Reais ao comando do Gen Carlos Frederico de Lecor, fato que por certo muito o teria impressionado, e seria motivação por longo tempo para suas brincadeiras de futuro soldado, tão a seu gosto, conforme registra a história.

Estas mesmas terras seriam atravessadas, na primeira quinzena de julho de 1839, pela mais estranha procissão jamais vista nas redondezas, e que consistia de dois enormes barcos, o "SEIVAL" e o "FARROUPILHA", colocados sobre enormes carretas rebocadas cada uma por meia centena de juntas de bois, e acompanhados de enorme séquito de cavaleiros (Cena imortalizada em alegoria pelo pintor Lucílio Albuquerque).

Construção da estrada de acesso ao Parque Osorio

Distando o Parque Osorio cerca de 2 km da rodovia Osório-Tramandaí, para que ele, além de cumprir sua função histórica, se constituísse em atrativo turístico, era necessário fosse ligado por uma estrada que em qualquer tempo permitisse e encorajasse o afluxo de turistas.

Assumindo o Gen Medici a Presidência da República, determina ao Ministro dos Transportes, Cel MÁRIO DAVID ANDREAZZA, verificar a viabilidade econômica da ligação, que, uma vez confirmada, foi autorizada sua construção asfaltada tornando-se dita rodovia fator decisivo no destino do parque como empreendimento turístico, principalmente após inaugurada toda a BR-101 (NATAL-OSÓRIO), ligando os dois RIO GRANDE, o do sul e o nordeste.

Reconstituição do "SEIVAL" e seu significado

O "SEIVAL" foi um dos barcos da flotilha gaúcha ao comando de Garibaldi, transportados da Lagoa dos Patos até o Oceano, através do Tramandaí.

Graças ao feito épico, caracterizado por hercúleo esforço, foram os barcos retirados d'água, e sobre enormes carretas especiais, rebocados por numerosas juntas de bois, até serem colocados n'água novamente, ganhando o oceano através do Tramandaí, rumo à Laguna-SC, em combinação com ação terrestre, ao comando de um dos maiores lanceiros farrapos, o Ten Cel Teixeira Nunes, "O Cel Gavião", numa expedição ao Comando Geral de David Canabarro, tudo visando à conquista de porto de mar para que a República do Piratini respirasse e ao mesmo tempo pudesse expandir o ideal republicano federativo.

A idéia de colocar uma réplica do "SEIVAL" no parque, foi do Presidente EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI, ao lhe ser lembrado que, pela estrada que passava perto da Casa de Osorio, transitara, na primeira quinzena de julho de 1839, a expedição de Garibaldi com os barcos "FARROUPILHA" e "SEIVAL", rebocados por inúmeras juntas de bois e sobre enormes carretas especiais.

O "SEIVAL", ao comando do norte-americano JOHN GRIGGS, seria o único a atingir Laguna, pois o "FARROUPILHA" naufragou próximo à foz do ARARANGUÁ, por quase milagre salvando-se Garibaldi, e se afogando dois de seus companheiros de infância e de aventuras, Carniglia e Matru.

Por certo, o Presidente Medici ao recordar os feitos do "SEIVAL", os fatos e personagens a ele ligados, e que serão tratados mais adiante neste trabalho, manifestou o desejo presidencial de ver construída sua réplica, para colocá-la naquele parque, e assinalar uma das mais belas páginas da história do Rio Grande Heróico, com repercussão nacional e internacional.

Seu desejo, o Presidente Medici manifesta ao seu Ministro de Transportes Cel MÁRIO DAVID ANDREAZZA, sendo por este incumbido da tarefa o Estaleiro Só que, habituado ao trabalho em aço, patrioticamente, e assessorado por historiadores gaúchos, reconstituiu a réplica do "SEIVAL" em madeira.

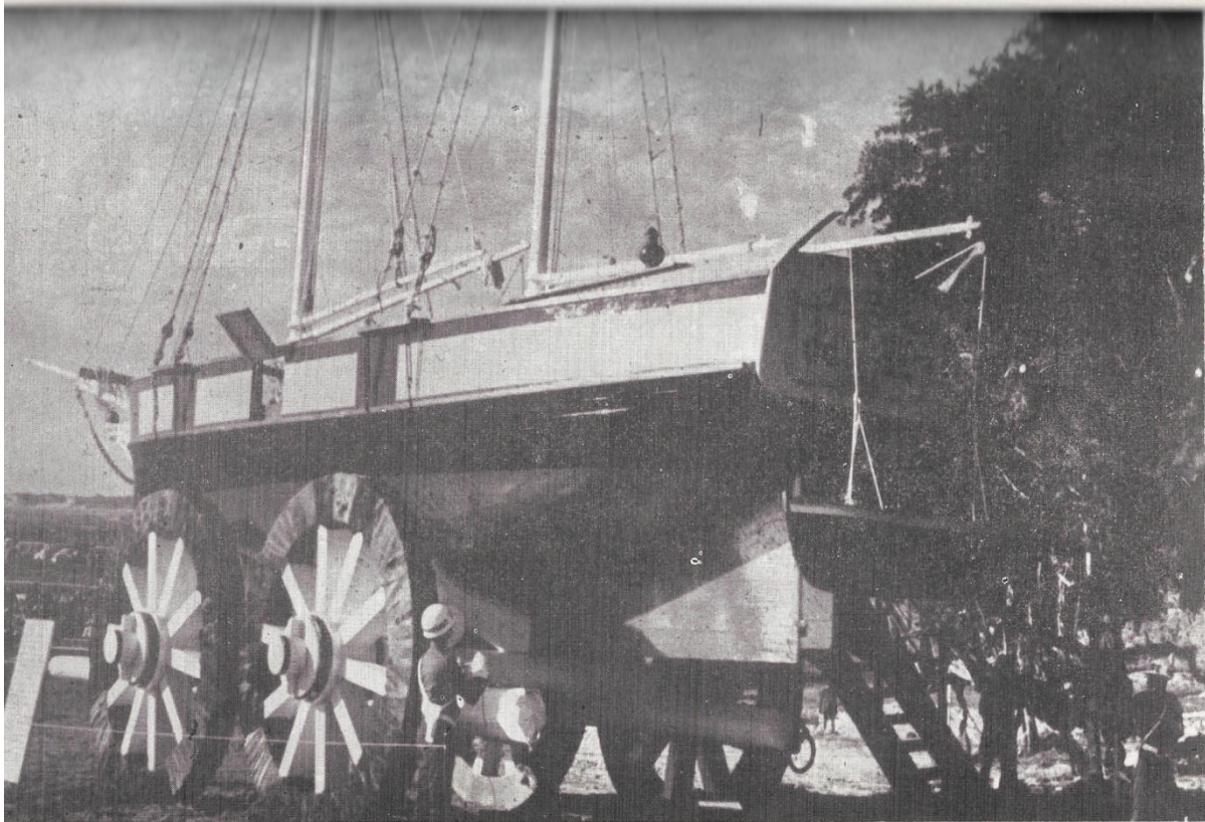
O verdadeiro "SEIVAL" foi construído no Estaleiro Farrapo, na margem Sul da Barra do Camaquã, e portanto próximo, em termos de Brasil, do Estaleiro Só, e após decorridos 142 anos (Ano 1838).

O nome "SEIVAL" resultou de uma batalha vitoriosa dos farroupilhas, após a qual, seu vencedor, Gen ANTÔNIO DE SOUZA NETO, proclamou a República Rio-Grandense, e por tradição, do Piratini.

O Gen Neto foi cavaleiro e lanceiro dos mais destacados, e intimamente ligado à histórica Bagé, onde foi abastado estancieiro.

No Paraguai, no comando de sua BRIGADA LIGEIRA DE VOLUNTÁRIOS DE CAVALARIA, organizada às expensas de estancieiros exilados no Uruguai, em consequência da Revolução Farroupilha, participou com destaque nos festivais de cargas de nossa cavalaria, muitas épicos, ombreando-se com seus maiores astros,

Osorio "O Legendário", Andrade Neves "O Vanguardeiro", Gen Câmara e Gen Vitorino.



Réplica do lanchão "Seival" sobre enormes rodas de madeira

"O SEIVAL" do Parque Osorio representa um elo entre dois destacados lanceiros em TUIUTI no Paraguai, e revolucionários no início da Farroupilha, até que Osorio dela se retirou, ao temer tomasse a mesma um rumo separatista.

O Presidente Medici, Osorio e o "SEIVAL", simbolizando a vitória farroupilha de Neto, representam traço de união dos lanceiros do presente com os lanceiros do passado, bem como de três destacados homens, intimamente ligados a Bagé, inclusive por se terem casado com filhas desta histórica cidade.

Colaboradores do empreendimento

Além dos já mencionados:

**MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADES DO III EXÉRCITO
BANCOS DO PARANÁ
G B O Ex
MONTEPIO DA FAMÍLIA MILITAR**

**SUPERINTENDÊNCIA NACIONAL DA MARINHA MERCANTE
DNER - ROMÁRIO MARQUES MACHADO**

Futuro do 1º Parque Histórico do Brasil

O Parque abriga como empreendimento histórico a Casa de Osorio, e as réplicas do "SEIVAL" e da carreta que o transportou. Na parte turística contará com um moderno Motel, com cerca de 90 leitos e área destinada a "camping", costume saudável de se passar fim de semana ao ar livre, com o objetivo de revigoração mental e de tonificar o sistema nervoso. O brasileiro vem adotando aos poucos este tipo de esporte.

Existirão, por outro lado, áreas destinadas aos escoteiros e para a prática de esportes, desde o futebol até o polo.

Estes empreendimentos, e outros mais, deverão estar prontos juntamente com o mausoléu-monumento destinado a receber os restos mortais de Osorio e de sua esposa, ao que parece, em data de 4 de outubro de 1970, que corresponde ao Centenário de sua morte.

Nesta ocasião, Osorio retornará através de seus veneráveis restos mortais, e após 171 anos, "*aos verdes campos do lugar*", do lugar que o viu nascer, crescer e partir para a glória militar eterna.

Lugar onde passou o período mais belo de sua vida, a infância, tão bem cantada nestes versos de Casimiro de Abreu:

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor.
O mar é - lago sereno
O céu é - manto azulado
O mundo - um sonho dourado
A vida - um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida
Que noites de melodia
Naquela doce alegria
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado de estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Desde agora, autoridades e povo prepararam festas que assinalarão o Centenário de sua vida como político e administrador de pós-guerra do Paraguai, na qualidade de Ministro da Guerra e de Senador do império, por sua querida Província do Rio Grande do Sul. Dentro do espírito destas palavras pronunciadas pelo Presidente Medici, próximo à figueira que viu Osorio crescer na Fazenda do Arroio:

"ESTA, MEUS SENHORES É A HORA EM QUE O BRASIL PRECISA, MAIS DO QUE NUNCA, DO CIVISMO DE SEU POVO".

Seria oportuno lembrar que nosso cinema está maduro, e em condições de promover, através do INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA, contando também com a colaboração privada, a confecção no Brasil, do primeiro filme histórico, utilizando como tema a vida de Gen Osório e o episódio do Barco "SEIVAL".

O cinema, cremos, mais do que outro meio qualquer, seria capaz de desenvolver o civismo do brasileiro, *"nesta hora em que o Brasil tanto dele necessita"*, como disse o Presidente Medici.

Portanto, aqui fica um desafio ao Ministério de Educação e Cultura e aos produtores do cinema nacional, no sentido de levarem à tela estes dois temas históricos, Osorio e o "SEIVAL", sendo que no segundo poderiam ser interessados o cinema italiano e norte-americano para produzi-lo em consórcio, por envolver além de brasileiros, italianos e um norte-americano, conforme poderá ser concluído nas histórias de lanceiros, heróis e heroínas constantes deste trabalho.

CAPÍTULO II

INAUGURAÇÃO DO PARQUE MARECHAL OSORIO

Altas autoridades presentes

Decorrido um século do término da Guerra do Paraguai, a liderança eletrizante, fascinante, carismática, quase legendária de Osorio e, sobretudo, o seu belo exemplo de soldado, se faziam sentir, atraindo aos campos da Estância do Arroio, o Presidente da República do Brasil, três Ministros de Estado, o Alto-Comando do Exército, além de numerosas autoridades militares, civis e eclesiásticas e grande parcela do povo, principalmente gaúcho.

Entre as autoridades presentes, destacou a imprensa:

- Presidente da República do Brasil - Gen EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI;
- Ministro do Exército Gen Ex ORLANDO GEISEL;
- Ministro das Relações Exteriores - Dr. MÁRIO GIBSON BARBOSA;
- Ministro da Agricultura - Dr. CIRNE LIMA;
- Ministro dos Transportes - Cel MÁRIO DAVID ANDREAZZA;
- Ministro do Superior Tribunal Militar - Gen Ex ADALBERTO PEREIRA DOS SANTOS;
- Cmt da ESG - Gen Ex AUGUSTO FRAGOSO;
- Chefe do Estado-Maior do Exército - Gen Ex ANTÔNIO CARLOS DA SILVA MURICY;
- Cmt do I Exército - Gen Ex SYSENO SARMENTO;
- Chefe do DPG - Gen Ex ALFREDO SOUTO MALAN;
- Chefe do Dep. Ensino e Pesquisa - Gen Ex AUGUSTO CÉSAR DE CASTRO MONIZ DE ARAGÃO;
- Chefe do DGP - Gen Ex ISAAC NAHON;
- Cmt do IV Exército - Gen Ex ARTHUR DUARTE CANDAL DA FONSECA;
- Chefe do DPO - Gen Ex RODRIGO OCTÁVIO JORDÃO RAMOS;
- Cmt do III Exército - Gen Ex BRENO BORGES FORTES;
- Chefe da Casa Militar - Gen Bda JOÃO BATISTA FIGUEIREDO;
- Chefe do SNI - Gen Bda CARLOS ALBERTO DA FONTOURA;
- Chefe da Casa Civil da Presidência da República - Ministro JOÃO LEITÃO DE ABREU;
- Governador do Rio Grande do Sul - Cel da Brigada Militar WALTER PERACCHI BARCELOS; e
- Secretário de Imprensa - CARLOS FEHLBERG.

Cerimônia de Inauguração (Sequência)

- **Chegada do Presidente Medici em helicóptero;**
- **Recepção do Presidente pelo Gen BRENO BORGES FORTES, Cmt do III Ex, e pelo Governador do RS WALTER PERACCHI BARCELOS.**
- **Os lanceiros do 13° RC - REGIMENTO Gen OSORIO de Jaguarão, ao Comando do Cel TRISTÃO CARTAXO PEREIRA e vestindo uniformes do tempo do Império, prestam honras militares ao Presidente, e o escoltam até a Casa de Osorio.**
- **O Presidente atravessa ala formada por alunos do COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE, que empunhavam símbolos e bandeiras de Unidades de Cavalaria de nosso Exército.**
- **O Cel EDISON BOSCACCI GUEDES recepciona o Presidente Médici.**
- **O Presidente Médici cumprimenta os Oficiais Gerais presentes à festa, e perfilados defronte à Casa de Osorio.**
- **O Presidente Médici, ao som dos acordes do Hino Nacional, hasteia defronte à Casa de Osorio o Pavilhão Nacional, ao mesmo tempo que, a seu lado, o Gen OSCAR DE AZAMBUJA, o mais antigo Oficial de Cavalaria, hasteava o Pavilhão do Império.**
- **Discurso do Cel EDISON BOSCACCI GUEDES (Anexo).**
- **Inauguração oficial do Parque, quando o Presidente corta a fita colocada entre armas ensarilhadas, junto à Casa de Osorio.**
- **Cerimônia na CASA DE OSORIO:**

Descerramento da placa alusiva à inauguração da Casa de Osorio, casa abençoada pelo Capelão NILO KOLLET, após o que foram descerradas suas portas e janelas, para permitir a entrada ao Presidente acompanhado de sua esposa D. Scyla Médici.

Descerramento da placa no interior da Casa, inaugurando-a como museu.

Entrega ao Presidente, pelo Sr. Romário Machado, de documentos históricos que pertenceram a Osorio.

O Presidente assina Decreto, transformando o 13° RC de Jaguarão "REGIMENTO OSÓRIO", em 3º Regimento de Cavalaria de Guardas - REGIMENTO OSÓRIO, com sede em Porto Alegre. Neste momento faz uso da palavra o Gen Ex BRENO BORGES FORTES - Cmt do III Exército, e entrega ao Presidente um Bronze de Osorio como recordação (Discurso em anexo).

- **Visita à réplica da carreta usada por Garibaldi e John Griggs, para transportar por terra o "SEIVAL", da Lagoa dos Patos até o mar.**
- **Execução do Hino Rio-grândense, pelo Coro Orfeônico Escola Normal 10 de maio.**
- **Subida do Presidente a bordo da réplica do "SEIVAL", percorrendo demoradamente todas as suas dependências, talvez mentalizando os feitos de sua guarnição ao comando de John Griggs, e após Lourenço Valerigni, e seu transporte por terra, sob a liderança de Garibaldi.**
- **Discurso do Gen Ex ADALBERTO PEREIRA DOS SANTOS - Ministro do Superior Tribunal Militar interpretando o sentimento do Exmo. Sr.**

Presidente da República, e igual que este, destacado lanceiro até atingir o generalato (Anexo).

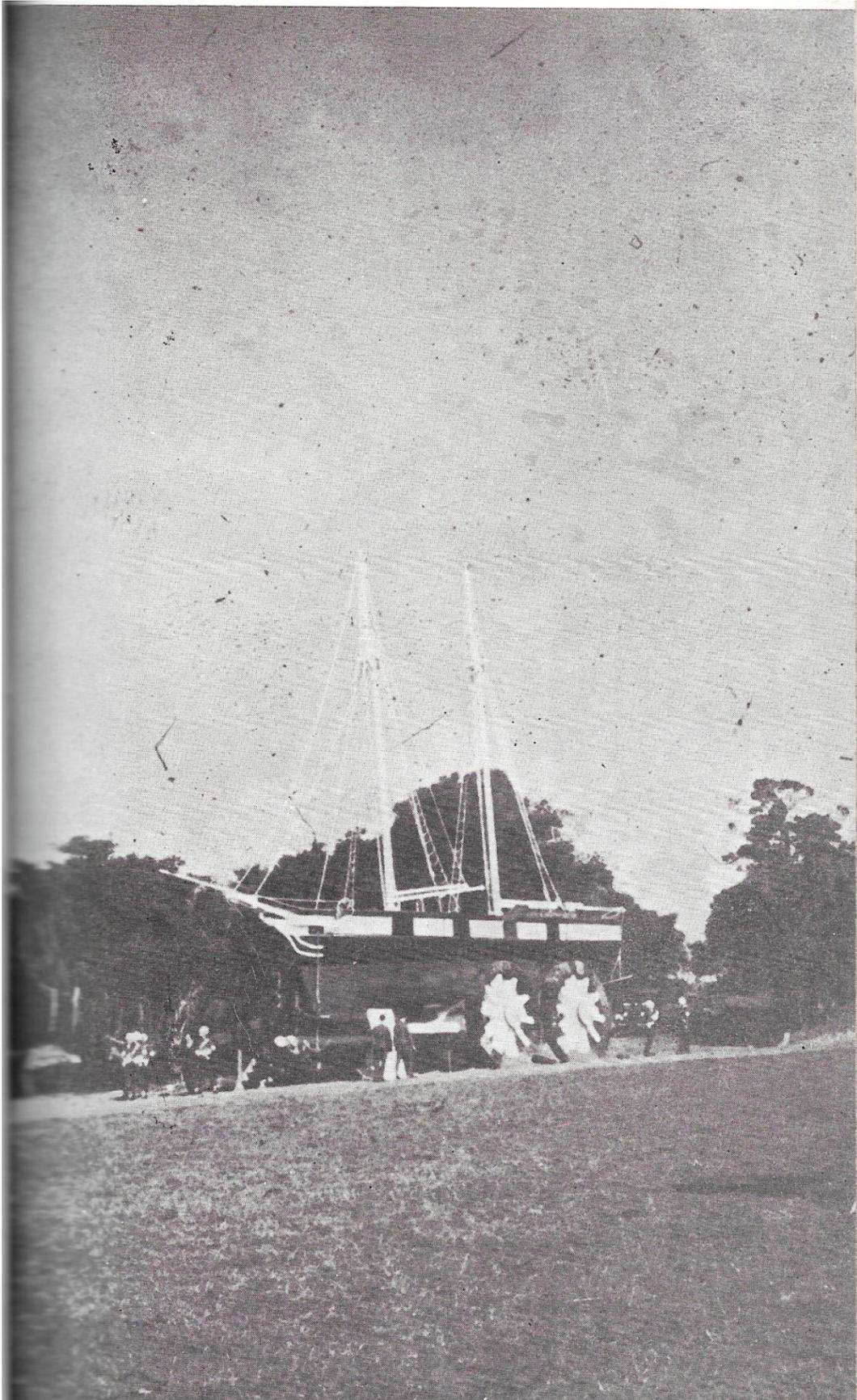
Dizeres das placas descerradas em 19 de maio de 1970, pelo Exmo. Sr. Gen Ex Emílio Garrastazu Médici, no interior e exterior da Casa de Osorio:

No interior

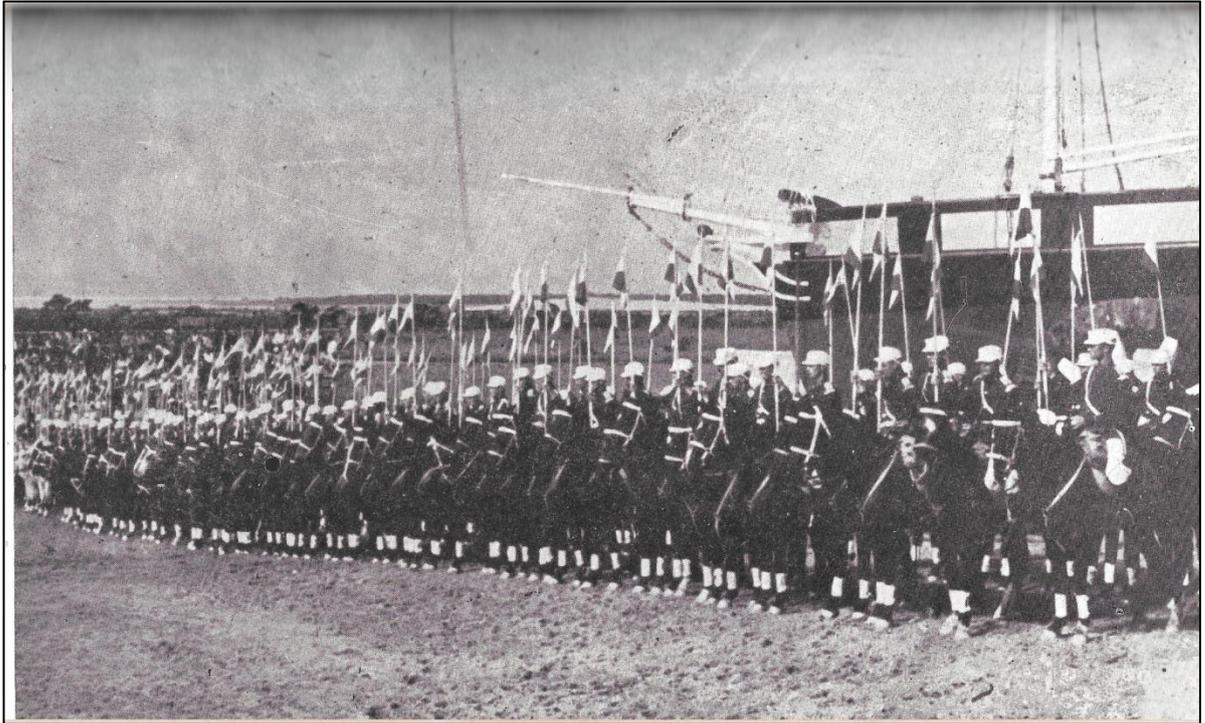
**CASA RECONSTRUÍDA EM 1969, E INAUGURADA PELO EXMO. SR.
PRESIDENTE DA REPÚBLICA GENERAL DE EXÉRCITO EMÍLIO GARRASTAZU
MÉDICI
N. S. DA CONCEIÇÃO DO ARROIO
10 DE MAIO DE 1970**

Bandeiras do Brasil da República e do Império após a cerimônia de hasteamento





Outra visão da réplica do lanchão "Seival"



13º Regimento de Cavalaria - Regimento Osório, formado defronte ao legendário "Seival"

No exterior

NESTA CASA, NO DIA 10 DE MAIO DE 1808, NASCEU MANOEL LUIZ OSORIO, QUE MAIS TARDE VIRIA A SER MARECHAL DE EXÉRCITO, MARQUÊS DO HERVAL, MINISTRO DA GUERRA E PATRONO DA CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

N. S. DA CONCEIÇÃO DO ARROIO

10 DE MAIO DE 1970

Apoteose da Grande Festa dos Lanceiros

Durante o desenrolar das festividades, o oficial mestre de cerimônias, utilizando-se de um microfone, recordava a vida de Osorio e exaltava suas qualidades e feitos heróicos.

Ao término da cerimônia, e em seguida ao discurso do Exmo. Sr. Gen Ex ADALBERTO PEREIRA DOS SANTOS, interpretando o sentimento do Exmo. Sr. Presidente da República, os presentes, em meio a significativo silêncio, e presos de incontida emoção, assistiram o grande festival de civismo e de vibração militar com duração de 5 minutos, denominado "PASSAGEM DO GENERAL OSORIO".

O festival teve início com o desfile dos símbolos que caracterizavam Osorio, seu cavalo em estátua, lança e carruagem vindos especialmente do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Enquanto se processava este desfile, uma bateria de artilharia homenageava a passagem, com uma salva de 21 tiros, os clarins do 13º RC - REGIMENTO OSORIO -

executavam o toque de silêncio, e os alunos do Colégio Militar de Porto Alegre soltavam centenas de pombos que fizeram bela revoada sobre a Casa de Osorio.

Como fecho apoteótico, desfila o 13º RC - REGIMENTO OSÓRIO - trajando uniformes do tempo do homenageado, ao som da Canção da Cavalaria, e logo após ao galope, ao som da Marcha Triunfal da ópera Aída, de Giuseppe Verdi.

Churrasco gaúcho na Estância do Arroio

Como se tratava de festa em solo gaúcho e em homenagem a Osorio, não poderia faltar o tradicional churrasco e a presença de um centro de tradições gaúchas local, o "ESTÂNCIA DA SERRA", a animar os presentes com suas danças e cantos regionais.

O churrasco foi servido em galpão especial construído no parque, próximo a uma figueira, em cuja sombra brincou e cresceu Osorio, então chamado por seus familiares e amigos de NECO ou NEQUINHO.

Durante o churrasco o Exmo. Sr. Gen ORLANDO GEISEL, Ministro do Exército e filho do Rio Grande do Sul, agradeceu ao Exmo. Sr. Presidente da República - Gen Ex EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI, o fato de ter prestigiado, com sua presença, uma festa tão significativa para o Exército e para a Arma de Cavalaria.

O Ministro ORLANDO GEISEL destaca a bela vida de Osorio e a decisão do Governo de elevá-lo a patrono da Cavalaria.

Ao saudar o Presidente Medici disse que S. Excia. deixará de ser "O SOLDADO BRASILEIRO" para se tornar o chefe de todos os brasileiros.

Agradecendo, o Presidente Medici fez uma breve alocação sobre o CIVISMO, e de sua necessidade para a formação do CIDADÃO.

Lamentou a ausência do Gen Ex JOSÉ CANAVARRO PEREIRA, Cmt do II Exército, que se encontrava no cumprimento do seu dever, empenhado no momento na solução de problemas de Segurança Nacional na área de seu Exército.

Criticou os maus brasileiros, que por falta de CIVISMO se esqueceram do Brasil e procuram dividí-lo.

Citou o exemplo dos farroupilhas que, à simples tentativa de aproximação dos estrangeiros, depuseram as armas, declarando que acima de seus ideais de república, estavam os seus sentimentos de brasileiros que não podiam perder de vista o sentido de UNIDADE NACIONAL.

A seguir, anunciou a sua disposição de inaugurar parques históricos em homenagem a Rio Branco e Olavo Bilac, e ao General de Exército ARTHUR DUARTE CANDAL FONSECA - Cmt do IV Ex, a de inaugurar para breve o PARQUE HISTÓRICO GUARARAPES, pelo que esse nome significa na FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA.

Em certa altura ressaltou: "*a inauguração de parques históricos é um ato de civismo, este, mais do que nunca tão necessário ao Brasil*".

Trecho do discurso do Cel Edison Boscacci Guedes

Ainda guardo bem nítido na lembrança o dia nove de maio de 1969, quando o então comandante do III Exército, o General Emílio Garrastazu Medici, aqui esteve em companhia do governador Walter Peracchi Barcellos e vários oficiais do Exército, em uma verdadeira romaria à casa onde tinha nascido senão o maior, um dos maiores heróis da história de nossa Pátria, o Marechal Osorio. Relembro que da velha casa só restavam os alicerces. Naquela oportunidade, em gesto muito próprio, o Gen Medici, motivado por sentimentos de tradição e civismo, que sempre estão presentes

em suas atitudes, deu-nos a honrosa incumbência de reconstruir a casa de Osorio, uma velha e grande aspiração dos cavalarianos do Exército Brasileiro, por ser Osorio o patrono da nobre Arma de Cavalaria. **DA SIMPLES RECONSTRUÇÃO DA CASA, A IDEIA EVOLUIU E FOI TOMANDO VULTO, PARA CONCRETIZAR-SE NA REALIZAÇÃO PRESENTE: UM PARQUE HISTÓRICO COM A FINALIDADE DE CULTUAR A TRADIÇÃO E O CIVISMO DO POVO BRASILEIRO.** De posse do plano diretor para as obras, que incluem o acesso de um quilômetro e meio à rodovia Osório-Tramandaí, o presidente Medici entusiasmou-se pela obra de imediato, solicitando a colaboração do Ministério dos Transportes para a elaboração dos trabalhos que viriam concretizar a primeira etapa da implantação do parque histórico. Durante a exposição do plano diretor, um pequeno caminho à casa de Osorio despertou a atenção do presidente da República. Ciente de que era o caminho pelo qual havia passado Giuseppe Garibaldi, rebocando os dois barcos farroupilhas, o "Seival" e o "Farroupilha", tracionados por 50 bois cada um, teve a idéia de colocar no parque uma réplica do "Seival" e uma carreta. Os trabalhos que integrarão a segunda etapa das obras do parque, a ser concluída até 10 de maio do próximo ano: construção de um Motel pela Cadeia de Motéis Charrua; um obelisco alusivo com 50 metros de altura; zona de recreação; área para "camping"; e o jazigo destinado a receber os restos mortais de Osorio e de sua esposa, dona Francisca Fagundes Osorio.

Discurso do Gen Ex Breno Borges Fortes, Cmt do III Ex, no interior da casa de Osorio - em 11 de maio de 1970

O CULTO AOS HERÓIS DO PASSADO É UM DOS MAIS BELOS E SAGRADOS DEVERES DE UMA NAÇÃO. Hoje, portanto, é um dia que enche a todos nós de grande júbilo e da pura felicidade que nos dá o dever cumprido. **ESTA INAUGURAÇÃO FICARÁ ASSINALADA COMO UM MARCO LUMINOSO NA HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. O PARQUE HISTÓRICO MARECHAL DE EXÉRCITO MANOEL LUIZ OSORIO PERPETUARÁ NO TEMPO A IMAGEM GLORIOSA DO PATRONO DA CAVALARIA BRASILEIRA E AJUDARÁ A TRANSMITIR, ÀS GERAÇÕES VINDOURAS, A LIÇÃO DE CIVISMO E BRASILIDADE QUE NOS LEGOU E QUE SÃO A PRÓPRIA BASE DE NOSSA EXISTÊNCIA, COMO NAÇÃO INDEPENDENTE.**

Um outro fator completa a felicidade deste momento. Quis o destino insondável em seus desígnios, que a obra fosse inaugurada pelo seu realizador, o general Medici, que, quando no comando do III Exército, lançou a idéia de sua construção e foi até hoje o seu incentivador máximo. Por tudo que esta obra representa e pelo incondicional apoio que nos foi dado, somos gratos a V. Exa., pelo papel decisivo que representou para sua concretização.

Traduzindo este reconhecimento, tenho a honra e a imensa satisfação de, em nome de seus camaradas e amigos do III Exército, oferecer a V. Exa. este bronze de Osorio, como lembrança desta cerimônia. Temos certeza de que ao contemplá-lo no recesso de seu lar, V. Exa. relembra este dia com orgulho, porque se sentirá vigorado para enfrentar os árduos deveres de Chefe da Nação, que soube aceitar do mesmo modo que Osorio outrora, que nunca deixou de atender os chamados da Pátria. Muito obrigado e que Deus o guarde, sr. Presidente!"

Discurso do Exmo. Sr. Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos - Ministro do Supremo Tribunal Militar, feito em nome do Presidente da República - Gen Ex Emílio Garrastazu Medici

Exmo. Sr. Presidente da República, General de Exército Emílio Garrastazu Medici; Exmos. Srs. Ministros de Estado; Exmo. Sr. Governador do Rio Grande do Sul; Exmos. Srs. Oficiais Gerais; digníssimas autoridades federais, estaduais, municipais e religiosas; digníssimos descendentes do general Osorio; Senhores oficiais; minhas senhoras, meus senhores; meus camaradas da Cavalaria; Estamos diante de um fato histórico de marcante e profunda significação para esta terra.

Inauguramos hoje, dia da Cavalaria, nesta hora, o primeiro Parque Histórico do Brasil. O Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório. Nesta casa, neste ambiente, e sob este mesmo céu, aqui em Conceição do Arroio, hoje município de Osorio, e neste distrito de Tramandaí, nasceu Manoel Luiz Osorio. Vemos o berço com as mesmas características dos nascidos para as grandes predestinações.

ESTA CASA REAVIVADA, BEM QUE FALA A LINGUAGEM DOS PAMPAS VITORIOSOS. E FOI AQUI QUE ELE BRINCOU E PASSOU SUA INFÂNCIA, OS SEUS MELHORES DIAS. POR AQUI TAMBÉM RANGERAM OS EIXOS DO LANCHÃO "SEIVAL", QUE PASSARAM CANTANDO MELODIAS DE GUERRA NO SILÊNCIO DAS NOITES, COM AS CARRETAS PUXADAS POR 50 JUNTAS DE BOIS, e por aqui passarão muito em breve as juntas motoras do progresso da atualidade, que no amplexo e num anseio da pátria a BR-101 ligará este parque a Fortaleza no Ceará. É a estrada do litoral que vem do Chuí. Osorio, militar e titular brasileiro, nasceu em 1808 em Conceição do Arroio, que hoje tem o seu nome. Esta província do Rio Grande do Sul, viu a luz de seus olhos que se fecharam no Rio de Janeiro em 1879. Barão, Visconde e Marquês do Herval, ele é o Patrono da Cavalaria.

Da singeleza do seu início subiu aos mais altos cargos do País. Foi Senador e Grande do Império, Ministro de Estado e Conselheiro da Coroa. A 1º de maio de 1823, assentou praça na Legião Paulista em plena campanha no Uruguai. Seu batismo de fogo, foi no encontro do Arroio Miguelito. Participou da guerra das províncias unidas do Rio da Prata.

DESTACOU-SE NO ENCONTRO DO SARANDI, SENDO O ÚNICO OFICIAL DO SEU ESQUADRÃO QUE ESCAPOU COM VIDA. SUA LEALDADE DE SOLDADO AUDAZ VENCEU E AUMENTOU DE VALOR NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, onde emprestou segurança a seu comandante, acompanhando-o e protegendo-o até passar a fronteira e depois foi se apresentar ao Comando das Armas. Contra Oribe e Rosas, destaca-se na batalha decisiva e aí foi promovido a coronel. Em 2 de dezembro de 1856, foi graduado em brigadeiro e elevado depois a inspetor da Cavalaria no Norte. Na campanha Oriental, coube-lhe o comando da Primeira Divisão do Exército do Mar João Propício Menna Barreto de quem recebeu o comando em chefe do Exército Imperial, ao iniciar-se a guerra contra o governo do Uruguai. O Tratado da Tríplice Aliança, lhe daria aquele comando e logo após seria elevado a Marechal de Campo. Foi o primeiro a pisar o solo paraguaio. Na primeira batalha de Tuiuti seu valor pessoal foi inexcedível na estrondosa vitória. Foi ferido mais tarde e mais tarde afasta-se, mas depois volta à frente do 3º Corpo de Exército. Comanda a marcha de flanco de Tuiuti a Tuiu-cue e participa das operações preparatórias até a transposição da estrada sobre o Chaco. Foi elevado a Visconde em 1878; teve destacada atuação na batalha do Avaí, onde foi ferido no maxilar. Volta em tratamento para Pelotas e no comando do conde D'Eu era já trazido de volta ao comando do I Exército que o levou a Peribebui, onde mal se podia manter a cavalo. Volta ao Rio Grande e foi elevado à dignidade de Marquês e graduado em Marechal do Exército.

Em 1877, era escolhido Senador vitorioso por sua Província e no ano seguinte era Ministro de Guerra. Morreu nesta alta função, estando sepultado na cripta do seu monumento na capital da Guanabara. Um dos seus mais destacados biógrafos, o coronel João Batista Magalhães, faz a síntese da sua personalidade: "*Sua maneira*

simples, desassombrada, a ausência de veleidades à ocupação das altas posições que os fatos lhe impuseram, foram evidentemente, as principais armas com que venceu acérrimos adversários na arena política do seu país. Como a sua modéstia, franqueza, prudência e seu heroísmo sem vacilações, foram o esteio forte que amarrou nos campos de batalha os êxitos audaciosos que as ocasiões propícias evitaram. Criado em meio das lutas que resultaram do processo para a fixação dos limites entre as nações que interessam à Bacia do Prata, cresce com a alma brasileira desenvolvendo sua ação pessoal, sem nenhum preconceito herdado das disputas luso-hispânicas. Por certo possui inconfundível patriotismo, mas é espírito aberto à fraternidade, sempre disposto ao respeito das susceptibilidades nacionais que se formavam no Prata. Do ponto de vista político nacional, Osório foi um batalhador pela verdade das instituições, um amigo destemido do progresso normal, ordeiro, sem convulsões. Nada servil, calmo, era insensível à lisonja e às perturbações da vaidade que a muitos arrasta nas decisões solenes. Heróico, sabia resistir aos abusos dos poderosos de todos os matizes, se

DO PONTO DE VISTA MILITAR, O ESTUDO DE OSORIO REVELA-NOS UMA DESSAS NATUREZAS NASCIDAS PARA COMANDAR, UM DESSES CHEFES QUE FASCINAM, COMO TALVEZ NENHUM OUTRO CHEFE JAMAIS CONSEGUIU TÃO ALTO GRAU. Osorio é na guerra ou na paz um homem eminentemente de ação, que caminha na vida com passos seguros e olhos fitos no futuro. O SEU HEROÍSMO DESLUMBROU. TORNOU-SE UM PERSONAGEM DE LENDA.

Manoel Luiz Osorio, esta cerimônia constitui um fato brilhante que se alicerça no heroísmo histórico de um passado de glórias, que é sem contestação o alicerce da soberania nacional. OSORIO, TU ÉS O JEQUITIBÁ DA FLORESTA DOS GRANDES SONHOS DA REALIDADE BRASILEIRA. OSORIO! TU ÉS PERSONALIDADE MARCANTE NA PROFISSÃO DAS CRENÇAS DESTA PÁTRIA. Homem sem fascinações ambiciosas, és o escudo da ordem e do progresso no contexto internacional. Tragote Osorio no relicário dos nossos corações a âncora sagrada de todas as nossas agradecidas afeições. CANTEM AS TROMBETAS. AS SÍSTOLES E DIÁSTOLES DE NOSSOS CORAÇÕES ENTOAM PRECES PARA SUA GLÓRIA. BRASIL, PÁTRIA DOS NOSSOS SONHOS, CRÊ E ESPERA PELOS TEUS FILHOS, QUE, VENERANDO OSORIO, ALICERÇAM COM SEGURANÇA A GRANDEZA DO PRESENTE E A CERTEZA NO FUTURO.

Homenagens diversas ao Presidente Medici e ao Marechal Osorio

Do Montepio da Família Militar

"A farda não abafa o cidadão no peito do soldado. Na guerra procuro ser o primeiro a desafrontar minha pátria; acabada a luta sou apenas um HOMEM DO POVO DONDE SAÍ E EM CUJO SEIO VIVO".

.....

"Não são as ocasiões que faltam aos homens, estes é que as perdem".

"A única força, a única virtude que nos pode levar ao triunfo é a FORÇA DA UNIÃO".

Do Grêmio Expedicionário Geraldo Santana

Seja bem-vindo, Presidente. A casa é sua.

Assim, Presidente, é que Osorio recebeu a Osorio guerreiro. Herói de um tempo em que se consolidavam na luta nossas fronteiras. Osorio também liberal.

Osorio nacionalista.

Sim, ele haveria de apoiá-lo, presidente.

O senhor, guerreiro de outra guerra.

A guerra da construção de nosso desenvolvimento.

Guerra pela educação em bases próprias, ligadas às raízes profundas de nossa cultura, às necessidades mais urgentes de nosso progresso.

Hoje, Osorio estaria com o senhor nesta luta. Como nós estamos.

Nós que, como o senhor, acreditamos que o desenvolvimento é um ATO DE VONTADE COLETIVA.

Da Prefeitura de Osório – RS

SAUDAÇÃO

"É uma demonstração de apreço nacional às virtudes do patrono deste município. É um motivo a mais para fazer deste município um ponto destacado na geografia rio-grandense. É motivação histórica e afetiva para a visita turística a este município.

Se não bastassem essas motivações, poderia acrescentar-se, ainda, todo o destaque dado à personalidade do Marechal de Exército MANOEL LUIZ OSORIO, daqui saído. Foi sua personalidade - que aqui não precisa ser evocada - que deu origem a toda a programação que traz tanta gente ilustre ao seio deste município gaúcho que se orgulha de ser chamado pelo nome legendário de Osorio".

Mas ainda além destes fatos de tão profunda significação histórica, não podemos deixar de mencionar aquilo que o município já conseguiu e continua conseguindo em outros setores, e sobretudo no setor econômico. Já hoje Osório pode orgulhar-se também de sua sensível participação na balança econômica do Estado. Sua indústria tem uma contribuição positiva no ritmo de desenvolvimento que se imprime no Rio Grande do Sul. Os números falam claro a este respeito.

Hoje é dia de festa. De dupla festa: é a festa do município - e é a festa nacional. Porque inaugura-se o primeiro parque histórico brasileiro. E tal honra e tal privilégio couberam a Osorio, em razão das virtudes cívicas do marechal de Exército que lhe empresta o nome.

É assim motivados, é assim tomados de verdadeiro ardor cívico e nacionalista, que saudamos ao ilustre presidente EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI, que uma vez mais pisa o solo do nosso município. Às ilustres autoridades militares e civis, como também religiosas, aos parentes de Manoel Luiz Osorio, a todos quantos contribuíram para a efetivação deste momento festivo ao povo que para aqui veio, imbuído do mesmo espírito de civismo que ora nos invade. Saudamos a todos, movidos pelo orgulho íntimo de quem sente o prazer de receber amigos em sua própria casa.

Mensagem do Centro de Tradições gaúchas Sinuelo do Pago, de Uruguaiana

**"NINGUÉM DO RIO GRANDE DEVERÁ FALTAR AQUI!
NA EVOCAÇÃO DOS SÍMBOLOS, DOS HERÓIS E DA HISTÓRIA, RENOVAM-SE OS HOMENS E A PATRIA!**

Os rio-grandenses, postados diante do vulto épico marcado para todo o sempre neste monumento que ajudou a erigir, em memória a Manoel Luiz Osorio, patrono da Cavalaria, vêm de todos os rincões. E nós, do SINUELO DO PAGO, entidade nativista

que representa Uruguaiana como querencia, e os comandados de Osorio, como gaúchos, acabamos de ligar dois extremos da Província, para, juntos convosco, reter nos exemplos do passado a afirmação do futuro.

Brasileiros!

Se Osorio nos comandasse agora, diria: - É FÁCIL CONDUZIR OS DESTINOS DA PÁTRIA, BASTA CONTINUARMOS NO CAMINHO DO PROGRESSO!"

Parque Histórico de Osório

10 de maio de 1970

Esta mensagem pelo grande conteúdo de civismo e brasilidade, impressionaria vivamente o Presidente Medici e demais autoridades, confirmando o valor do MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, como escola de civismo e guardião das mais caras tradições gaúchas.

Osorio, no nosso entender, ainda completaria esta mensagem com o seguinte:

Camaradas! O caminho do progresso do Brasil Grande e Novo é o civismo, a ordem e vosso trabalho constante, objetivo e honesto.

C T Gs do meu Rio Grande!

Espero que sabais auxiliar os nossos irmãos rio-grandenses neste caminho de paz e progresso, como eu soube conduzi-los nos caminhos de guerra a que o Brasil foi obrigado no passado.

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS DE LANCEIROS, HERÓIS, HEROÍNAS E DO "SEIVAL"

- 1) O maior lanceiro do Brasil
- 2) História do Lanchão Farroupilha "Seival"
- 3) Um lanceiro republicano farrapo e o "Seival"
- 4) Os lanceiros negros farroupilhas e o "Seival"
- 5) John Criggs o líder do lanchão "Seival"
- 6) Garibaldi, o herói de dois mundos e o "Seival"
- 7) Uma heroína de dois mundos e o "Seival"

O maior lanceiro do Brasil

Sobre Osório muito já foi dito e talvez tenha sido o militar do passado do Brasil sobre o qual mais se tenha escrito, e entre muitas razões, por suas origens populares, e pela liderança lendária que exerceu sobre grande parcela do povo brasileiro que sob seu comando participou, principalmente, da Guerra do Paraguai.

Como militar e gaúcho rio-grandense repetiremos - este trabalho, aspectos da vida de Osório que temos abordado em conferências cívicas, e em artigos na imprensa do Nordeste e do Rio Grande do Sul.

I - UM GRANDE ÍDOLO POPULAR DO PASSADO "AOS BRAVOS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DE PERNAMBUCO"

Hoje contaremos aos leitores, parte da história de um grande ídolo popular do passado, não a de um cantor, um astro do futebol, astro cinematográfico ou um grande comunicador social, mas a de um grande guerreiro brasileiro de origem popular, que através de seu valor pessoal e relevantes serviços prestados à Pátria, conheceu a glória, ao ser consagrado por seu povo, como a encarnação das virtudes que ele mais aprecia em seus heróis:

"a bravura, a modéstia, o desinteresse, a generosidade, o respeito pela dignidade humana, a alegria e o amor à Pátria, acrescido ao fato de ter sido um brasileiro, que marcou nossas fronteiras do sul a "bico de espada".

Referimo-nos ao Gen Osório, que iniciada a sua vida de militar com 15 anos incompletos, galgou cada posto de sua bela e fulgurante carreira militar, após participar de pelo menos 6 combates, refregas, entreveros ou encontros.

Sob seu comando, participaram da Guerra do Paraguai muitos bravos de Pernambuco, cumprindo destacar o 51º BATALHÃO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, saído da briosa e histórica POLÍCIA MILITAR DE PERNAMBUCO, que vem de cumprir 146 anos de assinalados serviços prestados à comunidade pernambucana.

Além de guerreiro tornado legenda, e formado na ACADEMIA MILITAR DAS COXILHAS da FRONTEIRA DO VAI-VÉM, em sua mocidade foi poeta, tendo seus versos musicados feito grande sucesso, no que poderíamos chamar hoje, de *"Paradas de Sucesso do Rio Grande do Sul"*.

Como homem extremamente dedicado à pátria e constantemente em correrias nas coxilhas gaúchas, em defesa dos campos santos de seu solo pátrio, conheceria

situações financeiras críticas ao se descuidar de seus interesses e dos de sua mãe viúva.

Certa feita em viagem recebeu um empréstimo de um companheiro casual, ao perceber este, sua aflição, na iminência de perder sua fazenda e gados sob hipoteca.

Perguntando-lhe Osorio qual a razão? O viajante responde: "É uma dívida de honra para com sua bondosa mãe, que quando farrapo, me protegeu dos imperiais que queriam prender-me".

Sobre ele assim escreveu o argentino Garmendia ao descrever a Batalha de TUIUTI, consagração de Osorio, e maior glória de nossas armas:

"É então que Osório entrando desassombadamente a cavalo no meio daquela desordem homérica, grita para os brasileiros, Avante camaradas! Viva o Brasil! Avante! Avante!".

Nesta ocasião, tendo seus comandados constatado mais uma vez, que seu velho general de 58 anos, além de comandar era também de briga e como o era! Verificou-se a seguinte reação entre os feridos da batalha:

Ao gritarem quando de sua passagem, e por vezes num esforço derradeiro:

"VIVA O GENERAL OSORIO, VIVA OSORIO NOSSO COMANDANTE!"

O Gen Mallet outro herói de Tuiuti, e atualmente patrono da Arma de Artilharia, cujo aniversário foi recentemente comemorado em Olinda, assim se referiu ao herói:

"Osorio era um gênio militar, não somente comandava como também brigava. Osorio era um "líder" em todo o rigor da palavra. Incansavelmente visitava os acampamentos, os hospitais, tudo. Aqui tomava um chimarrão que lhe oferecia um soldado, e ouvia com atenção todos os que lhe saíam ao encontro para lhe falar. Sua bolsa estava sempre aberta para os soldados aos quais entregava quase que por inteiro seu soldo. Nunca deu ouvidos à lisonja, nem foi açodado ao julgar. A ideia da injustiça o afligia".

Estas qualidades explicam sua excepcional liderança, capaz de fazer, inclusive, com que os brasileiros o seguissem "aos quintos do inferno", pois iriam certos que o seu líder lá pisaria em primeiro lugar, conforme aconteceu no Passo da Pátria, quando foi o primeiro a pisar no solo inimigo, coerente com sua proclamação da véspera da invasão.

"É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever. Camaradas! nosso caminho está ali na frente".

A sua chegada no Rio de Janeiro em 1877, como Senador do RGS, já com a saúde consumida no serviço da pátria, viúvo da outrora bela bagéense Francisca (falecida em Pelotas-RS quando ele estava no distante Paraguai), e com a barba crescida para esconder o ferimento à bala de Avaí, receberia do povo carioca uma das maiores consagrações populares, jamais tributada a uma pessoa, guardadas as devidas proporções no tempo.

Multidões nas ruas ovacionam seu herói. Os cavalos de sua carruagem são desatrelados, e ela é tirada, por populares tomados de eletrizante vibração. Os seus antigos soldados com os peitos recobertos de medalhas, entre lágrimas de incontida emoção e alegria o aclamam aos gritos de: "VIVA OSÓRIO! VIVA O GRANDE CHEFE DE TUIUTI! SEJA BEM-VINDO À CORTE!"

Após brilhante atuação como Senador e Ministro da Guerra, foi atingido por traiçoeira pneumonia que ceifou sua preciosa vida em 4 Out 1879. Foram suas últimas palavras:

"Tranquilo... Independente... Pátria, sacrifício... último, infelizmente" e dirigidas à pátria estremecida.

Em 1 Nov 1894, em meio à concorridíssima cerimônia, foi inaugurado na Praça XV do Rio de Janeiro o seu monumento, contendo no interior seus veneráveis restos mortais.

Este monumento financiado por seu povo, é de autoria de Rodolfo Bernardelli, e reproduz o herói a cavalo, em sua atitude costumeira, quando liderando brasileiros em combate.

Foi o herói mais festejado por seu povo, através de nomes de ruas, monumentos e copiosa bibliografia em prosa e verso surgida em todo o Brasil.

Sua espada toda em ouro, oferta de seu povo, se encontra ao lado da coroa do Império do Brasil no Museu Imperial de Petrópolis, constituindo-se ambas, nas maiores atrações da casa, além do simbolismo de ter sido a espada que frequente e valentemente defendeu aquela coroa.

No Museu Histórico do Rio de Janeiro - existe sala especial dedicada a seu culto, e onde se encontra sua lança de ébano, poncho pala, e a bala que o atingiu em Avaí, junto a seus dentes e fragmentos de seus maxilares etc. etc. Paga a pena ser visitado. Inclua em seu roteiro quando no Rio.

Apesar de um grande guerreiro, como qualquer homem normal amava a paz

"O dia mais feliz de minha vida, será aquele em que me for dada a notícia de que os povos festejam a sua confraternização queimando seus arsenais".

Entretanto nosso herói sabia, o que ainda é válido no presente, da importância de que o brasileiro esteja preparado para a guerra, porque sempre existirá no concerto das nações, alguma ou grupo a ela pertinente, desejando consertar a casa dos outros e não disposta a queimar seus arsenais.

Esta disposição é tão velha quanto a história da humanidade, através do bárbaro esmagamento do desarmado e ingênuo Abel, por seu invejoso irmão Caim.

Lamentavelmente, ainda não foi descoberta uma forma de se preservar a paz, que não a de se preparar para a guerra.

Qualquer atitude diferente da *"quentíssima"* frase latina, *"Si vis pacem para bellum"* seria irresponsável, e equivalente ao se estar formando escravos, ratos e buchas para canhões alienígenas que não os canhões verde e amarelo se quiserem alguns.

Este é pois o perfil de nosso herói popular do passado, em cuja memória foi construído o 1º Parque Histórico do Brasil, marco importante de uma nova era de COMUNICAÇÃO de nossa História Pátria, cujo culto, está ou desatualizado em sua forma de comunicação, ou relegado, face à trepidante vida do homem moderno, fazendo com que este esqueça, ser a HISTÓRIA, a MESTRA DA VIDA ou a MESTRA das MESTRAS, e a geradora da TRADIÇÃO de um povo, que está para este, como o perfume para a flor, por se constituir em sua alma ou sua essência.

Se Osorio hoje vivesse, dadas suas excepcionais qualidades e origem popular, talvez fosse um Pelé, um Roberto Carlos ou outro ídolo popular dos dias atuais, como foi um ídolo guerreiro na época em que o Brasil necessitava de um no campo de batalha, para qual. *"A estrela guia em nossos horizontes", guiar seu povo "no caminho da luta e da vitória"*, e assim definir as fronteiras do grande e antigo Brasil, que com a ajuda de Deus, trabalho honesto, ordem e vontade inquebrantável dos brasileiros, se tornará breve no Brasil Grande e Novo que todos almejamos.

Se Osorio vivesse e comandasse os brasileiros não no Passo da Pátria, mas na grande BATALHA DO PROGRESSO, por certo proclamaria.

É FÁCIL O CAMINHO DO BRASIL GRANDE E NOVO BASTA CONTINUARMOS NO CAMINHO DO PROGRESSO!

Camaradas: O CAMINHO DO PROGRESSO é o CIVISMO, A ORDEM E VOSSO TRABALHO CONSTANTE OBJETIVO E HONESTO.

Se o leitor interessado desejar ampliar o conhecimento sobre este ídolo, poderá fazê-lo em três fontes nordestinas: **O Cazuza de Viriato Correia**, Encarte Especial de o Brasil Açucareiro do IAA, de 8 Jun 70, e o "**Herval**" do alagoano Mário D'Alva.

Representa, no Nordeste, a nobre arma a Cavalaria da qual Osorio foi o maior astro, e é atualmente patrono, o **7º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO(*)** sediado no histórico **FORTE DAS CINCO PONTAS**, e que inicia seu hino definindo sua função: "**Arma ligeira que transpõe os montes - caudais profundos com amor e glória - estrela guia em negros horizontes - no caminho da luta e da vitória**".

(**JORNAL DO COMMERCIO** - Recife - Sexta-feira, 19 de junho de 1970).

(*)Nota: O então 7º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado foi assim denominado oficialmente em 21 Nov 1973. Em 7 de julho de 1976 foi transferido para a nova sede localizada na BR-232, Km 10, Bairro do Curado, Recife-PE. A 1º de Janeiro de 1979, de acordo com a Portaria Ministerial nº 37 Reservada, de 28 de julho de 1978, passou a denominar-se 10º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

II - OSORIO NO PASSO DA PATRIA - INVASÃO DO PARAGUAI

Planejamentos difíceis,
Ausência de cartas, de esboços e de informações -
E dificuldades à vista - pois iríamos enfrentar os
dois maiores generais paraguaios:
O General TERRENO - Difícil por natureza
E mais agora agravado por fortificações
E o General DISTÂNCIA!

Centro do Poder do Brasil ao **TEATRO DE OPERAÇÕES**.

Somente ligados por via aquática, por milhares de quilômetros de separação. E se não dispusermos da Marinha, como seria a Invasão?

Desembarque no Paraguai - Osorio o primeiro a pisar em solo inimigo - Justifica a sua liderança - e a sua célebre **PROCLAMAÇÃO**
- Da véspera da **INVASÃO** -

*"É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever, **CAMARADAS!** Vosso caminho está ali na frente". E todos os soldados brasileiros acharam o caminho que o seu intrépido líder de combate lhes mostrara.*

(1º Mar 70 - CPOR/RECIFE - Centenário do Término da Guerra do Paraguai).

III - OSORIO EM TUIUTI

24 de maio de 1866! Batalha do TUIUTI
A maior batalha campal da América do Sul
A batalha dos patronos!
Artilharia revólver de Mallet
E suas célebres palavras
"Por aqui eles não passam"
Era um obstinado - cumpriu o que afirmou.
Divisão Encouraçada de Sampaio
"O bravo dos Bravos"
Um fator decisivo em TUIUTI
Batalha de Osorio
"Osorio é TUIUTI e TUIUTI é Osorio"
"Mais uma carga camaradas!"

E foram dadas quantas o líder do combate pediu.

E Osorio colheu uma eterna glória para o Brasil.

(1º Mar 70 - CPOR/RECIFE - Centenário do Término da Guerra do Paraguai).

IV - RETORNO DE OSORIO AO TEATRO DE OPERAÇÕES

Caxias é nomeado para o Comando Único. E convida Osório a retornar. E duas grandes esperanças

Passariam a embalar os corações dos soldados brasileiros

Formado por fim o BINÔMIO

Fulminante e avassalador

Que arranca nosso Exército da passividade

E conforme comentou um gaúcho:

"O nosso Exército virou gente

Foi "peleando" como gente

Num nunca findar de vencer e vencer "e a razão?

Caxias! "O INVENCÍVEL"

"O PACIFICADOR"

"A ESPADA DO IMPÉRIO"

O estrategista e diplomata

Em fim, o arquiteto da vitória

E Osorio?

O nome que é legenda e que é gloria

O líder sem igual no combate

"A estrela que guia nos negros horizontes"

- no caminho da luta e da vitória"

Formado na ACADEMIA MILITAR DAS COXILHAS

Na fronteira do VAI-VÉM

Nos constantes combates

Refregas - escaramuças - entreveros

Entre "para tatás" de centauros

Pontaços de lanças

Tlim - Tlins de armas brancas

Troar de canhões

E cargas de CAVALARIA!

Na belicosa sinfonia

Da arte militar dos pampas.

(1º Mar 70 - Centenário do Término da Guerra do Paraguai - CPOR DO RECIFE).

V - OSORIO NA GRANDE BATALHA DOS LANCEIROS

Batalha do Avaí!

Batalha decisiva - Caxias à frente!

Destruição estratégica do inimigo. Lopez fuge ao cerco

- Caballero resiste

Batalha da Cavalaria! Osorio gravemente ferido. Em final de combate - ainda ordena!

"Coragem camaradas, acabem com este resto!"

E todos seus lanceiros cumpriram sua ordem.

**Osório - "O LEGENDÁRIO" Andrade Neves "O VANGUARDEIRO"
E o Cel Câmara - o mais novo e destacado astro.**

(CPOR/RECIFE 1º de março - Centenário do Término da Guerra do Paraguai).

VI - OSORIO E VILAGRAN CABRITA

**Invasão do Paraguai
Ação preliminar na ilha da REDENÇÃO
Combate violento - desembarque - reação
Batalhão de Engenheiros
Voluntários e Provisórios
Voluntários nordestinos também
E até morrer - heroicamente!
Ao redigir a PARTE DA VITÓRIA
O bravo Vilagran Cabrita à frente:
Morte e glória de um bravo - com justa razão
Da Arma de Engenharia - o Patrono
Ilha de Redenção da Engenharia a afirmação!
O feito de Vilagran, à frente de seu BATALHÃO
Repercute nos Exércitos Aliados**

Esta eloquente e inacabada - PARTE DA VITÓRIA. Por determinação do grande Osório - então Barão. E a quem era ela dirigida, seria transcrita nas ORDENS DO DIA de todo Exército Brasileiro em operações

"AGUARDO OCASIÃO OPORTUNA PARA DAR A V. EXA. A NOTÍCIA DETALHADA, SOBRE A MANEIRA BRILHANTE DE COMO SE PORTOU NOSSA TROPA, ENTRETANTO - ME APRESSO DESDE JÁ A FELICITAR V. EXA. POR MAIS ESTE ASSINALADO TRIUNFO, QUE HONRA SOBREMODO AS ARMAS BRASILEIRAS"

Neste exato momento, um fatídico obus inimigo, estancaria para sempre esta narrativa patriótica Selada com o sangue de um BRAVO ENGENHEIRO.

(Dia da Engenharia - 1970 - 3ª DL - Olinda-PE)

(JORNAL DO COMMERCIO - Recife - 15 Mai 1970)

História do lanchão farroupilha "Seival"

A história do verdadeiro "SEIVAL", que passaremos a contar, bem como muitos fatos a ele ligados, são dignos e oportunos de serem transportados para o cinema, de preferência por um produtor nacional, pelo que apresentam de histórico, romanesco e por vezes, épico.

Esta história inclui a participação de escravos negros lutando por sua liberdade, de um idealista norte-americano, de uma grande heroína brasileira que também o seria da Itália, de dois dos maiores cavalarianos e lanceiros farroupilhas, Canabarro de Taquari e Teixeira Nunes de Canguçu, e de Garibaldi, "O herói de dois mundos", junto com seus amigos Rosseti, Carniglia e Matru, todos destacados campeadores da Liberdade e da República.

Estes italianos, projeção no Brasil dos ideais de Independência e de República da Jovem Itália de Mazzini, no ato de reconstituição do "SEIVAL", seriam homenageados por dois ilustres e destacados brasileiros e gaúchos, o Presidente Medici de Bagé "A Rainha da Fronteira", e o Ministro Andreazza de Caxias do Sul "A Pérola das Colônias", e cujas raízes genealógicas de ambos, podem ser buscadas na velha Itália.

Na velha Itália de Garibaldi, onde, faz 25 anos, nossa Força Expedicionária Brasileira, sob o comando de um bravo brasileiro, gaúcho e filho de São Gabriel, o Marechal Mascarenhas de Moraes, percorreria muitos dos campos trilhados por Garibaldi, como que resgatando uma dívida para este tropeiro da Liberdade, por sua contribuição ao Rio Grande, e através das vitórias de CAMAIORE, MONTE CASTELO, MONTESE, FORNOVO e tantas outras, conquistadas pelos brasileiros.

Antes que a FEB trilhasse os Apeninos combatendo, uma brava brasileira, ANITA GARIBALDI, já o havia feito, e até atingir RAVENA, onde tombaria morta. Cidade esta próxima à lagoa de CAMACCHIO, com nome semelhante a CAMACHO, que mais adiante será apresentada aos leitores.

Mas vamos à história do "SEIVAL", cuja réplica, mandada construir pelo Presidente, Médiçi revela uma de suas características de estar, igual que Osorio, sempre no seio do povo, como no caso de sua participação diuturna, nas glórias e frustrações do esporte do povo brasileiro, o futebol tricampeão do mundo.

Durante a Revolução Farroupilha, quiseram seus líderes obter um porto para que a República Rio-Grandense respirasse, ou até que isto fosse impossível, interferir no comércio do Império, mediante atividades corsárias.

Para tal, após estudo de situação, decidem pela construção de um estaleiro na margem direita da barra do rio Camaquã, aproveitando as instalações de antiga charqueada situada neste local, em terras do atual município de São Lourenço do Sul, e que na época faziam parte da ESTÂNCIA DO BREJO, propriedade de D. Antônia, irmã do Cel Bento Gonçalves da Silva, Presidente da República Rio-Grandense.

Foi por algum tempo encarregado da chefia do estaleiro, um norte-americano de nome John Griggs, até ser substituído por Giuseppe Garibaldi. Garibaldi atinge este estaleiro por terra, após partir de Piratini e ter atravessado o atual município de Canguçu, então distrito da capital farrapa.

Dois meses após sua chegada, conclui a construção dos barcos "RIO PARDO" e "INDEPENDÊNCIA", contando com o apoio de cerca de 70 homens recrutados em Montevideu e conhecidos nas costas do Pacífico e Atlântico, como "*irmãos da costa*", e que se dedicavam à pirataria, corso e tráfico de escravos.

Além destes, havia amigos de Garibaldi, como Carniglia e Matru, diversos mulatos e pretos recrutados na região, que se revelam excelentes marinheiros.

Este estaleiro, posteriormente, sofreria um ataque de surpresa comandado pelo Cel Francisco Pedro de Abreu o "Moringue", oficial legalista que, mais tarde, sob o comando de Caxias, fazia de Canguçu sua base de operações contra os republicanos, e de onde partiria em 27 de junho de 1843 sobre PIRATINI, aí aprisionando dois eminentes republicanos, José Mariano de Mattos, Ministro da Guerra, e João Pedro Soares, fazendo-os prender em cadeia que havia mandado construir em Canguçu, demolida em 1939, para ceder lugar à atual.

Em Canguçu houve dois encontros entre "Moringue" e os farroupilhas comandados por Netto e Bento Gonçalves, o primeiro na Lacerda (25 de outubro de 1843), e o segundo, nas orlas noroeste da atual cidade de Canguçu (6 de novembro de 1843), nos quais os republicanos foram batidos por Chico Pedro.

Estes dois combates, por sua importância, foram dos poucos tratados por Caxias em suas ordens do dia.

No ataque que Garibaldi sofreu no estaleiro, resistiu valentemente, sendo salvo, devido ao fato de Moringue ter sido obrigado a se retirar, ao ser atingido no braço, por um tiro que lhe desferiu um preto de nome Procópio.

Na Estância da Barra de D. Ana, outra irmã de Bento Gonçalves, Garibaldi se enamoraria de uma sobrinha deste, natural de Pelotas, e filha do Dr. Francisco de Paula Ferreira.

Este romance, em razão da filosofia e modo de vida de Garibaldi, seria contrariado pela família de Manoela que, fiel ao seu primeiro e único amor, se conservou solteira, sendo conhecida até morrer na cidade de Pelotas, como a *NOIVA DE GARIBALDI*".

Em suas aventuras corsárias pela Lagoa dos Patos, Garibaldi no comando de sua *"flotilha da morte"*, fugindo aos imperiais e às tempestades, por diversas vezes abrigou-se no local onde se ergue a cidade de São Lourenço do Sul, na qual conheceria Joaquim Francisco de Abreu, mais tarde destacado marinheiro imperial.

As atividades corsárias eram desenvolvidas pelo barco "RIO PARDO" ao comando de Garibaldi e pelo "INDEPENDÊNCIA", comandado pelo norte-americano John Griggs que, para fugirem à ação dos imperiais, haviam desenvolvido táticas especiais, para operações e combates em águas rasas.

Nestes barcos, transportavam diversos cavalos para fazer face a qualquer emergência de combate, bem como para o exercício de atividades corsárias terrestres, sobre as estâncias dos imperiais, situadas nos atuais municípios de Pelotas, São Lourenço do Sul, Canguçu e Camaquã.

Coincidindo com a pressão exercida pelo império sobre a *"flotilha da morte"*, amadureceu o projeto de conquista de um porto de mar para os republicanos, ficando decidido por LAGUNA em SC, que seria conquistada em ação combinada terra-água.

A ação combinada seria dirigida por Canabarro e executada em terra, pelo Maj Joaquim Teixeira Nunes, comandante da vanguarda, e por água, a cargo de Garibaldi, com os barcos "FARROUPILHA", a seu comando, e o "SEIVAL", ao comando de John Griggs, construídos no estaleiro da barra, especialmente para a jornada épica que se seguiria.

Estes dois barcos saídos da barra do Camaquã, atravessam a Lagoa dos Patos, remontam o rio Capivari até o ponto em que, através de um trabalho hercúleo, são retirados d'água e rebocados por terra sobre carretas especiais, por inúmeras juntas de bois, até serem lançados n'água novamente, e após, em condições difíceis, terem alcançado o oceano, através do Tramandaí, causando enorme surpresa aos imperiais que bloqueavam a Lagoa dos Patos na barra do Rio Grande.

A caminho de Laguna, o "FARROUPILHA", próximo da costa na altura da foz do Araranguá, é surpreendido por uma tempestade, vindo nesta região a naufragar, morrendo entre outros, Carniglia e Matru, dois companheiros de Garibaldi desde a infância, e os pretos Procópio e Rafael, homens de fidelidade e coragem invulgares.

Neste naufrágio morreram pela causa republicana, meia centena de homens, sobrevivendo Garibaldi com mais 14 homens.

Garibaldi pouco após, reúne-se à coluna de Teixeira Nunes, e a John Griggs, que conseguira salvar o "SEIVAL" e entrar na Lagoa Garopaba pela barra do Camacho.

Logo em seguida, em ação combinada de Teixeira Nunes e Garibaldi, Laguna, *"a célula mater do R.G.S."*, 100 anos depois que seus filhos haviam partido para povoarem o continente de São Pedro, é tomada por rio-grandenses, que proclamam a República Juliana.

"O SEIVAL", barco construído em terras do atual município de São Lourenço do Sul, na tomada de Laguna, descreveria páginas inesquecíveis, valendo-se inclusive, da tática desenvolvida nas águas rasas do Camaquã.

Durante a tomada de Laguna, pôs fora de combate o barco legalista, "O CATARINENSE" e aprisionou mais os seguintes barcos: "O LAGUNENSE", "SANTANA" e "ITAPARICA" o que possibilita à novel república possuir regular esquadra.

O "SEIVAL", de tão gloriosas tradições, ao comando de Garibaldi e de John Griggs, passaria às ordens do italiano Lourenço Valerigni e sairia em atividade corsária para os lados de São Paulo, oportunidade em que seria atingido com um canhão em combate no mar, tendo seu canhão desmontado e o casco feito água, obrigando-o a voltar com dificuldades para Laguna, desde a Ilha de Santa Catarina.

Posteriormente, na Batalha Naval de Laguna em que a esquadra republicana foi toda aprisionada ou auto-destruída, o "SEIVAL", face à inútil resistência contra inimigo fortíssimo, atira-se de proa na praia, a fim de possibilitar o salvamento da tripulação.

Este barco, aprisionado pelos legalistas, por muitos anos prestaria serviços em Laguna, com o nome de "GARRAFÃO", até ser encalhado como imprestável.

Passado certo tempo, alguém nota que do madeirame seminaufragado do "Seival" brotava um arbusto, logo transportado para uma praça de Laguna e lá plantado.

Esta árvore é hoje atração turística com o nome de ÁRVORE de ANITA, representando com os seus quatro galhos, o amor de GARIBALDI-ANITA e os frutos deste amor, seus quatros filhos, MENOTTI, nascido em MOSTARDAS, ROSITA, RICCIOTTI e TEREZINHA, nascidos em MONTEVIDÉU.

Rosita faleceria em Montevidéu, e segundo crença de alguns, representa o galho menos desenvolvido da ARVORE DE ANITA de Laguna.

Fracassado o projeto da REPÚBLICA JULIANA, retiram-se entre mil e um sacrifícios, através do planalto catarinense. Teixeira Nunes, agora coronel, e GARIBALDI, ambos com suas tropas, incluindo-se Anita.

Lembrança desta aventura GARIBALDI-TEIXEIRA NUNES é o mastro do "SEIVAL", construído com madeiras do rio CAMAQUÃ, guardado zelosamente pelos lagunenses, no museu da cidade, onde defronte foi erguido um monumento a sua ilustre filha, ANITA GARIBALDI, a HEROÍNA DE DOIS MUNDOS.

(JORNAL DO COMMERCIO - Recife - 4 Jun 1970).

Um lanceiro republicano farrapo e o "SEIVAL"

Nasceu Joaquim Teixeira Nunes por volta de 1802, na Estância São Pedro de Alcântara, de propriedade de seu genitor Mathias Teixeira Nunes, em terras do atual município de Canguçu-RS.

Por ocasião da Guerra Cisplatina (1825-1828), que termina com a independência definitiva do Uruguai, Teixeira Nunes dela participou, e assistiu à morte de seu bravo comandante e destacado lanceiro, o Barão de Cerro Largo, Cel José de Abreu, então conhecido como o "ANJO DA VITÓRIA".

A morte de Abreu deu-se num entrevêto, na Batalha do Rosário, quando ao tentar conter um ataque de Lavalleja foi atirado pela cavalaria deste, contra os quadrados de infantaria de Callado. Teixeira Nunes foi nesta campanha, alferes do 25° CORPO DE ARTILHARIA MONTADA GUARANI, onde adquiriu a prática de liderança em combate e conhecimentos de tática, que o elevariam à condição de um dos mais destacados oficiais da República do Piratini, como também o foi, após Canabarro, e junto com Garibaldi, das maiores expressões militares da República Juliana, por terem criado condições com a tomada de Laguna, após longa e heróica expedição

por terra e água, desde a barra do Camaquã, para que esta república fosse proclamada.

Deste modo, se Garibaldi foi considerado o "HERÓI DE DOIS MUNDOS", bem caberá a Teixeira Nunes o título de "O HERÓI DAS DUAS REPÚBLICAS FARROUPILHAS".

Teixeira Nunes foi um dos oficiais de maior nomeada que possuiu a revolução farroupilha.

Era uma lança das primeiras. Com o corpo de lanceiros a seu mando, alongava-se do exército, para operar com seus próprios meios, em qualquer parte que o inimigo aparecesse. Era o terror dos seus inimigos.

Onde carregava o corpo de lanceiros ao seu comando, surgia a vitória.

Teixeira era humano. Durante a peleja matava por ser contingência da luta, e depois da vitória não morria um só prisioneiro. Era um oficial que sabia fazer a guerra de recursos. Esbelto e galhardo, apresentava-se à frente de seu corpo na ocasião do combate.

Oficial que manejava a lança com invulgar destreza, de estatura mais alta do que baixa, montando garbosamente seu cavalo, sobranceiro, seria capaz de dominar qualquer inimigo. Sua voz de comandante feria os ouvidos. Possuía invulgar espírito militar.

Tinha sido alferes do REGIMENTO N° 25 DE ARTILHARIA MONTADA DOS GUARANIS, na Guerra Cisplatina, e por isto conhecia tática militar.

Em novembro de 1836, Teixeira Nunes era major do CORPO DE LANCEIROS NEGROS (corpo formado por pretos escravos ou libertos), a esse tempo comandados pelo Ten Cel Joaquim Pedro Soares.

No dia 6 desse mês, feita a eleição para Presidente da República, realiza-se na igreja de Piratini um "Te Deum", e quando as autoridades do novel Estado Rio Grandense e a massa popular em cortejo solene, se dirigem para o templo, vai à frente deles e pela primeira vez desdobrado à luz do céu, o pavilhão tricolor, o símbolo da República do Piratini.

E quem o conduz, fremente de emoção e entusiasmo, ufano da glória de ser o primeiro a carregar a bandeira farrapa, é o major de lanceiros Joaquim Teixeira Nunes.

Dentro de pouco tempo seria êle o comandante dos Lanceiros Negros, e à frente desta força praticaria façanhas sem conta, intervindo em inúmeros combates, até ornar os punhos com os galões de coronel. (REV. DO INSTITUTO HIST. GEOGR. DO R.G.S. - ANO 1927).

Teixeira Nunes, por seu raro valor como líder de combate, habilidade em conduzir operações de guerra prolongadas, vivendo de poucos recursos locais, e a legenda de combatente humano e generoso que se criou em torno de seu nome, seria tratado pelo título honroso de "O Bravo dos Bravos".

Teixeira Nunes foi um dos mais constantes combatentes farroupilhas, mas sua consagração como soldado adviria da expedição que realizou por terra a Laguna-SC, coadjuvado por Garibaldi pela água, resultando a proclamação da REPÚBLICA JULIANA que, em sinal de reconhecimento, o promoveu a coronel, e fêz de Garibaldi o comandante de sua Esquadilha Naval.

Ao apossar-se sem reação da Laguna, em virtude de retraimento do comandante daquela praça, além dos navios de guerra que auxiliou Garibaldi e John Griggs a aprisionar ou colocar fora de combate, reforçou consideravelmente sua Logística, ao cair em seu poder quatorze barcos abarrotados de mercadorias, seis bocas de fogo, cerca de 500 armas, e para mais de 36.000 cartuchos carregados (Garibaldi e a Guerra dos Farrapos - Lindolfo Collor).

Em Ordem do dia, após a vitória alcançada, Teixeira Nunes assim se expressou ao agradecer a ação de seus bravos comandados:

"Iguais se não maiores respeitos e considerações adquiriu o Cap Ten José Garibaldi, comandante da força naval da República, e em nome da Pátria agradeço-lhe a maneira como desempenhou a parte do plano de ataque que lhe coube executar, fazendo uma jornada de mais de duas léguas por terra (transporte dos lanchões "SEIVAL" e "FARROUPILHA") sendo o primeiro a lançar-se n'água para desencilhar o lanchão "SEIVAL", preso ao baixio do Camacho".

Teixeira Nunes, ao chegar em Laguna, lançou proclamação vasada nos seguintes termos:

"Irmãos catarinenses, empunhai as armas conosco e arrancai a segunda província ao diadema do segundo Pedro: mostrai porém, que os VERDADEIROS LIVRES, mesmo no afã da guerra, sabem manter a ordem, obedecer às leis e respeitar a propriedade..."

Em seguida, faz chegar aos líderes catarinenses uma carta circular, cujo teor reproduzimos a seguir:

"Proclamando a independência de Santa Catarina, não penseis que isto afetará os interesses do Brasil, do solo sagrado dos brasileiros, pois que a República Rio-Grandense, conscienciosa de sua dignidade, do espírito da grande maioria dos brasileiros e da honrosa missão que lhe foi confiada, na tem tanto a peito, QUANTO À FEDERAÇÃO DOS ESTADOS SEUS IRMÃOS (o grifo é nosso).

Ao entrar triunfalmente em Laguna, à frente de suas tropas vitoriosas, após longa e sofrida marcha por terra através de planalto gaúcho e catarinense, "driblando" as forças imperiais e padecendo toda a sorte de privações na luta pelo seu ideal republicano, teria uma grata alegria.

Em meio ao regozijo popular nas ruas, repicar de sinos e vivas e boas vindas aos republicanos rio-grandenses, o coração de Teixeira Nunes sentiria por certo, dupla emoção inesquecível, na qualidade de guerreiro republicano, e de homem solteiro impossibilitado de casar, em razão de levar como Garibaldi, cujas idades regulavam, vida perigosa, por ser um destacado líder do ideal republicano farroupilha que procurava consolidar através sobretudo, da ação em combate.

Teixeira Nunes, após penetrar em Laguna, vê correr em sua direção uma bela lagunense de nome Maria da Glória Garcia, que arranca do porta-bandeira que marchava a seu lado, o pavilhão tricolor da República Rio-grandense, aquele mesmo pavilhão que ele fora o primeiro a carregar e desfraldar em Piratini.

Apoiada por frenéticos aplausos dos lagunenses, Maria da Glória fazendo as vezes de porta-bandeira, carrega-o por todo o restante do trajeto, trocando olhares de satisfação recíproca com Teixeira Nunes, que pouco a pouco se vão transformando num sentimento mais profundo, talvez o de amor à primeira vista.

Durante as festas promovidas pela população junto ao acampamento das tropas, Maria da Glória esteve sempre junto a Teixeira Nunes confraternizando.

É possível que, da mesma forma que Garibaldi, teve contrariado seu amor pela pelotense Manoela, sobrinha de Bento Gonçalves, por levar vida perigosa a serviço de uma causa pela qual poderia morrer ou ser preso a qualquer momento, Teixeira Nunes também tivesse seu amor por Maria da Glória contrariado, ou mesmo, chegou a concluir de sua inutilidade, procurando mantê-lo platônico.

Teixeira Nunes tenta em vão prosseguir para conquistar mais terras, mas abandonado de recursos, perde a impulsão, e conclui do desagregamento da República Juliana, pelos seguintes fatos:

Desentendimentos entre Canabarro e o padre Cordeiro, reflexos negativos da derrota que sofreu Garibaldi, na Batalha Naval da Laguna (15 Nov 1839). Intrigas de

um espanhol republicano de nome D. Guasque. Atuação legalista eficiente sob a direção do Gen Souza Soares Andréa, que coloca espiões entre os republicanos. Inabilidade de Canabarro ao tratar com a população, gerando antipatias por sua prepotência, sentimento agravado ao ser interceptada carta sua, que fazia acusações aos catarinenses de falta de brio e alento, e por isto destinados a ser escravos. (Garibaldi e a Revolução Farroupilha - Lindolfo Collor).

A isto tudo observava Teixeira Nunes sem nada poder fazer, pois tinha a seu cargo a missão militar que procurava desempenhar da melhor forma.

Após derrotado Garibaldi no mar, Teixeira Nunes é forçado a retrair sob forte pressão de João Fernandes, chefe legalista, e obrigado a atravessar o canal de Laguna a nado, indo reunir-se com Canabarro no Passo do Camacho.

Havendo discordância sobre operações futuras entre Canabarro e Teixeira Nunes, enquanto o primeiro se dirige ao Rio Grande, Teixeira Nunes convicto de que perdeu uma batalha, mas não a guerra, dirige-se para o planalto e com êle Garibaldi, agora infante, e Anita e Rosseti, todos já ligados por laços de amizade.

Na margem norte do rio Pelotas, no interior de um mangueirão de pedra, fere-se um cruento e encarniçado combate que passou à história, com o nome de Santa Vitória, no qual Teixeira Nunes tendo Garibaldi no comando de sua infantaria, infringiu fragorosa derrota na Divisão da Serra ou de São Paulo, ao comando do Brigadeiro Xavier da Cunha.

Neste combate, verificou-se verdadeiro "entrevêo", o Cel Gavião, fazendo jus a este nome, com enorme rapidez, coragem e audácia, à frente de seus bravos lanceiros, salta a cavalo para o interior do mangueirão, onde se escudava o adversário.

E o combate se trava cruento, Teixeira Nunes a cavalo, maneja sua lança com destreza jamais vista, acutilando o adversário.

Seus lanceiros desmontados, ao saltarem no interior do mangueirão, apoiados pela infantaria de Garibaldi, se "entreveram" (engalfinham) em duelo de adaga com o adversário.

Ninguém obedece ninguém, e após prolongado período, entre imprecações, gritos de guerra, tiros, relinchos, gemidos, em que foi difícil se distinguir o amigo do inimigo, o combate chega ao fim, com o adversário abandonando a luta, embrenhando-se nos matos ou atravessando o rio Pelotas a nado.

Vitória maiúscula de Teixeira Nunes e seu gesto generoso, projeção do espírito dos lanceiros da Távola Redonda, ao libertar os prisioneiros casados, mandando-os cuidar de seus filhos e esposas.

Este combate lhe possibilitou entrar triunfalmente em Lages, vila que encontra com os cofres raspados e sem administração, o que procura refazer, bem como refazer os uniformes de sua tropa, dando contas precisas de tudo aos seus superiores em Caçapava.

Em Lages, Teixeira Nunes agora com o comando militar e político, procura tratar o povo como amigo, dirigindo a guerra não contra a população, mas contra defensores do governo. Procura ignorar atitudes hostis e, habilmente, por todos os meios, conquistar a confiança dos simpatizantes da causa, revelando mais um positivo aspecto militar de sua personalidade.

Sobre sua visão política e estratégica, podemos concluir muito boa, pelos termos da carta abaixo, em que advogava a manutenção de Santa Catarina e sobretudo de Lages:

"Esta fronteira (Lages), é de primeira importância para nós, seja com respeito ao grande rendimento das tropas de gado, seja porque daqui podemos manter em "CHASQUE" (observação), não só a Província de Santa Catarina, como também São Paulo e vigiar com maior facilidade os distritos da Vacaria, Cima da Serra e Missões,

e rogo ser este ponto guarnecido por uma força correspondente, as infinitas vantagens que o mesmo apresenta".

Sabendo Teixeira Nunes que tropas do Cel Antônio Albuquerque Mello andavam em seu encalço, sai a sua procura na direção de Curitiba, onde se fere o combate de Marombas, no qual Teixeira Nunes, após um sucesso inicial, cai numa emboscada, sendo salvo pela infantaria de Garibaldi que o acolhe.

Salvou-se da destruição total, ao se embrenhar numa mata, através da qual atinge Lages no 5º dia, após indescritíveis sofrimentos no matagal.

Anita Garibaldi se extravia neste combate, e sendo presa por Albuquerque Mello, consegue empreender uma fuga épica, vindo a se encontrar com a coluna de Teixeira Nunes e com seu amado Garibaldi, em Vacaria.

No Rio Grande, juntamente com Garibaldi e sob o comando de Bento Gonçalves, tomara parte do indeciso combate do Taquari, no qual comandou uma Brigada Ligeira de Cavalaria.

Posteriormente, sob o comando de Bento Gonçalves, se destacaria no ataque de S. José do Norte, no qual combateriam a seu lado seus velhos amigos de tantas jornadas na República Juliana, Garibaldi e Rosseti.

Nesta ocasião, bateu-se com um denodo sem precedentes, fato reconhecido em ordem do dia de Bento Gonçalves.

A seguir iria operar para os lados de Bagé e atacaria Jaguarão em 19 Dez 43.

Os lanceiros negros de Teixeira Nunes, foram, em grande número, recrutados nos municípios atuais de Arroio Grande, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Herval, Bagé, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas, Pedro Osório, Caçapava e Encruzilhada do Sul e fornecidos pelos estancieiros farroupilhas.

Finalmente,

"Após uma dedicação extremada ao ideal republicano farroupilha, Teixeira Nunes num encontro com Chico Pedro, "após combater como um bravo, com o brio e heroísmo que lhe eram peculiares", é atingido por um lançaço fatal de um adversário, vindo a morrer de lança em punho, vítima da arma em cujo manejo se celebrizara. "Sua morte foi sentidíssima" (Dante de Laytano).

Ao homem que coube desfraldar e portar pela primeira vez o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense, teve o privilégio de comandar no Rio Grande a última reação armada do ideal republicano farroupilha, ideal que não viveu para ver concretizado para todo o Brasil 45 anos após, através do Marechal Deodoro da Fonseca, no Campo de Santana no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1889.

Foi por certo pensando no bravo canguçuense Teixeira Nunes e nos seus bravos lanceiros, com os quais Garibaldi conviveu e padeceu irmanado, na longa odisséia desde sua derrota naval em Laguna, até o frustrado ataque a São José do Norte, que escreveria em suas Memórias e cartas estes trechos:

"Os gaúchos rio-grandenses eram homens habituados a todas as privações, e nunca de uma só boca ouvi lamentações de fome e sede; ao contrário, mesmo em tão dolorosa situação, desejavam combater. Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes, que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo, e combater dignamente pela causa sagrada das gentes".

Quando a Europa celebrava Garibaldi como a figura mais romântica do mundo, ele se lembraria de Teixeira Nunes, seu comandante na retirada da República Juliana.

"E repassando na memória as vicissitudes da minha vida no vosso meio, em 6 anos de atividade de guerra, de constante prática de ações magnânimas, como que em delírio exclamo! Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos valorosos lanceiros que não me lembro! Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide, o sítio em que descansam os seus ossos; e que vossas belíssimas patrícias, cubram de flores esses santuários das vossas glórias".

Lamentavelmente, este apelo de Garibaldi não foi atendido em relação a Teixeira Nunes, cujos restos mortais devem ter sido enterrados no Passo do Canuto, no arroio Chasqueiro, onde tombou como um bravo, com a sensação do dever cumprido e talvez perfumando seus últimos momentos com a lembrança da bela catarinense Maria da Glória. Eis uma bela história para o cinema.

Os lanceiros negros farroupilhas e a Abolição

(Aos lanceiros negros da Seleção Brasileira)

Por ter coincido, em maio, o aniversário da Abolição, com a inauguração no RGS do Parque Histórico Mar Osorio, homenagem ao lanceiro legendário do Brasil e no interior do mesmo, introduzida uma réplica do barco "SEIVAL" da Revolução Farroupilha por ordem expressa do Presidente Medici, ex-lanceiro como oficial de Cavalaria.

Aproveito o fato, para contar aos leitores uma história que resultou da associação de idéias de ABOLIÇÃO, OSORIO LANCEIRO LEGENDÁRIO, Gen MEDICI O LANCEIRO PRESIDENTE, REVOLUÇÃO FARROUPILHA, e SELEÇÃO BRASILEIRA da história inédita ao menos do ponto de vista que será por mim abordada.

Ao escrevê-la pretendemos justiça histórica, e ao mesmo tempo prestar uma homenagem à raça negra, por sua contribuição à evolução social do Brasil, e em especial aos lanceiros negros de Guadalajara, PELÉ, JAIR, PAULO CÉSAR e EVERALDO que contribuíram como heróis de outra guerra, para que a seleção canarinho vencesse as cinco batalhas de JALISCO, elevando bem alto o nome do Brasil.

Trata-se da contribuição maiúscula e precursora prestada por numerosos pretos gaúchos, escravos ou libertos, para que se concretizasse a Abolição, através da Lei Aurea.

Esta contribuição que a muitos custou a vida, não foi prestada por terem seus protagonistas implorado a liberdade de joelhos erguendo as mãos aos céus em prece, mas por terem saído para as coxilhas gaúchas para, de lança em punho, lutar e morrer, uns para conquistá-la, outros para conservá-la.

Refiro-me aos célebres CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS, como o do bravo canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes, todo integrado ou de escravos mandados por seus amos para representá-los no combate e assim fazer jus à liberdade, ou de escravos fugidos de patrões imperiais para lutarem pela República que, vitoriosa, lhes asseguraria a liberdade e, finalmente, por pretos libertos que após conquistá-la lutavam por preservá-la.

Eram, na grande maioria, "campeiros" e "domadores" e como tal, AMANTES DA LIBERDADE, acostumados que estavam por contingência funcional, a se movimentar na largueza de horizontes dos "coxilhames" gaúchos.

Excelentes combatentes como cavaleiros, se entregavam ao combate com grande denodo, por saberem como verdadeiros filhos da LIBERDADE, que esta, para si e seus irmãos de côr e de luta, estaria em jogo a cada combate.

Manejavam com grande habilidade sua arma predileta - a LANÇA, e por eles usada mais longa que o comum.

Eram hábeis no manejo da adaga, prática adquirida no "*JOGO do TALHO*", nome pelo qual o gaúcho denomina a sua esgrima.

Na surpresa de Porongos, entre os 100 cadáveres que juncaram o campo de batalha, 80 eram de bravos limoeiros de Teixeira Nunes "O Cel Gavião".

A Revolução Farroupilha, justiça histórica se faça, sempre se preocupou com a triste sorte dos escravos. Bento Gonçalves em seu manifesto justificando a revolução escreveu: "*E VIMOS IMPUNES A ESCANDALOSA INTRODUÇÃO DE AFRICANOS, TERRÍVEL AÇOITE NESTA MALFADADA PROVÍNCIA (25 Set 1835)*".

O tratado da paz de PONCHO VERDE que pôs fim a 10 anos de REVOLUÇÃO FARROUPILHA explicitava:

"IV - SAO LIVRES E COMO TAL RECONHECIDOS, TODOS OS CATIVOS QUE SERVIRAM A REPÚBLICA"

Confirmação da conquista da Liberdade, e de lança em punho, pelos bravos lanceiros negros.

O espírito libertário de Poncho Verde foi para os campos do Paraguai, nos corações de Caxias, de Osorio e de seus bravos comandados gaúchos, de lá retornando nos corações de todos os soldados, e se espalhando pelo Brasil, até ser por influência do Clube Militar decretada a Lei Áurea, pela princesa Isabel, esposa do Conde D'Eu, o último comandante dos brasileiros na Campanha do Paraguai.

Garibaldi que convivera bastante com os lanceiros negros de Teixeira Nunes na expedição a Laguna-SC deve ter também deles se recordado ao escrever, repetimos:

"EU VI BATALHAS MAIS DISPUTADAS MAS NUNCA E EM NENHUMA PARTE, HOMENS MAIS VALENTES NEM LANCEIROS MAIS BRILHANTES DO QUE OS DA CAVALARIA RIO-GRANDENSE GAÚCHA, EM CUJAS FILEIRAS COMECEI A DESPREZAR O PERIGO E A COMBATER PELA CAUSA SAGRADA DAS GENTES".

É possível que em alguma cidade gaúcha, ou mesmo no Parque Histórico Osorio, igual que em Porto Alegre ao LAÇADOR e em Pelotas ao NEGRINHO DO PASTOREIO, seja erguida uma estátua "AO LANCEIRO NEGRO FARRAPO" ou "AO FILHO GAÚCHO DA LIBERDADE", como também eternizados num monumento aos bravos da Campanha da Copa 70, caso culmine com a vinda da JULES RIMET para o Brasil.

Neste monumento irão figurar os LANCEIROS NEGROS DA CANARINHA num atestado do valor do caldeirão de raças que forma e enforma o brasileiro, que começou a ser notado e valorizado em 1933, com suas virtudes e defeitos, com CASA GRANDE E SENZALA de Gilberto Freyre, grande glória cultural do Brasil, conforme nos conta Herman M. Görge em Cadernos Germanos Brasileiros 4/70.

Portanto, bravos lanceiros negros da Seleção, confirmem frente à Itália o que disse o grande italiano Garibaldi dos bravos lanceiros negros farroupilhas. Ajudem a vencer a batalha final de AZTECA, tragam para o Brasil a Copa Jules Rimet, e brindem a pátria brasileira com uma eterna glória. (Publicado no Diário de Pernambuco, de 20-06-70).

(E os lanceiros negros da Seleção Brasileira cumpriram o seu dever e brindaram o Brasil com uma eterna glória).

John Griggs, o líder do lanchão "Seival"

O nascimento, vida e glórias do "SEIVAL", estão ligados intimamente ao nome do norte-americano JOHN GRIGGS, cuja participação no episódio farroupilha foi ofuscada posteriormente pelos sucessos de Garibaldi fora do Brasil, em razão de sua morte precoce.

Este relato tem como finalidade, no momento em que o nome do "SEIVAL" se torna manchete, fazer justiça ao homem que orientou e dirigiu sua construção, e o conduziu em seus momentos mais críticos e de glórias.

Eclodindo a Revolução Farroupilha (1835-1845) no Rio Grande do Sul-Brasil, tendo como principais causas as de natureza econômica, resultantes do arrocho fiscal do governo imperial central, incidindo sobre o "charque" - principal produto de exportação do Rio Grande - esqueceram-se os líderes farroupilhas, após dominarem toda a campanha rio-grandense, de providenciar a manutenção a todo o custo da barra do Rio Grande, e de mandar aprisionar nas águas interiores que dela dependem, todos os barcos imperiais, e com eles organizar a marinha revolucionária.

Os imperiais logo perceberam ser a barra do Rio Grande o ponto estratégico chave da Província e que a vitória estaria do lado de quem estivesse de sua posse e, por esta razão, tratam de retomá-la e fortificá-la, pois ao longo das águas que vinham ter a Rio Grande, estendia-se o Rio Grande do Sul econômico e político de então, daí advindo sua importância estratégica.

Deste momento em diante, constituiria permanente preocupação revolucionária a obtenção de um porto, através do qual pudessem ter comunicação com o exterior e, enquanto isto fosse difícil, interferir no comércio do Império, através de atividades corsárias visando à obtenção de recursos e, principalmente, o apresamento de barcos para constituir sua marinha.

Neste sentido, a República Rio-Grandense procura recrutar homens para a sua esquadra, e o faz, à base de estrangeiros, de vez que o gaúcho rio-grandense incedível soldado de cavalaria, não possuía inclinação para atividades marítimas.

O primeiro estrangeiro a ser contratado, e demonstrando gabarito para funções de chefia, foi o norte-americano John Griggs que, num misto de carinho e irreverência gaúcha seria alcunhado de "JOÃO GRANDE" (Big John), em contribuição à quebra da barreira lingüística e facilidade de comunicação social entre os rudes marinheiros.

John Griggs foi incumbido de, nas águas rasas da margem direita da foz do rio Camaquã, aproveitando instalações de antiga charqueada de propriedade de uma irmã de Bento Gonçalves, organizar um estaleiro destinado à construção de dois barcos, o "RIO PARDO" e o "INDEPENDÊNCIA", tarefa a que se entrega com todo o amor, dedicação e constância que lhe eram peculiares.

Sobre a origem de John Griggs e razões de sua adesão à causa revolucionária republicana, pouco se sabe, sendo possível no entanto, sobre o assunto, tecer-se algumas considerações.

Pela sua atuação posterior, revelou ser um homem de gabarito e de trato e com bons conhecimentos navais de construção, artilharia, navegação e chefia, revelando bastante vivência anterior como marítimo.

Seu alistamento na causa da República Rio-Grandense não foi como mercenário, pois até a sua morte nunca se comportou como tal e mesmo pouco ou nada poderia receber dos revolucionários, que pouco tinham para dar, e mesmo por ficar comprovado após, que ele era filho de pais ricos nos Estados Unidos.

Ao estudar John Griggs, sou levado inconscientemente a associar seu porte e temperamento, com o saudoso astro cinematográfico Gary Cooper, em seus desempenhos inesquecíveis em "Sargento York", "Quatro Penas Brancas", "Matar ou Morrer" e tantos outros.

Sobre sua pessoa, corriam diversas versões bem ao sabor das rodas de chimarrão dos acampamentos revolucionários, rodas de galpões de estâncias e de pousadas de carreteiros, nas quais sempre procuravam exagerar sua personalidade.

Entre as diversas versões, existia a que o considerava padre irlandês que havia deixado as vestes sacerdotais por desregramentos morais e, adotado a vida de marinheiro, na qual, encontraria o arrependimento de suas faltas, tornando-se adepto da seita dos "quakers".

Nesta qualidade, diziam outros, era proibido de usar armas de fogo e arma branca, utilizando como substitutivo um enorme cajado de madeira que manejava com invulgar destreza, ao enfrentar em combate seus adversários, evitando sempre bater para matar, e quando isto acontecia, pronunciava solene estas palavras:

"Accipe adhuc illum, Domine, in misericordiam tuam". "Recebei-o, Senhor, na vossa misericórdia".

Griggs era jovem e dotado de índole excelente, coragem a toda prova e de imensa constância (MEMÓRIAS de Garibaldi).

A seu respeito, assim escreveu em "Memórias de Garibaldi", Alexandre Dumas, o consagrado escritor de tantos romances que marcaram época no mundo, como o "Conde de Monte Cristo" levado inclusive ao cinema e agora à televisão.

"Pobre Griggs! Apenas disse duas palavras a seu respeito e contudo, onde encontrarei um homem mais corajoso e com melhor caráter?

Nascido duma família rica, ofereceu seu ouro, sua inteligência, seu sangue e sua vida à nascente república (República Rio-Grandense ou do Piratini), dando a ela tudo quanto lhe havia oferecido. Um dia chegou-lhe uma carta de um de seus parentes nos Estados Unidos da América, convidando-lhe para ir receber uma enorme herança, mas Griggs já havia recebido a mais bela herança que se pode dar a um homem de convicção e fé: a coroa do martírio. Tinha morrido pelo ideal republicano e defendendo um povo injustiçado, mas generoso e bom" (Tradução da Biblioteca Pública de Rio Grande-RS.).

Griggs, arrastando toda a sorte de dificuldades, obtém no próprio local correntes para âncora e outras peças de ferro, forjadas por um mulato, peças estas que podem ser observadas no museu de Laguna-SC, e que pertenceram ao barco "SEIVAL".

Nas estâncias do Brejo e da Barra pertencentes a D. Antônia e D. Ana, irmãs do Cel Bento Gonçalves - Presidente da República Rio-Grandense e cujas sedes situavam-se próximo do estaleiro - foram tecidas as velas e trançados os cabos de couro destinados aos lanchões "RIO PARDO" e "INDEPENDÊNCIA" que estavam quase concluídos, quando da chegada de Garibaldi, para assumir a direção dos trabalhos.

Lançados os barcos ao mar, caberia a Griggs o comando do "RIO PARDO", nome colocado em homenagem a uma grande vitória republicana na vila de mesmo nome.

A seguir, passam a atuar como corsários na Lagoa dos Patos e fazem sua primeira presa, a sumaca "MINEIRA", transportando um carregamento de 500 barricas de farinha de trigo, produto que foi dividido igualmente pelas vilas e municípios de Rio Pardo, Cachoeira do Sul, S. Jerônimo, Camaquã e Piratini, sendo contemplado nosso torrão natal Canguçu, na qualidade de distrito de Piratini, a capital da República.

Na expedição enviada a Santa Catarina para conquistar Laguna, Griggs desde a saída de barra do Camaquã, até a proclamação da República Juliana em Laguna, escreveria páginas épicas no comando do lanhão "SEIVAL", que junto com o "FARROUPILHA", haviam sido construídos para esta empresa.

Assim, após atravessar a Lagoa dos Patos, penetra no rio Capivari remontando-o até o ponto em que os barcos são retirados d'água e rebocados sobre rodas especiais, por meia centena de "juntas" (parelhas) de bois, até serem lançados n'água, em condições de ganhar o Oceano Atlântico através da barra do Tramandaí.

O transporte dos lanchões por terra foi immortalizado pelo pintor Lucílio de Albuquerque (ver pág. 240 do livro de Lindolfo Collor - Garibaldi e a Guerra Farrroupilha).

A travessia da barra de Tramandaí foi feita em meio a forte tempestade e com pouca profundidade, por diversas vezes ficaram os barcos na iminência de naufrágio.

Rumando para Laguna, Griggs perde-se de Garibaldi em meio à tempestade e vai penetrar na lagoa Garopaba pela barra de Camacho, vindo dias após reunir-se com as forças terrestres do bravo Major Teixeira Nunes, grande lanceiro e comandante da vanguarda da expedição a Laguna por terra, e com Garibaldi e demais sobreviventes do "FARROUPILHA", que havia naufragado próximo à foz do rio Araranguá.

O "SEIVAL", servindo como meio de transporte dos bravos cavalarianos de Teixeira Nunes, através do canal, veio a encalhar e, na ameaça de sucumbir sob o fogo legalista, ao comando de "A ÁGUA, PATOS" proferido por Garibaldi, este, Griggs e guarnição do "SEIVAL", saltam n'água e procuram a pulso tirar o barco do encalhe, exemplo seguido pelas tropas transportadas, resultando após hercúleo esforço coordenado, colocar o "SEIVAL" a navegar.

Esta tática, Griggs juntamente com Garibaldi, haviam desenvolvido nas águas rasas da barra do Camaquã e adjacências.

Griggs a seguir experimentaria o "SEIVAL" em combate, ao vencer no arroio Tubarão o navio legalista "O CATARINENSE" que, para não cair em seu poder, seria incendiado e teria perfurado seu casco, pelo seu bravo comandante José de Jesus (Lindolfo Collor).

Após este combate, em que o próprio Griggs orientou o canhoneio e os disparos de metralha sobre "O CATARINENSE", através de uma manobra feliz, aprisionaria o barco "O LAGUNENSE" na foz do rio Tubarão e, logo a seguir, cooperaria no aprisionamento dos barcos "ITAPARICA" e "SANTANA" e mais 14 barcos mercantes que, cheios de carga, se encontravam surtos em Laguna, dos quais dois contribuíram para a formação da marinha da República Juliana, ao comando de Garibaldi, secundado por Griggs, já seu inseparável companheiro e amigo.

Agora, Griggs deixa o comando do já legendário "SEIVAL" e assume o comando de um dos barcos mercantes aprisionados em Laguna e que, armado, receberia o nome de "CAÇAPAVA", homenagem à nova Capital da República Rio-Grandense.

No comando do "CAÇAPAVA", em viagem corsária na direção de São Paulo e conhecida como "*Lua de Mel de Anita e Garibaldi*", coube-lhe aprisionar o barco "FORMIGA" e enviar parte de seus homens para bordo da presa para tomar conta da tripulação.

Em virtude de forte cerração, Griggs se perde de Garibaldi e do barco apresado e este resolve aprisionar seus homens, que foram salvos dias após por Garibaldi ao reaprisionar o "FORMIGA".

A marinha imperial reforça seus meios e decide forçar a barra da Laguna e pôr fim à força naval republicana, lá abrigada.

Após um período de guerra de nervos, em que os republicanos fazem crer aos imperiais que a barra seria bloqueada por grossas correntes e artilhado no morro próximo que a domina, tentar forçá-la nestas condições com barcos de madeira, seria empresa difícilíssima, e ainda mais, se considerado, que deveriam desfilar próximo da fuzilaria dos infantess e cavalarianos de Teixeira Nunes, dispostos em linha, junto à entrada da barra.

Mas, mesmo assim, os imperiais decidem forçá-la e as condições da barra foram-lhes excepcionalmente favoráveis neste dia, por apresentarem uma profundidade ideal. A esquadra imperial, composta de mais de 20 barcos força a barra e tem início o esmagamento da força naval da efêmera República Juliana.

A bordo da "CAÇAPAVA", Griggs e guarnição comportam-se valentemente, ante a diferença esmagadora de forças em presença.

Em suas memórias, assim escreveria Garibaldi sobre o que viu no tombadilho do "CAÇAPAVA", durante a batalha naval conhecida como da Laguna:

"Eu vi o corpo de meu amigo partido em dois, o tronco ereto sob o tombadilho da "Caçapava", apoiado sobre a amurada, com o rosto ainda afogueado pelo calor do combate, como se ainda estivesse vivo. Seus membros inferiores os encontrei espalhados próximos de seu tronco. Um canhão combinado com fuzilaria disparado a curta distância, havia cortado ao meio o corpo do meu valoroso companheiro, no último combate de mar, em Laguna-Santa Catarina". (Memórias autênticas).

Esta batalha cortou - quem sabe - outra vida promissora como a de Garibaldi, e destinada talvez à prática de outros cometimentos heróicos em prol do ideal republicano, e que o elevariam à condição de herói mundial.

Para evitar que o "CAÇAPAVA" caísse intacto nas mãos dos imperiais, Garibaldi ateia-lhe fogo tendo Griggs, como bom marinheiro, sepultado seus restos mortais no fundo das águas do porto de Laguna, águas que testemunharam seus maiores e mais heróicos feitos guerreiros em defesa de seus ideais republicanos e do povo cuja causa abraçou.

Lembrança de sua participação na Revolução Farroupilha, existe no museu de Laguna-Santa Catarina um mastro do "SEIVAL", barco que êle ajudou a construir e, no seu comando, escreveria páginas épicas, conforme descrevemos.

No Rio Grande do Sul, durante sua permanência na barra do Camaquã, em cujas adjacências e junto à Lagoa dos Patos, existe uma infinidade de banhados e lagoas, onde abundam diversas espécies de pernaltas e entre estas a dos "SOCÓS", seria batizado pela gauchada com a alcunha de João Grande, dada a Griggs, o maior dos exemplares de "socós", o "ARDEA SACO".

Sendo Griggs bastante alto, fleugmático, fechado em si mesmo, apreciando momentos de solidão, e de pele avermelhada característica dos ingleses, o misto de carinho e irreverência do gaúcho, iria associar para sempre sua alcunha àquele animal, que possui as seguintes características que facilitaram a associação: *"cabeça preta, pescoço e peito branco e o restante cinza, bico grande e pernas longas e avermelhadas. É o solitário dos açudes, o grande pensador, de passos lentos, poderia dizê-lo fleugmático, ainda comumente só e raramente aos pares, pertencendo à família dos "ardeídeos".*

O "SEIVAL" recebeu este nome, em homenagem a uma batalha vitoriosa dos revolucionários, em 10 Set 1836 e que culminou com a proclamação da República Rio-Grandense, ou do Piratini, no local denominado Campo do Menezes, pelo vencedor desta batalha, o Gen Antônio de Souza Neto. A batalha foi travada em terras do atual município de Bagé.

Dentre as variadas histórias do passado do Rio Grande do Sul esta é uma das muitas que gostaríamos de vê-la, um dia, transportada ao cinema.

(Jornal do Commercio - Recife - 6 Jun 1970)

Garibaldi o herói de dois mundos e o "Seival"

Nasceu Giuseppe em Nizza, Itália, em 14 Jul 1807, segundo filho do casal Domênico e Rosa Garibaldi.

Cedo se iniciou no mar e revelou grande espírito aventureiro, ao ser preso com outros meninos, já na altura de Mônaco, em expedição marítima realizada à revelia dos pais.

Aos 15 anos, marinheiro e sua primeira viagem, San Remo - Odessa.

Ao passar em Roma toma conhecimento da realidade de uma Itália dividida e dominada pelos austríacos e passa, então, a viver os problemas da pátria através intensa leitura.

Em 1830, adere à sociedade secreta, "A JOVEM ITÁLIA" de Mazzini, cujo programa era a UNIDADE E REPÚBLICA italianas, e divisa, "DEUS e POVO, PEN-SAMENTO e AÇÃO".

Ao ser apresentado a Mazzini, torna-se carbonário, com o nome código BOREL.

Fracassando a revolução de Mazzini, foge e atinge Marselha, onde lê sua condenação à morte.

Por algum tempo presta serviços ao Bey de Tunis, após o que retorna à Marselha e decide embarcar para o Brasil, o que faz a bordo do "NAUTONNIER".

Ao transpor a barra do Rio de Janeiro fica deslumbrado com a beleza natural do Rio, lamentando não ser poeta para descrevê-la, como merecia tamanho espetáculo.

Após sua chegada, entra em contato com outros carbonários, Rosseti, Carníglia, Cuneo, Torrizano e Castelini, quando resolveu comprar um barco que batizou de "MAZZINI".

No Rio, quando em atividades comerciais, tomam conhecimento estar preso na Fortaleza de Santa Cruz, o carbonário Conde Tito Livio Zambecari, aprisionado junto com Bento Gonçalves, na derrota que este sofreu na Ilha do FANFA.

Em consequência da visita a TITO LÍVIO, aderem à Revolução Farroupilha, armando secretamente a "MAZZINI" para realizarem o curso no sul.

Após transporem a Fortaleza de Santa Cruz e terem acenado para o Tito Lívio, mudam o nome do barco para "FARROUPILHA" e nele hasteam pela vez primeira, no mar, o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense.

Ao deixarem o porto do Rio, aprisionam a sumaca LUIZA, que e com ela seguem para o sul com os escravos apresados.

Em Maldonado, no Uruguai, o barco quase sossobra, em virtude do mau funcionamento de sua bússola, afetada pelo metal de fuzis colocados próximo.

Na Barranca San Gregório, são surpreendidos por barco uruguaio hostil, sendo Garibaldi gravemente ferido, entre o pescoço e a carótida, por um tiro, é salvo por Carníglia.

Fugindo remontam o Paraná, sendo acolhidos por Mchagüe, governador de Entre Rios e, o substituto deste, ao conhecer a tentativa de fuga de Garibaldi, o submete a chibatadas pelo corpo e rosto, complementadas por torturas de toda a ordem, até libertá-lo em Gualeguai.

Malgrado o curso no mar, segue para Piratini, a capital farrapa e, após, através do município de Canguçu, berço de Teixeira Nunes, seu futuro companheiro, atingem o estaleiro farroupilha da margem sul da barra do rio Camaquã.

Neste local, concluiria os barcos "INDEPENDÊNCIA" e "RIO PARDO", iniciados pelo norte-americano John Griggs. E faria o curso na Lagoa dos Patos, se enamoraria da pelotense Manoela, sobrinha de Bento Gonçalves e concluiria os barcos "FARROUPILHA II" e o lendário "SEIVAL", cuja réplica foi mandada construir e introduzir no Parque Histórico Mar Osório, no RGS, pelo próprio Presidente do Brasil, Gen Ex Emílio Garrastazu Medici, confirmando uma característica pessoal, de igual que Osório, seu modelo militar, procurar estar sempre que possa, no seio do povo, como no caso de seu gosto pelo futebol.

A seguir, em expedição épica, transporia estes barcos da Lagoa dos Patos para o mar, através da barra do Tramandaí, após rebocá-los por terra sobre enormes carretas especiais, cerca de 15 km, tiradas cada, por cerca de 50 bois.

A caminho de Laguna-SC naufraga o "FARROUPILHA II", Garibaldi se salva por milagre, mas perde dois amigos de infância, Carniglia e Matru e dois salvadores de sua vida, Carniglia em São Gregório e o preto Procópio no estaleiro de Camaquã, ao ferir o chefe adversário que comandou o ataque, o temível e competente Barão de Jacuí, o "Chico Pedro".

Em Laguna, Garibaldi aumenta sua esquadilha de mais cinco barcos além do "Seival", e conhece o grande amor de sua vida, a heroína Anita de Jesus, que o acompanharia em toda a sua sofrida odisséia, até tombar morta na Itália. Mas isto é outra história.

Após limitados sucessos, Garibaldi é batido por completo na Batalha Naval da Laguna, sendo aprisionado intacto o "SEIVAL".

Derrotado no mar, Garibaldi agora infante, integrando tropas do Cel Teixeira Nunes, rumo para o planalto catarinense, em companhia de Anita e Rosseti e, creio, passaria um período dos mais difíceis, críticos e sofridos de toda a sua aventureira vida.

Nesta ocasião, combate a pé em terreno difícil e em combates disputadíssimos, como o "corpo a corpo" a "adaga", dentro de um mangueirão em Santa Vitória.

Se isto não bastasse, derrotado no combate de Marombas, perde-se de Anita, feita prisioneira e, que após fugir o encontraria em Vacaria. Caminhou também cinco dias no interior de um matagal hostil, até atingir Lages e, em situação quase que semelhante até Viamão ou Setembrina.

Próximo a Mostardas, onde nasce seu filho Menotti, dirige a construção de barcos para atravessar meios de São Lourenço do Sul e cavalhadas de Canguçu, para a derradeira tentativa de conquista da barra do Rio Grande. O ataque a S. José do Norte malogrou em razão, inclusive, do Gen Bento Gonçalves ter abdicado da possibilidade de vitória, ao custo de incêndio da praça e perdas de vidas inocentes.

Tendo os imperiais obrigado os farroupilhas a levantar o débil cerco de Porto Alegre, Garibaldi junto com Anita e seu filho de três meses, participaria do que se chamou de "RETIRADA DESASTROSA", através da mata bruta das encostas do planalto rio-grandense.

Nesta marcha infernal, "*na antecâmara do inferno*", em busca de um combate decisivo com o Gen Labatut, em deslocamentos a pé, dia e noite sem cessar, padecendo frio, fome, chuvas, atravessando rios transbordantes, alimentando-se de cavalos, muitos dos expedicionários não tiveram nem mesmo a ventura, após mil e uma peripécias e sofrimentos indiscutíveis, de atingir com vila São Gabriel, por terem perecido ao longo do caminho.

Poderão ajuizar dos sacrifícios que padeceram estes retirantes, os que conhecem a hostilidade das matas e do relevo do planalto gaúcho, e ainda, no frio.

Em São Gabriel, deixa a revolução e penetra no Uruguai, "tropeando" 900 cabeças de gado, paga de seus quatro anos de serviços prestados aos farroupilhas, e a seu lado e a cavalo, duas grandes lembranças do Brasil: sua heróica Anita e, em seu colo, seu filho Menotti.

No Uruguai foi professor de matemática, teve mais três filhos, regularizou a união com Anita, e conheceu frequentes momentos de extrema miséria, função de seu idealismo.

Comandou a esquadra uruguaia contra a numerosa esquadra de Rosas ao comando de Brown, sendo completamente batido.

Comandou uma divisão de Voluntários Italianos, em Montevidéu.

Após 14 anos na América, retornou à Itália, onde é recebido como herói. Na Itália, combate, vence, perde Anita, malogra e mais uma vez o exílio: Gibraltar, África, EUA, América Central e o Peru.

Não esmorece. De novo na Itália, luta sob o calor de seu "poncho-pala" inspirador, e do qual, à maneira de Osorio o lanceiro legendário, jamais se afastava em campanha, por ser símbolo que personalizava a liderança de ambos, como os culotes róseos de Patton, grande lanceiro moderno, personalizavam em parte sua liderança.

Garibaldi foi a encarnação do guerreiro que soube que a guerra é feita de muitas batalhas e o importante é ser constante e vencer a última.

Garibaldi conheceu, ainda vivo, a glória, em seu alto grau, após levar a vida real mais romanesca, sendo por isto considerado o homem de ação de seu século, (ao lado de Victor Hugo considerado o verbo), e o HERÓI DE DOIS MUNDOS.

Gozou da admiração de pessoas ilustres, como George Sand, Alexandre Dumas, que lhe redigiu as "MEMÓRIAS", Abraham Lincoln que lhe ofereceu o posto de general em seu exército e, de Victor Hugo, que, inclusive, lhe reservou quarto em sua moradia.

Morrendo em 1882, não viu realizado no Brasil o sonho de República.

(JORNAL DO COMMERCIO - Recife - 14 de junho de 1970)

Uma heroína de dois mundos e o "Seival"

(Homenagem às heroínas de TEJUCUPAPO)

Sob este título, inicio esta história, como uma homenagem às HEROÍNAS PERNAMBUCANAS de TEJUCUPADO ligadas à Restauração Pernambucana, e dedicada à mulher pernambucana do presente, de tão caras tradições cívicas, esperando encontrá-las no Parque Histórico Guararapes. As primeiras imortalizadas em monumento, e as últimas, na campanha cívica de construção do parque, que com seu valioso e imprescindível concurso, se poderá tornar numa verdadeira RESTAURAÇÃO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA, no sentido de culto generalizado do civismo pernambucano, a ser testemunhado pelo Presidente Medici, quando da possível inauguração da 1ª fase do Parque Histórico no ano de 1971.

Nasceu Anita Garibaldi (Ana Maria de Jesus Ribeiro) em Morrinhos-SC, por volta de 1820. Por ter enviuvado sua mãe, cedo conhece a PRIVAÇÃO e algumas faces da MISÉRIA.

Sua mãe mudou-se para Laguna, em decorrência de incidente, no qual Anita, revelando bravura precoce, atropela a cavalo acompanhando de enérgicas chicotadas, um rapaz que pretendeu desrespeitá-la, atacando-a em local ermo, quando a caminho da missa.

Com 15 anos, a conselho materno e para fugir da miséria, casa com um sapateiro da vila.

Sua vida matrimonial transcorre monótona, inexpressiva, sem filhos e por vezes abalada por divergências políticas.

Após a tomada de Laguna, em expedição combinada, terra ao comando de Teixeira Nunes, e água ao comando de Garibaldi com o barco "SEIVAL", Anita conheceria o seu grande amor.

A chegada de Garibaldi, precedida da legenda de romântica bravura, combinada com seu tipo físico incomum na terra, barba sedosa e loura e cabelos longos, exerceram poderoso fascínio em Anita, que foi logo tomada de imensa paixão pelo italiano.

Garibaldi teve sua atenção voltada para a bela Anita, ao observá-la de bordo, através de binóculo.

De observação em observação, o coração de Garibaldi vai cedendo, se rende ao final ao amor da bela brasileira.

Encontro na rua, Anita corresponde ao sorriso do italiano.

Encontro casual em casa de amigos comuns, Garibaldi apaixonado explode: "*Tu esser mia*". Tu serás minha. Anita resiste!

O desejo de Garibaldi expresso no "Tu serás minha" vira obsessão.

Certo dia, segue Anita a caminho de uma fonte e após o constrangimento inicial, em meio a enorme e prolongada explosão de amor recíproco, jamais assistida pelas matas circundantes, decidem unir para sempre suas vidas.

Dois dias após, embarca na esquadilha de Garibaldi, rumando para São Paulo em expedição corsária, e tem lugar sua lua de mel, e feliz batismo de fogo como combatente.

A bordo do "RIO PARDO" vive banhada de felicidades nos braços de seu príncipe encantado italiano, indiferente à morte ou à prisão que poderia ocorrer a qualquer momento.

Nas folgas do amor, exercita-se no tiro ao alvo, participando de combates simulados sendo, definitivamente batizada com o nome de Anita, por ser Aninha para Garibaldi, de difícil pronúncia.

No combate de IMBITUBA, luta como marinheiro veterano, e descarrega seu fuzil dos locais mais expostos ao perigo em desobediência a Garibaldi.

Quando na proa, colocada entre dois marinheiros, reforçava seus tiros, foi lançada ao chão e a distância, em razão de um impacto de canhão que atingiu à amurada.

Socorrida por Garibaldi que a julgava sem vida, desperta e levanta ilesa, banhada no sangue dos dois marinheiros, que jaziam mortos a seu lado, servindo-lhe de escudo protetor.

Recebendo ordem para proteger-se no porão, retruca: "*Vou descer sim, mas para buscar os covardes que lá se foram esconder!*".

Pouco após, retorna à coberta com três marinheiros envergonhados.

Quando a derrota parecia chegada para o "RIO PARDO", o barco imperial se retira do combate, com um rombo no casco.

A seguir, revela-se excelente enfermeira, ao prestar os primeiros socorros médicos aos feridos para serem transportados para Laguna, por terra, pelo bravo Cel Joaquim Teixeira Nunes.

Participou do enterro dos mortos, sendo-lhe conferido pela marinhagem sobrevivente, o honroso título de "O Anjo da Vitória".

Na batalha da Laguna, marinheira veterana, ao lado de Garibaldi, exorta os bravos marinheiros à luta. Fazendo as vezes de artilheira, disparou alguns tiros das peças do "RIO PARDO".

Serviu de mensageira entre Garibaldi e as tropas terrestres. Para salvar munições e armas, sozinha, fêz 20 viagens de canoa, atravessando o canal em meio a intensa fuzilaria.

Nesta batalha morre com enorme buraco no peito seu conterrâneo João Henrique da "Laguna", tendo idêntica sorte o bravo norte-americano John Griggs, encontrado por Garibaldi com o corpo partido em dois, a bordo da "CAÇAPAVA".

Esta batalha que pôs fim às esperanças da República Juliana, teve lugar no dia 15 de novembro de 1839, portanto, exatamente 50 anos antes da Proclamação da República do Brasil, pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Após, segue em retirada para o planalto catarinense em companhia de Garibaldi, como integrantes da coluna de Teixeira Nunes.

De sua curta mas ativa vida de marinheira, Anita passaria a levar a vida de combatente, ora de cavalaria ora de infantaria, ao se afastar para sempre da terra catarinense que lhe serviu de berço.

Marchou em retirada através de picadas íngremes bordejando precipícios, em serras escabrosas e quase intransponíveis, padecendo a fome e a agressividade geográfica da região. Apesar de tudo Anita, muito feliz, nada reclama.

Combateu valentemente no sangrento encontro de M. Vitória. Na derrota de Marombas, na retaguarda, comanda os trens de combate (munição, armas, alimentação) , e ao perceber que o Cel Teixeira Nunes caiu numa emboscada, podendo se salvar, ordena a seu destacamento que faça alto e resista.

Envolvida por tropa de lanceiros imperiais, ao tentar romper o cerco à frente de uma carga que ordenara, foi atingida por um tiro em seu chapéu e, logo a seguir, foi desmontada ao ser atingida sua montaria por outro tiro.

Caída ao chão, a heroína é cercada, feita prisioneira, e levada à presença de seu captor.

Era chefe imperial e conhecido como Padilha Rico, aquele rapaz que no passado tentara desrespeitá-la e foi por ela agredido em legítima defesa de sua honra.

O chefe imperial da tropa que a aprisionou assim se referiu a Anita mais tarde:

"Quando me foi apresentada, estava em trajes masculinos e desgrenhada, conquistando a minha admiração e a de meus comandados. Nunca imagináramos ver uma mulher tão valorosa. Enchia-nos de orgulho o fato de ela ser uma compatriota que dava ao mundo tão sublimes provas de valor e intrepidez".

Anita arditamente consegue fugir e ganhar a mata, após esgueirar-se sob uma cerca, ludibriando as sentinelas.

Sua obsessão era encontrar com vida seu amado Garibaldi.

Ao atingir uma casa amiga, deparou com o "poncho pala" claro de Garibaldi, que fora encontrado numa "picada", troca-o por seu chalé, veste-o e ruma para Lages a cavalo, em desesperada expectativa.

Quando atingiu, noite escura e às carreiras, um passo do rio Canoas, a figura fantasmagórica que lhe conferia o "poncho" com suas pontas drapejando ao vento, assombrou as sentinelas imperiais que, presas de pavor, fogem do local.

Ato contínuo, Anita se lança nas águas gélidas do Canoas atravessando-o a nado, junto a seu cavalo "guerreiro".

Ainda molhada atinge Lages, onde constatou não existir mais republicanos. Segue para Vacaria, sempre trajando masculino, lugar que atinge após mil e uma peripécias, e onde reencontra Garibaldi, que muitos diziam morto.

Grávida, residiria em Viamão e após Mostardas, onde em casa de amigos nasceria MENOTTI, seu filho brasileiro.

Obrigados os farroupilhas a levantar o cerco de Porto Alegre, participaria da "Marcha Desastrosa", longa, penosa e fatal para muitos, e balizada pelo semicírculo, VIAMAO - S. FRANCISCO DE PAULA - VACARIA - P. FUNDO - CRUZ ALTA - S. GABRIEL, em sua maior parte através da agressividade geográfica, que caracteriza o planalto gaúcho, principalmente em suas encostas, e ainda mais no inverno.

Nesta penosa marcha que a muitos assemelhou a travessia de trecho do inferno, Anita a realizou com seu filho de três meses.

Garibaldi, nos dias mais frios, durante as longas marchas, carregava MENOTTI a tiracolo, envolto em um lenço bem junto a seu corpo, e a coberto com seu "poncho pala", a fim de esquentá-lo.

Ao se perderem na mata, Anita é mandada à frente a fim de achar a saída, e, fora dela, encontrar os recursos necessários para salvar o filho que definhava a cada dia.

Nesta situação, presa de profundo desespero maternal, erra por alguns dias pela floresta, até encontrar a bendita saída, já nas últimas forças e com o filho à morte.

Foi salva por elementos amigos que a encontraram quase desfalecida.

Muitos dos farroupilhas que entraram nesta mata e nela vagaram perdidos durante 9 dias, jamais saíram, incluindo-se várias crianças e mulheres, que acompanhavam as tropas nas guerras e revoluções no Rio Grande do Sul, e ainda não devidamente realçada.

Anita deixa o Brasil e vai residir em Portones, em Montevidéu, já aureolada pela fama de heroína.

Aí, realiza seu maior sonho, casar com Garibaldi, ao saber morto seu esposo legítimo.

Teriam mais três filhos, sendo que perderia ROSITA, ausente Garibaldi.

A vida material do casal foi difícil e por vezes tocada pela miséria, mas suportada por vida espiritual em comum riquíssima, na qual Anita, estoicamente incentivava o esposo em seu ideal político.

Finalmente obrigado pela miséria, Garibaldi determina que Anita embarque para a Itália, onde em Gênova é recebida aos gritos de VIVA A FAMÍLIA DE GARIBALDI! Segue para NIZZA. Chegada de Garibaldi e juntos nos campos de batalha. A brasileira Anita, que combatera pela república brasileira, combateria agora ao lado de Garibaldi, pela UNIDADE ITALIANA.

Na batalha de LUINO, maravilha os soldados italianos por sua coragem, liderança e heroísmo. Garibaldi é o comandante.

Ao participar de uma carga de cavalaria, ao ser atingida sua montaria por um tiro, sai ilesa e de pé da rodada consequente, salvando-se da metralha ao saltar às carreiras na garupa do cavalo de Garibaldi, e nesta situação finalizam com êxito a carga.

Na véspera de um ataque decisivo que muito preocupava Garibaldi, êle recebeu o seguinte bilhete: "Na hora do combate, não penses em mim e em nossos filhos, senão na Itália". Anita.

Com a derrota de Garibaldi, em Roma, e consequente perseguição que lhe é movida, Anita segue seu esposo, e o seu heróico, porém sofrido e estóico destino, ocasião em que contraiu o tifo.

Seu mal se agrava e tem início o fim desta grande brasileira que ornaria sua frente com a coroa de "A MÁRTIR DO RESSURGIMENTO DA ITÁLIA".

Durante a retirada, ao ser acossada a retaguarda por "hussardos", grita para seus soldados em pânico e fuga: "*Covardes! enquanto uma mulher se bate, vocês fogem!*"

Neste dia, sua liderança e valor, impediram a debacle da retaguarda.

Atingiu S. Marino em mísero estado de saúde, onde, entre o conforto distante de seu amado, e o sofrimento físico junto a êle, decidiu acompanhá-lo, rumo a Veneza, e ao grande portão de entrada da HISTÓRIA ITALIANA, iniciada ao tempo dos irmãos RÓMULO e REMO, que foram alimentados por uma loba.

Durante a fuga, para poder ludibriar os austríacos, Anita já agonizante e com frequentes desfalecimentos, seria transportada nos braços de Garibaldi através de enorme e intransponível charco, até atingir uma cabana onde expiraria, em meio a grande desespero, seguido de angustiante tristeza de Garibaldi.

Foi enterrada secretamente e em cova rasa, em Ravena. E assim teve fim, "*a santa do amor*", a personificação da renúncia e da abnegação, o símbolo da companheira que sublimou seu juramento de esposa, por acompanhar e incentivar Garibaldi, na

dor, privação, tristeza, sacrifício, tragédia, miséria e no próprio campo de batalha, situações que se constituíram uma constante de suas vidas em comum.

Com muito justa razão, Anita é considerada a HEROÍNA DE DOIS MUNDOS: da República do Brasil, e do RESSURGIMENTO ITALIANO, comprovando mais uma vez, que ao lado de grandes homens, existem grandes mulheres.

O turista do nordeste, quando pronta a BR-101, poderá visitar em Laguna-SC, o monumento a Anita Garibaldi, a ARVORE DE ANITA plantada em praça central, próxima da casa onde conheceu Garibaldi, e que brotou da quilha do "SEIVAL" verdadeiro, cujo mastro, lanterna e correntes, são conservados carinhosamente no MUSEU DE LAGUNA.

Ao final da BR-101, o turista visitando o Parque Histórico Mar Osorio, notará em seu interior e sobre enorme carreta especial, uma réplica do "SEIVAL", mandada construir e introduzir no parque, por desejo expresso do Exmo. Sr. Presidente da República Gen Ex Emílio Garrastazu Medici, barco intimamente ligado à história que vos contei.

Bagé e o legendário lanchão Farroupilha "Seival"

Em 10 de maio de 1970, por ocasião da "GRANDE FESTA DOS LANCEIROS BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS", foi inaugurado o primeiro parque histórico do Brasil em homenagem ao Mar Manoel Luiz Osorio, "O LANCEIRO LEGENDÁRIO" e Patrono da Arma de Cavalaria do Exército, e intimamente ligado a Bagé, profissional e sentimentalmente, como é de sobejo conhecido.

No interior deste parque foi introduzida, por desejo expresso do Exmo. Sr. Presidente Medici, uma réplica do lanchão farroupilha "SEIVAL", mensageiro na expedição a Laguna-SC, do ideal republicano rio-grandense de "35" e precursor no R.G.S. do ideal republicano brasileiro concretizado em 15 Nov 1889, com a Proclamação da República do Brasil que está próxima de completar um SÉCULO.

Mas mergulhemos no passado 135 anos, para melhor compreensão do título deste artigo. Por Decreto Imperial de 15 Dez 1830, D. PEDRO I criou a vila de Piratini nos seguintes termos:

"A povoação da Freguesia de Piratini fica criada vila com a denominação de Piratini... Seu distrito compreende os limites da mesma freguesia, os de CANGUÇU, e da Capela do Cerrito, e a parte do distrito de BAGÉ até o PIRAI..."

Com a eclosão da Revolução Farroupilha, o Dr. Marciano Ribeiro cria por Carta de 14 Out 1835, a LEGIÃO de GUARDAS NACIONAIS da Comarca de PIRATINI, composta de 1 (um) esquadrão e a duas companhias, sediadas respectivamente em CANGUÇU e CERRITO (hoje PEDRO OSÓRIO) e outro esquadrão e duas companhias sediadas em BAGÉ (1º e 2º Distr.).

Todos estes elementos constituiriam um CORPO, com sede em PIRATINI, e ao comando do então Cel Antônio de Souza Neto (Registro de Doc. nº 1 e Ato nº 2, da Câmara de PIRATINI).

Este corpo posteriormente adere à REVOLUÇÃO, e transforma-se na CÉLEBRE 1ª BRIGADA LIBERAL e de cavalaria "farrapa" do Gen Antônio de Souza Netto, que sob seu comando alcançou a memorável vitória sobre Silva Tavares em SEIVAL em 10 Set 1836.

Esta batalha recebeu este nome, em razão de ter sido travada em SEIVAL no então distrito de Bagé, e foi a que criou condições militares para que ANTÔNIO NETO proclamasse no outro dia a República Rio-Grandense.

Nesta batalha travada em terras de BAGÉ, nasceu o ESPÍRITO REPUBLICANO RIO-GRANDENSE DE "35", propagado na GUERRA DO PARAGUAI, concretizado em 15 Nov 1889, e consagrado pelos republicanos rio-grandenses históricos na Constituição Estadual de 1891, pela adoção como insígnia oficial do R.G.S. do Pavilhão Tricolor da República Rio-Grandense de 1836 (VERDE, AMARELO e VERMELHO da República Federada do Brasil que eles sonhavam igual que a quase centenária em que hoje vivemos).

Este espírito foi consagrado pela República do Brasil em 10 Mai 1970, através da introdução no Parque Osorio de uma réplica do lanchão "SEIVAL", que leva o nome da memorável batalha de Cavalaria travada em campos de BAGÉ, e em atendimento a desejo expresso do Exmo. Presidente Medici, coincidentemente ilustre filho desta cidade gaúcha "RAINHA DA FRONTEIRA".

Por coincidência, Osorio, "O MAIOR LANCEIRO DO BRASIL" e ANTÔNIO NETO "O VENCEDOR DE SEIVAL" eram ligados intimamente a BAGÉ, profissional e sentimentalmente, e unindo as duas cavalaria na Guerra do Paraguai, compostas de civis e militares irmanados, defenderam a PÁTRIA ESTREMECIDA, e juntos colheram uma eterna glória para o Brasil em TUIUTI.

Mas não ficaria aí a relação BAGÉ-SEIVAL. Quando os farroupilhas decidiram enviar à LAGUNA-SC, o lanchão "SEIVAL", nome sugerido por certo por Bernardo Pires "Mártir de SEIVAL" e simbolista farroupilha, por ter seu nome ligado à autoria da Bandeira e Escudo da República Rio-Grandense, BAGÉ não seguiria somente no nome do "SEIVAL".

Por terra segue uma vanguarda destinada a apoiar o lendário barco, composta de muitos bravos bagéenses, sobre os quais recairá o maior esforço desta batalha.

Seguiram ao comando do Cel Joaquim Teixeira Nunes (O Cel GAVIÃO), "O BRAVO DOS BRAVOS FARROUPILHAS", filho de CANGUÇU, e o primeiro a desfraldar a luz do sol rio-grandense o Pavilhão Tricolor farroupilha (6 Nov 1836), que seria adotado como insígnia oficial do R.G.S., pelos republicanos rio-grandenses históricos na Constituição de 1891.

Este bravo conseguiu a memorável vitória de SANTA VITÓRIA no rio Pelotas-SC, e dirigiu após, estas memoráveis palavras aos vencidos:

"Vós que sois casados, estais livres para cuidardes de vossas esposas e filhos".

Este autêntico filho do RIO GRANDE HERÓICO, hoje envolto num "CONE DE SOMBRA", foi quem resistiu heroicamente na Surpresa de Porongos, segundo nos conta Tarcísio Taborda na REVISTA MILITAR BRASILEIRA (Abr-Jun. 70), e ao custo de 80 cadáveres de seus célebres e temíveis lanceiros negros, e assegurando condições militares, por evitar a debacle total, para a negociação da PAZ DE PONCHE VERDE em termos honrosos.

A Teixeira Nunes coube comandar a última carga do ideal republicano no Decênio Heróico.

Tombou morto num entrevêro no passo do Canuto no arroio Chasqueiro, vítima de um golpe de lança, arma em cujo manejo fora um mestre. (Sua morte foi sentidíssima - Dante de Laytano).

O Decênio Heróico no qual os rio-grandenses se levantaram contra uma minoria mercantilista portuguesa que dominava o Império em que pese o 7 Set 1822, teria seu epílogo na histórica BAGÉ, com a honrosa paz de PONCHE VERDE, em termos propugnados com veemência pelo Grande DUQUE DE CAXIAS, "O Maior SOLDADO DO BRASIL" e por isto o Patrono do Exército Brasileiro.

Ao CAXIAS propugnar com veemência pelos termos de PACIFICAÇÃO, para os rio-grandenses em termos honrosos, e ao recusar a celebração de um TE DEUM em

regozijo à vitória, mandando ao invés que fosse celebrada uma missa em sufrágio das almas de todos quantos haviam tombado nas coxilhas, em defesa do que idealisticamente julgavam ser as suas verdades, deve ter reconhecido dentro de sua clarividência, a procedência das razões que tinham levado os rio-grandenses ao 20/SET./1835.

O fato é que êle não havia provocado aquele incêndio e ali se encontrava para apagá-lo, em nome da INTEGRIDADE DO BRASIL E DA PAZ DA FAMÍLIA BRASILEIRA.

E êle o apagou bem e, dentro do espírito acima, como já o fizera no MARANHÃO, SÃO PAULO e MINAS GERAIS.

Caxias, ao reconhecer a justeza dos motivos da Revolução Farroupilha, deve ter tido em mente a figura de seu caríssimo tio e que fora como um irmão para êle pois haviam, juntos, assentado praça como cadetes, respectivamente, com três (seu tio) e cinco (Caxias) anos, no 1º REGIMENTO DE INFANTARIA ao comando de seu pai e avô respectivamente, Cel José Joaquim de Lima e Silva, com anuência de D. João VI.

Refiro-me ao Gen João Manoel de Lima e Silva, o primeiro a chegar a Piratini, já proclamada a República Rio-Grandense, e logo após junto com Bento Gonçalves foram elevados à condição de primeiros generais da novel república.

Seu caríssimo tio foi um grande MÁRTIR DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE, pois aprisionado na manhã de 18 Ago 1837, foi na mesma tarde fria e barbaramente assassinado em São Borja, e ali sepultado . Os republicanos farrapos o exumaram em São Borja e o sepultaram em Caçapava, onde seu túmulo foi profanado por imperiais, e seus ossos espalhados campo afora. O grande Caxias não poderia esquecer-se disto.

O bárbaro e frio assassínio de João Manoel quando indefeso, seguido da profanação de seus restos mortais, era a negação do ESPÍRITO RIO-GRANDENSE DE "35", de humanidade para com os vencidos, e traduzido pelos amores perfeitos que Bernardo Pires inscrevera no Escudo da República Rio-Grandense, com o significado "FIRMEZA e DOÇURA" dos autênticos rio-grandenses de "35".

Estas palavras foram traduzidas na prática pelo Cel Teixeira Nunes conforme referi no combate de Santa Vitória. FIRMEZA durante o combate, e DOÇURA após este, significando humanidade e respeito para com os vencidos.

FIRMEZA e DOÇURA é parte importante do ESPIRITO DE "35", no qual se baseia a mais autêntica TRADIÇÃO DO R.G.S., esta, um dos grandes fundamentos do sentimento maior de "BRASILIDADE".

(Jornal do Comércio - Recife, 13 de agosto de 1970)

CAPÍTULO IV

PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES

Efemérides

1648

19 Abr: Trava-se a 1ª Batalha dos Montes Guararapes, na qual o Mestre de Campo FRANCISCO BARRETO DE MENEZES vence os holandeses comandados por Sigismundo von Schkoppe, criando condições para que Henrique Dias tomasse Olinda, que fazia 18 anos se encontravam em poder do invasor.

1649

19 Fev: Trava-se a 2ª Batalha dos Montes Guararapes, na qual o Mestre de Campo FRANCISCO BARRETO DE MENEZES vence os holandeses comandados por Van der Brincken, morto em ação.

1656

23 Ago: "Em memória às felizes vitórias alcançadas contra o holandês, o Mestre de Campo, General FRANCISCO BARRETO DE MENEZES faz erguer nos Montes Guararapes a Capela votiva N. S. dos Prazeres, por ter sido travada a 1ª Batalha na véspera do dia consagrado a esta santa.

Nesta data o Cap Alexandre Moura doa a Francisco Barreto o terreno onde este havia feito erguer a capela, e o Mestre de Campo Francisco Barreto Menezes doa dito terreno em caráter definitivo aos beneditinos em 8 Nov 1656.

Dita capela foi remodelada entre 1676 e 1680 pelos beneditinos, e lá repousam os restos mortais de João Fernandes Vieira e de André Vidal de Negreiros.

Entre os anos de 1755 e 1795 a capela sofreu nova remodelação.

1938

16 Mar: A Igreja de N. S. dos Prazeres é tombada como monumento artístico pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com anuência do Mosteiro de São Bento de Olinda.

1948

07 Mar: A Igreja de N. S. dos Prazeres e colina são decretadas MONUMENTO NACIONAL. (Dec. 25.175).

1949-1953

Projeto de loteamento solicitado próximo à área histórica dos Montes Guararapes, dá origem a uma longa questão que se prolongaria por dez anos, envolvendo de um lado o Mosteiro de São Bento, e do outro, o Governo de Pernambuco, IAHGP, 1º Dist. do DPHAN, Comissão do TRICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO, Prefeitura e Comarca de Jaboatão, por não se ter chegado a um acordo entre as partes, se o loteamento pretendido afetava ou não os destinos dos terrenos históricos dos Guararapes.

De ambas as partes havia o patriótico desejo de que fosse preservado o "chão sagrado" da nacionalidade, havendo no entanto discordância quanto à forma.

Esta questão teve lugar durante o período coincidente com os festejos do TRICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO.

1954

10 Nov: Por ato nº 2.774, o Governador Etelvino Lins constituiu a seguinte "COMISSÃO ARBITRAL", com a tarefa de localizar o sítio histórico das "Batalhas dos Guararapes".

Presidente: Dr. Luiz Estevão de Oliveira Mello - Presidente do IAHGP
 Prof. Jordão Emerenciano - do Arquivo Público Estadual Mário Mello —
 Secretário do IAHGP José Antônio Gonsalves de Mello do DPHAN
 Clodoaldo de Oliveira, 1955

25 Jan: O Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, Diretor Geral do DPHAN, lembra a necessidade de ser incluído na "COMISSÃO ARBITRAL", um representante do Ministério da Guerra, tendo sido designado para tal, o Ten Cel Lauro Alves Pinto, estudioso das batalhas dos Guararapes.

14 Mar: O IAHGP requer ao DPHAN que seja tombada em caráter de urgência, a área histórica dos Montes Guararapes.

10 Mai: O deputado federal NILO COELHO apresenta na Câmara Federal o Projeto nº 282-1955, autorizando ao Poder Executivo declarar de utilidade pública e desapropriar, os terrenos históricos onde se travaram as Batalhas de Guararapes.

Por este projeto era proposta a criação de uma comissão de âmbito federal para tratar do problema, e composta de representantes do Ministério da Guerra, Ministério de Educação e Cultura, Governo de Pernambuco e Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco.

30 Jun: O Conselho Consultivo do DPHAN acolhe por unanimidade à solicitação do IAHGP de tombamento histórico da área das Batalhas dos Guararapes, nos termos em que a mesma foi requerida pelo INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO (IAHGP).

Dito Conselho incumbiu uma comissão idônea para propor a demarcação e em definitivo, do campo das Batalhas dos Guararapes, e incumbe o DPHAN de proteger a área.

05 Jul: O Dr. Rodrigo M. F. de Andrade Diretor do DPHAN, comunica ao Ministério da Educação e Cultura, que atenderam à solicitação do IAHGP no sentido do tombamento do campo das Batalhas dos Guararapes, em reunião do Conselho Consultivo do DPHAN por êle presidida, e da qual participaram PEDRO CALMON, CORREIA LIMA, AFONSO ARINOS, MIRAN LATIF, MARQUES DOS SANTOS, WASTH RODRIGUES, PAULO SANTOS SOARES DE MELO, AMÉRICO LACOM-BE e OSVALDO TEIXEIRA (Foi acolhido por unanimidade o requerimento do IAHGP).

26 Jul: O Abade do Mosteiro de São Bento impugnou o ato, e neste sentido solicitou interferência do Ten Brigadeiro Eduardo Gomes "por discordar do pretendido tombamento que não implicava numa desapropriação com indenização, acarretando pesado ônus para o Mosteiro em vigilância e impostos, além de criar embaraços ao Mosteiro, no sentido de dar o destino que lhe conviesse, ao patrimônio de N. S. dos Prazeres".

13 Dez: O Conselho Consultivo do DPHAN tendo como relator do Processo de Tombamento do Guararapes, de nº 523T, o historiador PEDRO CALMON, rejeitou por unanimidade a impugnação.

1956

21 Jan: O Diretor Geral do DPHAN determina ao 1º Distrito, que faça reunir a Comissão de Demarcação das Batalhas dos Guararapes, assim que possível.

25 Mai: O Exmo. Sr. Juiz de Direito da 1ª Vara da Fazenda Pública do Distrito Federal-Rio de Janeiro, denega o MANDADO DE SEGURANÇA impetrado pelo Abade do Mosteiro de São Bento-Olinda, em face das informações que solicitou ao DPHAN.

1959

4 Set: O Deputado Júlio de Mello, da Assembléia Legislativa de Pernambuco, requer seja consignado um voto de louvor ao DPHAN e ao IAHG, por suas vitórias, na luta pela preservação dos lugares históricos para a nacionalidade, os sítios onde se travaram as "Batalhas dos Guararapes".

No dia seguinte, José da Hilva requer providência idêntica na Câmara de Vereadores do Recife.

Set: É encaminhado ao DPHAN, o Relatório Parecer da COMISSÃO DE DEMARCAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DOS GUARARAPES, e composto de:

- Parecer Relatório em sete itens.
- Uma ampliação da Carta Topográfica do Recife da escala de 1/10000 para 1/25.000 - Serviço Geográfico do Exército, contendo indicação das áreas a tombar.
- Relatório do Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, com indicações acerca do local onde se travaram as Batalhas dos Guararapes.

A Comissão de Demarcação teve a seguinte constituição:

- Eng. Ayrton de Almeida Carvalho - Representante do MEC (Chefe do 1º Distrito do DPHAN)
- Prof. Jordão Emerenciano (historiador) - Representante do governo de Pernambuco (Do Arquivo Público Estadual)
- Prof. José Antonio Gonsalves de Mello (historiador) - Representante do IAHG (Presidente do IAHG)
- Cel Lauro Alves Pinto (historiador-militar) - Representante do Exército.

Para a conclusão deste trabalho muito contribuiu a obra do **RECÔNCAVO DOS GUARARAPES** — 2ª Ed. da Biblioteca do Exército, do Maj Antônio Souza Júnior, professor de História Militar da Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

E assim chegaria ao fim, a primeira batalha para a preservação dos Montes Guararapes.

1961

14 Fev: O Chefe do 1º Distrito do DPHAN, em Of. nº 16/61, solicita ao Secretário de Segurança de Pernambuco, proteção dos históricos locais das Batalhas dos Guararapes, contra a invasão da área por intrusos, e sugere a colocação no local de um Destacamento Permanente de Polícia para impedir a invasão. Obteve promessa que não se concretizou.

E tem início longa batalha para preservação para a NACIONALIDADE dos locais sagrados das Batalhas dos Guararapes, agora ameaçados por invasões.

13 Mar: O Chefe do Distrito do DPHAN solicita ao Governador do Estado de Pernambuco, que efetive a proteção da área histórica das Batalhas dos Guararapes, e invoca a Constituição Federal, e o Dec. nº 25 de 30 de novembro de 1937, que disciplina a proteção do Patrimônio Histórico.

1962

23 Out: Por solicitação do Chefe do 1º Distrito do DPHAN, o Gen Humberto de Alencar Castelo Branco - Cmt do IV Exército, visita a área histórica dos Montes Guararapes, tendo ficado acertadas medidas de proteção àquela área, contra a invasão de parte de populares construindo casas clandestinamente (Ofício nº 168/ 62 do Chefe do 1º Distrito do DPHAN a seu diretor).

04 Mar: O Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda e o Chefe do 1º Distrito do DPHAN, enviam ao Diretor deste órgão, telegrama "via Western", e no seguinte teor: **"Solicitamos urgente intervenção do governo Federal contra invasão organizada terrenos dos Guararapes. Mais mil casas construídas revelando plano sistemático. Procuramos fazer frente apelando autoridades locais"**.

10 Mar: O Chefe do 1º Distrito do DPHAN denuncia através do **Diário de Pernambuco** em entrevista sob o título **"Montes Guararapes invadido por três mil mocambos - protesto!"**
Nesta ocasião reitera medidas acauteladoras de parte do governo estadual.

13 Mar: O jornalista NILO PEREIRA em "NOTAS AVULSAS" do **Jornal do Commercio** protesta:

"A onda de invasões de mocambos nos Montes Guararapes de que lhe falou o Eng. Ayrton Carvalho Chefe do 1º Distrito do DPHAN e incansável preservador de nosso passado, faz parte da onda de invasões que estamos vivendo. A área histórica dos Montes Guararapes deve ser preservada, pois é CHÃO SAGRADO".

25 Mar: Em aviso nº 226/63, o Ministro da Guerra determina ao Comandante do IV Exército que dê proteção à área histórica dos Montes Guararapes em razão de solicitação do MEC.

23 Abr: O Exmo. Sr. Gen Ex Humberto de Alencar Castelo Branco Chefe do Estado-Maior do Exército, em ofício nº 428 S/1-2 encaminha ao Comandante do IV Exército, solicitação originária da Casa Militar da Presidência da República, no sentido de se estudar a localização de uma Unidade do Exército em Guararapes, a fim de preservar a área das duas batalhas, que se constitui Patrimônio Histórico.

O Deputado Federal por Pernambuco, Dr. Nilo Coelho, comunica ao Chefe do 1º Distrito do DPHAN, que foi aprovado pela Câmara projeto nº 3143 A-1961 de sua autoria (DO 17-4-63), **que autoriza o Poder Executivo declarar de utilidade pública e a desapropriar, os terrenos onde foram travadas as Batalhas dos Guararapes.**

1964

30 Mai: Em reunião do INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PERNAMBUCO, seu presidente Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, recorda a participação decisiva daquela casa, na luta pela preservação para a posteridade, da área histórica onde se feriram as Batalhas dos Guararapes.

Nesta reunião ficou decidido a confecção de um memorial a ser entregue ao Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, quando de sua próxima visita ao Recife, o que foi feito.

O Presidente Castelo Branco, quando general Comandante do IV Exército, visitava com frequência o IAHGP, e entre outras coisas, como uma visita sentimental, **pois frequentou na infância, uma escola no prédio onde o IAHGP tem sua sede.**

Posteriormente, o Abade do Mosteiro de São Bento em Olinda seria recebido em audiência pelo Presidente Castelo Branco, sendo tratados na audiência assuntos referentes ao projeto de desapropriação dos Montes Guararapes. (Do Jornal do Commercio de 19 de junho 64).

06 Ago: O Diário de Pernambuco em editorial "Monumento Histórico Ameaçado" refere entre outras coisas, a necessidade de aprovação pelo Senado, do projeto de desapropriação do deputado NILO COELHO, ***sem o que não será afastado o fantasma das invasões dos terrenos das Batalhas dos Guararapes, e apela ao Governo da Revolução, para honrar o legado dos heróis das Batalhas dos Guararapes.***

18 Ago: Em reunião realizada no QG do IV Exército, presidida pelo Cel Inf Dácio Vassimon, presentes o Chefe do 1º Distrito do DPHAN dirigentes do SSCM e Abade do Mosteiro de São Bento, foram acertadas medidas visando preservar a área dos Guararapes das contínuas invasões.

19 Ago: O Diário de Pernambuco em artigo "***Exército quer os Montes Guararapes para si***" divulga a reunião havida no IV Exército, visando preservar a área histórica dos Montes Guararapes. É publicada a carta 1/10.000 da Comissão Federal de Demarcação.

O Diário da Noite em editorial "***Lugares Históricos***" elogia a iniciativa tomada pelo IV Exército, pretendendo que toda a área que circunda os Montes Guararapes seja preservada.

20 Ago: O Jornal do Commercio sob o título "Patrimônio Histórico" **diz que o Exército quer proteger Guararapes.**

1965

16 Nov: O Exmo. Sr. Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, no uso de suas atribuições, por Decreto de nº 57272, declara de utilidade pública e autoriza ao Ministério de Educação e Cultura a desapropriar os terrenos onde se travaram as Batalhas dos Guararapes, ficando excluído da desapropriação, mas sob a proteção do DPHAN, o Santuário de N. S. dos Prazeres, e uma área adjacente constante da doação original feita ao Mosteiro de São Bento de Olinda, pelo Mestre de Campo, General Francisco Barreto Menezes.

Por este decreto os terrenos desapropriados ficariam sob a guarda e proteção do DPHAN.

1966

07 Out: O Exmo. Sr. Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, em Decreto nº 59.372, abre crédito de 360 milhões de cruzeiros, para atender às despesas com desapropriação dos terrenos das Batalhas dos Guararapes, que foram pagos antes mesmo da finalização dos respectivos processos.

Neste ano houve sugestões para transformar a área em Parque Nacional.

1967

19 Abr: O Chefe da Comissão Regional de Obras da 7ª Região Militar remeteu a esta, planta memorial descritiva com laudo de avaliação, para iniciar o processo de transferência de jurisdição do DPHAN para o Ministério da Guerra, após legalizadas as desapropriações em 25 de agosto de 1971.

1969

13 Ago: Por determinação do Exmo. Sr. Gen Ex Alfredo Souto Malan, Cmt do IV Exército, a comissão militar que êle nomeou com fim de construir o Monumento Guararapes, procedeu minucioso reconhecimento no local das Batalhas dos Guararapes.

Esta comissão que formulou interessantes recomendações para a construção do Monumento Guararapes, era constituída pelos seguintes oficiais do QG do IV Exército: Cel

Carlindo Rodrigues Simão, Cel Hugo Hortêncio de Aguiar e Ten Cel Cláudio de Moura Abreu.

O Monumento Guararapes não foi iniciado por falta de recursos financeiros, mas dita comissão forneceu valiosos subsídios para trabalhos posteriores.

Nesta ocasião sob a direção do Cap Eng Cícero Assunção Cardoso foi construída uma maquete da área desapropriada nos Montes Guararapes, e que será de real valia para o estudo e projeto do Parque Histórico Guararapes.

Colaborou na construção desta maquete, o Dr. Alceu Pandolfi através da EMPETUR.

Em datas de 10 de dez. 63, 10 de jan. 64 e 21 de jan. 67, o Cmdo. do IV Exército encaminhou proposta ao Estado-Maior do Exército, com vistas entre outras coisas a preservar a área histórica das Batalhas dos Guararapes, pela localização de uma unidade junto a ela, sem no entanto descaracterizá-la.

1970

10 Mai: Por ocasião da inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osorio no Rio Grande do Sul, o Exmo. Sr. Presidente Gen Ex EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI comunicou ao Exmo. Sr. Gen Ex Arthur Duarte Candal Fonseca - Comandante do IV Exército, sua disposição de concretizar para breve o Parque Histórico Nacional Guararapes, pelo significado das batalhas de mesmo nome, na formação da NACIONALIDADE BRASILEIRA, ao mesmo tempo que incumbiu o Comandante do IV Exército da missão.

Esta disposição do Exmo. Sr. Presidente Medici a confirma, ao presidir como é da tradição, reunião do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, e quando de sua passagem pelo Recife, por ocasião de sua visita recente às frentes de trabalho, das regiões do Nordeste assoladas pela seca.

"O gaúcho a pé é o pernambucano a cavalo"

Em razão do passado de lutas dos pernambucanos e gaúchos, principalmente contra o invasor estrangeiro, e em prol do ideal republicano, concretizado em 15 de novembro de 1889.

Costumam os primeiros chamar os gaúchos de "*pernambucanos a cavalo*", e os gaúchos aos pernambucanos de "*gaúchos a pé*", num reconhecimento recíproco de um passado de lutas e de glórias militares, que ambos orgulhosamente ostentam, o que muito os aproximam.

A diferença deste tradicionalismo talvez resida em seu culto.

Se Pernambuco não possuir maior tradição que o Rio Grande, possui pelo menos dois fatos marcantes em sua história, qual sejam o de berço do sentimento de nacionalidade e do ideal republicano (Olinda, 1710).

No entanto, parece-me que os "*gaúchos a pé*" não dão um cunho popular geral e escolar intenso ao culto de suas tradições, como o fazem os "*pernambucanos a cavalo*", desde a década de 40 e sob a forma de um movimento cultural denominado TRADICIONALISMO GAÚCHO, que tem por lema, TRADIÇÃO, ALMA DE UM POVO, e mais consentâneo com a era da comunicação social.

Este movimento em pouco menos de 30 anos espalhou-se por todas as cidades, vilas, povoados, escolas, fábricas, rincões e soledades do meu Rio Grande do Sul, principalmente sob a forma de CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS. A este movimento não escapariam o Sul de Santa Catarina e Mato Grosso e outras cidades, onde os gaúchos se apresentem em regular número, ao se reunirem sob o lema "GAÚCHO EM QUALQUER PAGO" (Estado, país).

Sob a forma de CHURRASCO e VINHO gaúchos, o movimento espalhou-se ao longo das principais rodovias que cortam o Brasil em todos os sentidos, levados por algum motorista, principalmente da colônia italiana gaúcha, que cansado de viajar, se estabelece e prospera neste ramo de negócio.

Na feitura deste churrasco, já se verifica um reflexo da miscigenação no Rio Grande do Sul, pois nele aparece o churrasco de carne *vacum* do gaúcho tradicional, o galetto al primo canto e o vinho do gaúcho de origem italiana, e o churrasco de suínos e salada de batatas do gaúcho de origem germânica.

A luta do pernambucano contra o estrangeiro é bem conhecida através do episódio da expulsão dos holandeses, no qual contaram quase que unicamente com os meios aqui existentes, e contrariaram a ordem de cessar a luta, dada pelo rei D. João IV de Portugal, já conformado em ceder PERNAMBUCO à HOLANDA.

Este tipo de lutas para os gaúchos teria início em consequência da fundação pelos portugueses em 1680, de Colônia do Sacramento, defronte a Buenos Aires, e em terras do atual Uruguai fato ocorrido 6 anos após a capitulação holandesa na Campina da Taborda.

Este período de lutas pode ser caracterizado pelo tempo que medeia entre a invasão do Rio Grande do Sul, em 1763, pelo Governador Ceballos de Buenos Aires e o término da guerra contra Lopes do Paraguai em 1º de maio de 1870, na qual, o Rio Grande seria invadido, por uma coluna paraguaia, que submetida ao cerco em Uruguaiana, se renderia em presença de D. Pedro II.

Em 1776, após um domínio espanhol de 13 anos sobre a atual cidade de Rio Grande, os gaúchos, partindo de São José do Norte e do Rio Pardo expulsam os espanhóis de Rio Grande, e arrasaram o Forte de Santa Tecla, próximo à cidade de Bagé, e que os espanhóis haviam fundado em 1773.

Em 1801, quando a "fronteira do vaivém" era regulada pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), eram de Espanha as terras dos Sete Povos das Missões, as do sul do rio IBICUI (Distrito espanhol de Entre Rios) e as do sul do Rio Piratini, ou dos municípios de Canguçu e Pedro Osório (Distrito espanhol de Cerro Largo).

Nesta situação tendo a Espanha e Portugal entrado em guerra na Europa, os gaúchos sem ordem real e por iniciativa própria, conquistam pelas armas e em definitivo, as terras acima, exceto as do Distrito de Entre Rios que o seriam em 1821, quando da incorporação do Uruguai ao Reino Unido do Brasil Portugal e Algarves, com o nome de Província Cisplatina.

As terras conquistadas em 1801, não foram devolvidas por Portugal, em razão de Espanha não haver devolvido na Europa a cidade de Olivença que havia conquistado pelas armas.

Nesta ação, haveria uma semelhança entre o pernambucano e o gaúcho, pois se o primeiro, por iniciativa própria e à revelia de Portugal defendeu PERNAMBUCO do domínio holandês, o segundo, da mesma forma, conquistou pelas armas e de Espanha, quase que metade do atual Rio Grande do Sul.

Em 1816, os gaúchos atendendo aos desígnios estratégicos de D. Carlota, esposa de D. João VI invadem o Uruguai, que seria incorporado ao Brasil em 1821 com o nome de PROVÍNCIA CISPLATINA e que, após um período de guerra (1825-1828), e contando com o apoio argentino, se tornou independente.

No período que se seguiu e até por volta de 1893, foram uma constante os choques entre gaúchos, rio-grandenses, uruguaios e argentinos, envolvendo inclusive os paraguaios, muitos não registrados pela história e denominados "*califórnia*" e outros, denominados de guerra; contra Rosas e Oribe (1852), contra Aguirre (1863), e contra Lopes (1866-1870), todos em busca de definição da "*fronteira rio-grandense do vaivém*" ou quando não, do equilíbrio na Bacia do Prata.

Neste último choque, os leões do norte e os leões do sul, como que coroando um longo período de lutas contra o estrangeiro invasor (1555-1870), no qual se destacaram sobremaneira, consolidando uma tradição guerreira, dão-se as mãos e passam a lutar contra o invasor, mas agora lado a lado, ombro a ombro, confirmando seus conceitos de "OS FORMADORES DA NACIONALIDADE e OS SENTINELAS DO BRASIL".

Na luta pela república, os pernambucanos seriam os precursores em 1710 em Olinda, luta repetida em 1817 em 1824, através da proclamação de repúblicas de efêmera duração e sufocadas com mãos de ferro.

Estes exemplos influenciaram nos gaúchos, ao proclamarem a República Rio-Grandense, um ano após a eclosão da Revolução Farroupilha que durou quase 10 anos, e ao criarem condições através de uma expedição combinada terra-água, para que fosse proclamada a República Juliana em Santa Catarina.

Estas repúblicas somente não foram concretizadas - e para o bem da UNIDADE NACIONAL, graças ao domínio da barra do Rio Grande pela Marinha Imperial, patriotismo de David Canabarro, conterrâneo do saudoso Mar Arthur da Costa e Silva, ao responder a Rosas da Argentina que propôs ajudá-lo contra o Império: "*Com o sangue de nosso primeiro soldado argentino a atravessar a fronteira será assinada a paz com o Império; acima de nosso amor à República está nosso brio de brasileiros*".

E graças se deve sobretudo, à habilidade de Duque de Caxias, que consolidaria em definitivo sua posição de O PACIFICADOR, após seus sucessos pacifistas, no Maranhão, Minas Gerais e São Paulo.

Por certo, o espírito do título deste artigo inspirou o "*pernambucano a cavalo*" Presidente Medici por ocasião da recente inauguração do PARQUE HISTÓRICO Mar OSORIO, ao dirigir-se a outro "*pernambucano a cavalo*", o Gen ARTHUR Duarte Candal da Fonseca Cmt do IV Ex e presente à cerimônia: transmitir esta mensagem:

Peço que V. Exa. transmita ao bravo povo pernambucano que minha próxima meta, é a concretização do PARQUE HISTÓRICO NACIONAL GUARARAPES.

(Diário de Pernambuco — 21 maio 1970)

NOTA - Por ocasião da Guerra de 1801 na qual foi conquistado pelas armas e em definitivo, mais de metade do atual Rio Grande do Sul, muito se deve esta conquista a Pernambuco, através da notícia levada por um barco pernambucano, dando contas ao Governador do Rio Grande, Ten General Veiga Cabral, que a guerra entre Espanha e Portugal havia eclodido meses antes. Esta faustosa notícia possibilitou que os rio-grandenses se preparassem com tempo suficiente para a guerra, e surpreendessem o Marquês de Sobremonte, Governador de Buenos Aires (Tomada do Sete Povos das Missões de Gabriel Ribeiro de Almeida, irmão do Gen Bento Manoel Ribeiro, publicado em "PRIMEIROS CRONISTAS DO R.G.S." de Guilhermino César).

"Pernambuco na Revolução Farroupilha"

Quando o Presidente Medici vem de inaugurar em 10 de maio, o primeiro parque histórico do Brasil, e de anunciar ao Gen Candal Cmt do IV Ex, sua disposição de concretizar o Parque Histórico Nacional Guararapes, pelo que as batalhas do mesmo nome representam na formação de nossa nacionalidade.

Aproveito a ocasião, na qual a Revolução Farroupilha (1835-1845) se torna manchete, pela introdução no parque histórico gaúcho ora inaugurado, de uma réplica do barco farroupilha "SEIVAL", mandado construir pelo próprio Presidente Medici, para contar aos pernambucanos, da influência de suas revoluções republicanas na Revolução Farroupilha.

A tentativa de Olinda em 1710 não influenciou no RGS, porquanto este somente teve iniciado seu povoamento com a fundação em 1737 pelo Brigadeiro Silva Paes do Presídio Jesus-Maria-José atual cidade de Rio Grande.

As tentativas de 1817 e 1824 abafadas com mão de ferro, influenciaram o Rio Grande através da maçonaria muito difundida então, e através dos navios que aportavam no porto de Rio Grande para descarregar açúcar e carregar charque gaúcho, e principalmente no período (1816-1825), em que nosso charque estava em apogeu, em *"razão de Lecor haver proibido que o charque de Montevideu, concorresse com o de Pelotas"*.

No bojo destes navios iam exemplares dos jornais pernambucanos da época e editados no Recife, THYPHIS PERNAMBUCANO e ARGOS PERNAMBUCANO.

Estes jornais de Rio Grande iam para Pelotas, polo econômico gaúcho de então, em razão do apogeu da indústria do charque, que aí fora fundada desde 1780 pelo cearense José Pinto Martins.

No entanto, a influência decisiva parece ter sido a que foi exercida pelo padre José Antônio Caldas, constituinte de 1823, e revolucionário da Confederação do Equador, e por isso refugiado no Uruguai independente do Brasil desde 1828 (Walter Spalding - A Epopéia Farroupilha).

O padre Caldas, ardoroso propagandista republicano, vivia próximo de Jaguarão, onde entraria em contato entre outros, com os seguintes chefes farroupilhas: Bento Gonçalves, Lucas de Oliveira e João Pedro Soares.

Portanto, não seria coincidência quando a República do Piratini foi proclamada por Antônio Neto após sua vitória em SEIVAL, que o fosse próximo a Jaguarão.

Bem como não seria coincidência que Jaguarão fosse a primeira Câmara Municipal a aprovar o gesto de Neto e sua proclamação, estes sob a insistência e inspiração de João Pedro Soares (Walter Spalding).

É presumível, que o ideal republicano que se nota ao se estudar a Confederação do Equador, tenha influenciado através do Padre Caldas, na República Rio-Grandense, e após, na República Juliana em Santa Catarina, esta resultante da expedição rio-grandense por água com o lanchão "SEIVAL", e por terra a cargo de Teixeira Nunes, e que vitoriosa, este proclama aos catarinenses;

"A república rio-grandense nada tem tanto a peito, quanto a federação com os estados seus irmãos".

Teixeira Nunes fora Major do Corpo de Lanceiros Negros ao cornando de Joaquim Pedro Soares, íntimo do Padre Caldas, e inspirador como disse antes do gesto de Neto e um ano após o início da Revolução Farroupilha, quando seu chefe Bento Gonçalves, derrotado e preso na ilha do Fanfa, rumava para o Forte do Mar na Bahia, de onde se evadiria pouco após.

Os gaúchos por certo muito aprenderam com as revoluções pernambucanas, por terem feito a sua durar 10 anos, e só acabando graças à ação do Barão de Caxias, o consagrado pacificador, a quem muito se deve uno este gigante do mapa da América do Sul.

Caxias na sua ação pacificadora no Rio Grande, muito deve ter aprendido com seu pai, obrigado pela "galegalidade" da época, a sufocar o movimento republicano pernambucano de 1817, ao invés de pacificá-lo como o fêz Caxias e de maneira brilhante, no Rio Grande do Sul, no Maranhão, em São Paulo e em Minas Gerais.

(Jornal do Commercio - Recife - Quinta-Feira 21 de maio de 1970)

O Sentido de Guararapes
Jordão Emerenciano
Diretor do Arquivo Público Estadual

As duas batalhas dos Guararapes constituem o ponto mais alto da história militar brasileira pelas repercussões que despertaram e pelas mensagens que ainda hoje nos transmitem, com uma grande força e muita atualidade. Netscher entendeu que foram elas a praticamente, pôr termo ao império colonial flamengo no Brasil.

A primeira grande mensagem dessas duas batalhas que coroaram com a vitória uma campanha demorada e penosa, é a de que todos, civis e militares, brancos e pretos, índios e cafusos, ricos e pobres, se uniram num ideal comum pela "*guerra da liberdade divina*". Era a mobilização, espontânea e natural, de todas as classes e de todos os recursos humanos e materiais. Era o povo em armas para a defesa da terra comum da mesma fé que unia pretos e brancos, ricos e pobres, dos mesmos costumes e hábitos sociais que estavam dando fisionomia e feitio a uma sociedade nascente.

A grande lição da guerra contra os flamengos e que atinge o ponto mais alto nos Guararapes - foi a revelação da extraordinária capacidade de adaptação do luso-brasileiro, ao terreno, às condições ecológicas, usando os meios de que dispunham e criando um novo estilo de combater.

Enquanto isso, os flamengos, sem qualquer senso de adaptação, entravam na batalha com uniformes de veludo, arnezes, botas de aço, arcabuzes pesados e combatiam segundo os modelos clássicos da Europa. Pior ainda, usavam no trópico a mesma dieta européia, manteiga, queijos, vinhos e conservas que vinham da Holanda. Isso exigia um enorme esforço e dispêndio para o abastecimento de uma frente de batalha que disputava milhares de quilômetros das fontes de produção.

Outra grande lição dos Guararapes: o senso de comando daqueles civis improvisados, sofredamente, em governadores dos "terços". Viviam com a sua tropa, comiam do mesmo rancho, partilhavam dos mesmos perigos e sofriam juntos os mesmos riscos. Tinham a tropa na mão.

Admirável a lição de disciplina a que eles deram, também nos Guararapes. Curtidos na guerra, longa e penosa, sangrados na sua bolsa, comandando há anos a sua gente, eis que aparece, no dia da batalha, um general de curso; militar profissional, vindo da metrópole com a patente real de comandante em chefe. A reação humana e previsível que se poderia esperar daqueles civis improvisados em militares, qual seria? Ignorar o general, continuar na direção da guerra e conservar o Comando efetivo de sua gente. A reação, porém, foi da maior disciplina e correção. Chamados a "Conselho" prontamente reconheceram a autoridade do Comando em chefe e lhe prestigiaram a atuação.

O outro, o General Barreto, também hábil e justo, dando uma lição de senso de comando. Sabia êle que os governadores de terço (hoje seriam os coronéis comandantes de regimentos) eram os que tinham a experiência da campanha, o conhecimento do terreno e a tropa na mão. Por isso mesmo, foi prudente nas decisões, ouvindo quem podia opinar e, forte na hora de comandar.

A nossa gente, ao criar um estilo de combate, revelou um extremo poder de mobilidade, de maneabilidade e de improvisação, lutando com paus tostados, vestidos muitas vezes somente em ceroulas e com uma inamovível disposição de vencer.

Gente extraordinária essa que operou milagres de bravura, resistência e heroísmo. Aqueles montes foram tintos de sangue e as duas batalhas custaram um preço muito alto em vidas, sofrimento e amor à defesa da terra comum.

Ali se pôs termo ao Império Colonial flamengo no Brasil, salvando-se não apenas a unidade brasileira, mas a própria unidade do espírito latino sul-americano. O Nordeste brasileiro era a cabeça de ponte, o ponto de apoio de um grande império flamengo, calvinista e mercantilista, que se estenderia até Buenos Aires.

Duas vezes fecundado pelo sangue dos heróis, Guararapes inspira respeito e naqueles montes deve-se estar sempre em atitude reverente.

Guararapes deveria ser transformado em Panteon, não somente porque neles repousam Vieira e Vidal de Negreiros e outros cujos nomes se perderam, mas porque ali se decidiu o destino deste país que amanhecia cobiçado e desejado por aventureiros e estadistas, corsários e empresas mercantilistas. Ali, os flamengos perderam mais que duas batalhas. Perderam o Brasil, perderam a América do Sul.

Jordão Emerenciano
Diretor do Arquivo Público Estadual

Sr. Dr. Ayrton Carvalho

Chefe do 1º Distrito da D.P.H.A.N.

Pede-me V. S. para informar, à vista de uma planta de terreno de que é proprietária a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, administrada pelo Reverendo Dom Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, se estão abrangidos no plano de loteamento do terreno referido, mandado projetar pela mencionada autoridade eclesiástica, as áreas em que ocorreram as duas Batalhas dos Guararapes (19 de abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1649). Em atenção ao pedido de V. S., informo.

1) - Fontes para a história das duas batalhas

Setembro de 1959

Por José Antônio Gonsalves de Mello

Conhecem-se as "partes" (isto é, a comunicação oficial escrita) referentes à primeira batalha, redigidas pelos dois comandantes militares adversários, a saber, a de Francisco Barreto, sem data, publicada na REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO tomo 56, 1ª parte (Rio, 1893) p. 71/75 e a de Sigemundt von Schkoppe, sem data, a qual, traduzida do holandês por mim, foi publicada pelo General Antônio de Souza Júnior no seu livro DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES 2ª ed. (Rio, 1949) p. 223/224. Conhecem-se ainda depoimentos de outros militares que dela participaram, tais como o de Filipe Bandeira de Melo, Tenente do Mestre de Campo General Francisco Barreto, dirigido ao Rei e datado do Arraial de Pernambuco 19 de maio de 1648 (e cujo original se acha anexo à consulta do Conselho Ultramarino de 9 de julho de 1648, conservado no ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA, Pernambuco, papéis avulsos caixa 1) e o de Cornellius van der Brande, Coronel comandante de um dos Regimentos holandeses e substituto de von Schkoppe, sem data, publicado no livro citado, DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES, p. 225/227.

Da segunda batalha não há as "partes" dos dois comandantes: a de Francisco Barreto, se se conserva, até agora não foi revelada; a do Coronel van der Brinck, que comandava em chefe os holandeses, não pode existir, pois êle foi morto na luta. Conhecem-se da parcialidade luso-brasileira uma RELACION DE LA VICTORIA (s. 1., 1649) e da holandesa o "RELATÓRIO" DO CONSELHEIRO MICHIEL VAN GOCH,

datado de 22 de fevereiro de 1649, publicado no livro do General Souza Júnior cit., p.. 229/233.

Depoimento de contemporâneo da luta, residente em Pernambuco e conhecedor do terreno, só existe um, o de Diogo Lopes Santiago, HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO (Recife, 1943). O cronista beneditino Fr. Rafael de Jesus, O CASTRIOTO LUSITANO (Lisboa, 1679), apenas repete Santiago; nunca tendo estado no Brasil, não o utilizei como informante.

2) - Estudos acerca do local das Batalhas

O Pe. Lino do Monte Carmelo Luna escreveu "Memória sobre a verificação do lugar chamado Boqueirão nos montes Guararapes", REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO PERNAMBUCANO n° 15 (Recife, 1869) p.. 116/ 138 e "MEMÓRIA SOBRE OS MONTES GUARARAPES", Revista cit. n° 17 (Recife, 1870) p. 253/289. Recentemente o Major (hoje, General) Antônio de Souza Júnior, escreveu o livro DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES citado, premiado e publicado pela Biblioteca Militar. Poderia fazer outras citações, mas a contribuição do Padre Luna é a única que se propõe a estudar o sítio das batalhas, e o famoso Boqueirão; e o trajalho do General Souza Júnior, antigo Professor de História Militar da Escola do Estado-Maior do Exército, é o melhor exame até hoje realizado, dos dois feitos de armas, do ponto de vista técnico-militar, com exame do terreno.

3) - O local das batalhas

Quanto à primeira batalha, Francisco Barreto escreveu:

"marchei para os montes Guararapes e depois de os passar, fiz alto na baixa deles, formando a infantaria pela melhor forma e modo a que o terreno me deu lugar".

Na sua carta Filipe Bandeira de Melo indicou: "fizemos alto no caminho que vem destas vendas do Piolho e do Droga, situadas na praia hoje da Boa Viagem, então chamada da Candelária para a povoação da Muribeca, donde chamam os outeiros dos Guararapes"; aí "formamos a nossa gente e apenas apontaram os holandeses por cima dos outeiros quando os investimos".

Diz von Schkoppe; "encontramos o inimigo postado em uma planície entre um grande alagado e os montes... Com presteza coloquei a minha gente nos montes em frente ao inimigo, conduzindo as nossas peças ao mesmo tempo, com o fim de flanquear o inimigo. Este, porém, ficou na defensiva e não queria abandonar o passo... o inimigo com 200 a 300 homens avançou do passo em nossa direção e mandei enfrentá-lo, abaixo dos montes, o Coronel van Elst com a brigada". Destroçados os holandeses, diz von Schkoppe, "coloquei a tropa novamente no alto do monte" e decidiu a retirada.

Quanto à segunda batalha, o Relatório de van Goch esclarece que as tropas holandesas (antecipando-se desta vez aos luso-brasileiros na ocupação da posição) seguiram "pela *grande garganta dos montes Guararapes, de que se apoderam e onde o exército acampou*", ocupando também os altos.

Não sendo atacados, os holandeses decidiram retornar à praia e "*pelas 3 horas da tarde, o exército desceu em boa ordem dos montes... seguindo ao largo do sopé dos montes até ao mato... mas no momento em que os Regimentos de Hauthyn e*

do Tenente-General desciam do monte grande para seguir a vanguarda na terra baixa, o inimigo mostrou-se por detrás deles". A RELACION DE LA VICTORIA esclarece que a luta se estendeu aos altos dos montes e ao "Boqueron".

Diogo Lopes de Santiago descrevendo como historiador a guerra e, contemporâneo e testemunha ocular dos acontecimentos, tendo conhecido o sítio tal qual era ao tempo das batalhas, oferece a seguinte narração muito precisa e valiosa. Refere-se à primeira batalha nestes termos:

"chegaram os nossos ao último monte que chamam de Guararapes e . . . se acabaram de situar em troços em uma baixa e planície que está ao pé do último monte, que vulgarmente chamam Outeiro, para a parte do sul, a qual cercava por uma parte um alagadiço e pela outra os montes, e também se situavam pelo mesmo monte... está ao pé deste monte um alagadiço que o mesmo monte vai cercando pela parte do sul, e tem somente uma baixa que dissemos, que incluirá cousa de cem passos de largo entre água e monte, na qual baixa e pé do monte estava a nossa gente situada, como fica dito, prolongada e extensa em troços, meten-do-se no meio, donde os nossos estavam para a parte donde estava o inimigo pela frente, uma restinga de mato e água, que do mesmo alagadiço nascia, com que ficava parte da nossa gente encoberta, que não podia ser vista do inimigo sem chegar perto de um boqueirão grande que havia entre a restinga do mato e árvores e monte, mas, da outra parte, descobria toda a nossa gente de outro monte e eminência, e a nossa gente entrou pelo boqueirão que dissemos quando se situou, e depois o defendeu com tanto valor como iremos relatando".

Os outeiros dos Guararapes compõem-se de duas elevações gêmeas, em forma de ferradura, com a abertura para o litoral, e cercadas pelos lados do norte e oeste (mas não pelo do sul) por uma outra elevação mais alta e mais escarpada do que aquelas, chamadas desde o século XVII de Oitizeiro. Quem viaja do Recife ao Cabo pela estrada de rodagem, conta três elevações dos montes Guararapes; do norte para o sul, são elas: a encosta do Oitizeiro, onde hoje se situa um cemitério, a seguinte (a primeira das duas elevações gêmeas) a em que hoje existe a nova estrada de acesso à Igreja e, passada uma ravina que divide as duas elevações gêmeas, a terceira (a segunda destas) a da antiga estrada, em cujo alto se ergue a Igreja. Essas duas elevações gêmeas são os "outeiros" propriamente ditos.

Ao sul deles, alarga-se uma planície, que pode ser melhor percebida por quem, deixando a estrada do Cabo, tome a estrada da Muribeca.

Ao pé dos montes corria um riacho que os documentos antigos designavam por "*águas vertentes*". Do sopé dos montes em direção ao litoral havia, ao tempo das batalhas, uma estreita passagem - por onde se fazia o tráfego para o sul da Capitania - de cerca de cem passos, limitada do lado de terra pela encosta dos montes, e do lado do mar, por uns grandes alagados que, formando diversas lagoas, se estendiam em largura até o mar, a este, e em comprimento até as Curcuranas, ao sul. A lagoa mais próxima do sopé dos montes surge frequentemente mencionada nos documentos do século XVII (vejam-se os papéis relativos à Igreja e Hospício de N. S. da Piedade da Ordem Carmelitana, no seu Convento do Recife) como "*Águas Compridas*".

Assim, "*a baixa*" dos montes da descrição de Francisco Barreto; "*o caminho*" que vinha da praia da Boa Viagem para a Muribeca da narração de Filipe Bandd ra de Melo; a "planície entre um grande alagado e os montes", "o passo" e o "baixo dos montes" da relação de von Schkoppe; a "grande garganta dos montes Guararapes onde o exército acampou" do relatório de van Goch e o "boqueirão" da Relacion de la Victoria desig nam claramente a passagem que mencionei, entre o alagadiço das "*Águas Compridas*" a este e a encosta dos montes a oeste.

Da muito precisa descrição de Diogo Lopes de Santiago vê-se que essa passagem era estreitada, em certo trecho, por "*uma restinga de mato e água que do mesmo alagadiço nascia*", a qual parcialmente a encobria. Esse trecho mais estreito era o "BOQUEIRÃO" PROPRIAMENTE DITO.

De tudo conclui-se que o centro das duas batalhas, o ponto onde mais encarniçada foi a luta, aquele que os dois exércitos porfiavam por dominar, foi sempre essa passagem e boqueirão, entre o alagadiço ou "Águas Compridas" e a encosta dos montes.

O povo em geral presume que as batalhas se tenham ferido no alto dos outeiros, pois em um deles é que está erguida a Igreja votiva. Quem estuda a questão, porém, verifica que embora às encostas e altos dos outeiros tenha se estendido, como se estendeu, a luta, pelas alas dos exércitos em conflito, o foco das batalhas foi sempre a passagem e boqueirão na baixa, entre os outeiros e alagado. Dentro da tradição sul-européia em geral e portuguesa em particular, foi preferida por Francisco Barreto, construtor da Igreja votiva, a eminência do outeiro para a sua construção, em vez da baixa, estreita e úmida.

A conclusão que acabo de expressar acerca da exata localização do centro das batalhas, baseada nos documentos que antes deixei citados, é expressamente confirmada pelo Padre Luna e pelo General Souza Júnior.

4) - Estudos contemporâneos

O Pe. Lino do Monte Carmelo Luna estudou com muito interesse a questão, visitando por duas vezes, longamente, o local das batalhas e relutando opiniões errôneas, correntes na época, acerca da localização do lunar chamado Boqueirão. Depois do seu trabalho tornou-se descabida qualquer dúvida sobre o mencionado local. Passo a citar o excelente trabalho do Padre Luna, ilustre sócio do Instituto Arqueológico Pernambucano:

"O boqueirão que havia nos montes Guararapes no tempo da guerra holandesa, e conhecido assim pelos aguerridos generais, era a entrada estreita ou garganta que se encontrava no monte, que olha para o nascente; isto é, uma faixa de terra firme entre o tremedal de uma lagoa que lhe fica em frente e o sopé da montanha, que apresentava um desfiladeiro; faixa esta que estreita no começo ia alargando proporcionalmente, contendo pouco mais ou menos de largura uns cem passos". ("Memória sobre a verificação do lugar chamado Boqueirão" cit., págs. 118/119).

"Em frente deste monte que olha para o nascente, ainda está bem visível uma lagoa, se bem que em pequena escala, a qual outrora estendendo-se de norte a sul ia encontrar-se com o Rio do Prata, que lhe fica do lado do sul, espriava suas torrentes por toda planície que a circundava, tornando-se um lamaçal intransitável naqueles tempos. Entre o sopé da ladeira e o tremedal, se distingue a faixa ou tira de terra firme de mais de cem passos aonde hoje existem plantações e pequenas casas de campo. Esta tira de terra, sendo estreita no começo do lado do norte, vai proporcionalmente alargando-se para o sul. Em frente da entrada para a referida faixa de terra encontra-se a grande campina, que fica ao norte, a qual ainda conserva o nome primitivo da batalha".

"Na época da invasão holandesa os aguerridos generais do exército libertador, seguindo para os montes Guararapes, procuraram o lugar que chamavam boqueirão, como um baluarte, um antemural inexpugnável, para aí acamparem suas tropas, porque era justamente o boqueirão uma entrada estreita entre o tremedal de uma lagoa e o sopé da ladeira". (Art. cit. págs. 120/121).

"Combinando-se a narração dos historiadores apresentados, com a topografia de hoje, chega-se facilmente a uma conclusão de que o boqueirão na

época holandesa, era justamente no lugar que temos assinalado, isto é, que o boqueirão até hoje controvertido, não é outra cousa senão a tira ou faixa de terra firme contendo cem passos de largura estreita na entrada, entre o tremedal de uma lagoa e o sopé do monte"... (art. cit., pág. 135).

O General Antônio de Souza Júnior escreve no seu livro citado, pág. 177: "A segunda batalha dos Guararapes travou-se exatamente no local da primeira".

"Apenas em 19 de abril de 1648, os luso-brasileiros precederam os holandeses na chegada aos Guararapes, ocupando muito sabiamente, o chamado boqueirão, estreita passagem entre uma língua de mato que descia do monte e os brejos que se estendiam na direção do mar".

"A 19 de fevereiro de 1649, entretanto, sofrendo ainda as consequências dos erros funestos cometidos no ano anterior, procuraram os holandeses ocupar aquela região, antes que o fizessem os patriotas. A posse dos desfiladeiros dos montes Guararapes permitia aos holandeses cortar as comunicações para o sul, impedindo assim a chegada de novos recursos e reforços para os insurgentes no Arraial".

Aqui há apenas o engano acerca da "língua de mato" que não descia do monte como diz, apoiado em Frei Rafael de Jesus (veja-se pág. 146), mas "nascia do alagadiço" como afirma Diogo Lopes de Santiago. Já deixei mencionado que Rafael de Jesus se baseou inteiramente em Santiago (embora frequentemente o copie erradamente, como é o caso neste ponto). Não é lugar aqui para provar esta afirmativa, mas o farei de forma cabal sendo necessário.

5) - Conclusão

Tem sido alegado com frequência que não pertence à Comunidade Beneditina de Pernambuco o chamado "Sítio do Boqueirão". Sítio tem, neste Estado, o sentido particular de chácara, quinta, fazendola, roça, etc. Não me refiro a ele. O sítio (com s minúsculo, na acepção de local, lugar) do boqueirão a que aludo em todo o curso desta informação, é o já apontado e que me esforcei por deixar definido.

Feita esta ressalva e com base nas conclusões acima expostas, informo, à vista da planta do loteamento do terreno de que é proprietária a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, administrada pelo Reverendo Dom Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, que o terreno objeto do loteamento abrange nos seus lotes C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, e T o local memorável onde se travaram as duas Batalhas dos Guararapes, inclusive a passagem e boqueirão, centro das lutas, como deixei apontado.

Do ponto de vista de estudiosos de assuntos históricos, parece-me conveniente a preservação, como monumento nacional e quaisquer que sejam os proprietários, de toda a área de terreno que abrange o monte do Oitizeiro, os "outeiros" dos Guararapes propriamente ditos (isto é, as elevações gêmeas citadas) e respectivas encostas ocidentais e orientais, estas últimas a serem acrescidas dos chãos que e estendem até a margem da Estrada Recife-Cabo-Muribeca.

É o que tenho a informar a V. S. a respeito.

Setembro de 1959

José Antônio Gonsalves de Mello

DUAS BATALHAS (*) (Guararapes)

(1648-49)

A VOZ DO PASSADO, no alto dos "Guararapes":
- Pedes-me a descrição de uma e outra batalhas. . .
Como? Se apenas sou a cinza da Forquilha,
Dispersa ao perpassar dos ventos soberanos,
Que varrem este sítio há bem trezentos anos?
E, quem teria, dize, a louca pretensão
De Camões emular; de ultrapassar Durão,
Cujo astro, sem rival, radiando luz febéa,
Em bronze eternizou a imortal Epopéia?

A VOZ DO PRESENTE, nas faldas dos Montes:
"Que tem? Fala!
O que eu quero é contigo sentir O Frêmito Sagrado!
É de teu lábio ouvir,
Altivolando, como a bandeira que passa,
A Alma Vitoriosa e Invencível da Raça!"

A VOZ DO PASSADO: - O Frêmito Sagrado!...
O senti de perto Aqui, na Cima Augusta,
à luz do céu aberto,
Vendo na alma a subir dos mortos, que se somem
Na Voragem, vibrar a alma de um só Homem!
E, como a árvore em flor vive em cada renovo,
Vi Três Sangues daqui se unirem num só Povo!

* *
 *

Sobre este erguido monte, o monte do "Oitiseiro",

Descera a Noite negra o negro reposteiro.
Da côr do ocre vermelho, embutido a cobalto,
Erguia-se o "OITISEIRO" a uns dez metros mais alto;
Como um punho ciclópeo, a reclamar à nuvem
E aos astros que de arminho e luz a mão lhe enludem.
Arfava lá embaixo, o tredo "Boqueirão",
Qual fabuloso e fero e lendário dragão;
Entre a campina e o mar, chispavam porcelanas
De um tremedal, chamado "Águas das Curcuranas",
Aqui, faldas abaixo, os leais "Independentes",
Leões de riça juba, entremostrando os dentes,
Pupila afuzilante e cauda em ar de açoite,
Cosiam-se com a sombra e o silêncio da Noite.
Espiavam o Holandês, além, junto à "Barreta",
Dias Cardoso e os seus, postados em vedeta.
Reinava no ar parado a gelidez das lousas,

Que a treva instila na alma, e põe na alma das Cousas.
 E sobre o ermo silente,ilhado em soledade,
 A calma precursora e irmã da tempestade.
 Horas correndo vão. Por fim surgiu a hora,
 Que à Noite cerra a porta, e deixa entrar a Aurora.
 Cardoso está de volta. E, após ouvi-lo atento,
 Barreto o despediu, tornando ao acampamento.
 O exército dispõe sobre a ladeira, em linha
 De batalha. Eis, de chofre, o ruído se avizinha
 De forte tiroteio, a dizimar a gente
 De Cardoso que, entrando o "BOQUEIRÃO", fremente,
 Volvia de acirrar o exército inimigo,
 A fim de receber o devido castigo.
 Forte de quatro mil e quinhentos soldados,
 Soberbo, o solo bate, em passos cadenciados.
 Erguem-se nossos Leões a se medir com as Águias.
 Quem as pode esmagar? A Força? Não! Esmague-as
 O heróico Esforço, unido à Astúcia e à Inteligência;
 O amor ao Solo Pátrio; a nítida consciência
 De sermos um com a terra e suas mil raízes
 Sagradas; - nossas mães e invisíveis nutrizes;
 O céu que nos sorri, a verde sombra amiga
 Da árvore, e a luz do sol, e quanto nos pródiga
 Tudo, que vem da terra e para a terra vai:
 Da carícia materna à proteção de um pai!
 Tudo, que opera o suave e divino Milagre
 De converter em mel o travo de vinagre,
 O triste desencanto, o vazio da vida,
 Quando a flor do Alto Sonho expira ressequida!
 Foi Isso que impulsionou os "Dois mil e quinhentos"
 A vencer e esmagar águias e águias aos centos,
 De nada lhes valendo o soberdo remígio!
 Fizera-se na Cima o sublime Prodígio!
 Aqui, passou descendo o Genésico Sopro
 Do Espírito; do Verbo a se encarnar; o escopro,
 O camartelo e a régua e a erecção do Templo,
 Onde revivo em ti, e no qual me contemplo!

* *
*

Ah! veres como eu vi, o Homem que se desdobra Em dez, em cem, em mil, na
 construção da Obra! Barreto dando a traça e Vieira a demolir; Prestes sempre a
 voar, pronto sempre a acudir; O Hércules-Camarão, e os "cem trabalhos" seus;
 Vidal de prumo erguido; ou, na ira de Deus, Todo inflamado, (a criar estranhas
 geometrias, à espada) o Aquiles Negro, o Leão Henrique Dias! E em fuga as águias
 ver, ver vencido o Estrangeiro, E triunfante se erguer a alma do Brasileiro!

..As datas separar em duas não me afoito;
 Se é sol quarenta e nove, é alvor quarenta e oito!
 Unidos num só vôo eliseo de vitória São astros percorrendo a mesma trajetória! A
 Pátria nelas vibra, e a elas se conluia, Para os céus abalar numa grande Aleluia! —

VOZ DO PRESENTE:

"Aleluia que desce até mim desta Cima!

A VOZ DO PASSADO:

"E que, de ti subindo até mim, nos sublima!

A VOZ DO PRESENTE:

"Porque eu nada sou mais que um teu prolo mento..."

A VOZ DO PASSADO:

- Porque tu és Centelha, e eu Bronze e Pensamento !
Eu Livro que se fecha, e tu, Livro que se abre!

A VOZ DO PRESENTE:

"Mas, tu fulguras sol, como a folha do sabre! E eu modelo na treva a imagem do Futuro!"

A VOZ DO PASSADO:

- Fulgurarás também um dia! Eu te asseguro...

Poesia do livro "TERRA PATRUM" (Florilégio de Exaltação e Amor à Terra Pernambucana), autoria do poeta, escritor, filólogo e professor FRANÇA PEREIRA (LUIZ DE) nascido no Recife a 24.2.1872 e falecido a 31.7.1925), e um dos fundadores da ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS, em 1900, da qual foi Presidente durante cinco anos. A edição do "TERRA PATRIUM" é da Livraria Universal - Eugênio Nascimento - Recife, 1924. (Gentileza ao autor do filho do poeta o jornalista Paulo França Pereira, do quadro de redatores do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, e funcionário da Imprensa Universitária, da UFPe.).

COMISSÃO PROVISÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES

Com a finalidade de conduzir estudos com vistas a determinar-se a viabilidade do Parque Guararapes e a equacionar diversos problemas ligados a sua construção, sob a presidência do Exmo. Sr. Gen Ex ARTHUR DUARTE CANDAL FONSECA, foi constituída a seguinte comissão provisória, organizada em Grupos de Trabalho, para maior rendimento, com representantes de diversas entidades governamentais.

Presidente: Exmo Sr Gen Ex - Comandante do IV Exército ARTHUR DUARTE CANDAL FONSECA.

Coordenação: Coronel Eng - OCTÁVIO FERREIRA QUEIROZ do EM/IV Exército (Coordenador Geral)

Major Eng - CLÁUDIO MOREIRA BENTO do EM/IV Exército (Coordenador Assistente)

GRUPO DE TRABALHO N° 1

- Constituição:

Cel Inf Sílvio Ferreira da Silva - Cmt do 14° RI
Profa Eugênia M. César de Medeiros - IJNPS
Dr Evaldo Loureiro de Amorim - BNH
Dr Florismundo Lins - COHAB - Recife
Maj Geraldo Araújo - COHAB - Pernambuco
Dr. Leônidas Estelita - SSCM

- Colaboração solicitada:

Levantamento sócio-econômico das casas existentes na área desapropriada dos Montes Guararapes. Apresentar solução para a remoção de mais de 1.400 residências do interior da área destinada ao futuro parque.

GRUPO DE TRABALHO N° 2

- Constituição:

Dr Marcílio Anacleto Porto – 4° DRF/DNER Dr. Erasmo José de Almeida - DER/PE

- Colaboração solicitada:

Construção de uma rodovia no interior do futuro parque, integrando-o por completo.

GRUPO DE TRABALHO N° 3

- Constituição:

Dr Adieron Erasmo de Azevedo - Reitor da URFP.
Prof Gilberto Osório - Diretor do DRH da SUDENE.
Prof. Vasconcelos Sobrinho - da URFP.

- Colaboração solicitada:

Projeto de revestimento florístico do futuro parque histórico e possibilidade de financiamento do mesmo pela SUDENE.

GRUPO DE TRABALHO N° 4

- Constituição:

Ten Cel Eng Luiz Gonzaga de Oliveira - da CRO/7
Dr. Aldo de Castro Salgado - Diretor da CELPE
Dr. Walter Azoubel - Diretor da SANER

- Colaboração solicitada:
Projeto de abastecimento d'água e de iluminação do futuro parque.

GRUPO DE TRABALHO N° 5

- Constituição:

Dr Roberto Magalhães - Secretário de Educação e Cultura
Dr Luiz Pereira da Rosa Oiticica - Diretor do
Museu do Açúcar e do Alcool
Dr Mauro Motta - Diretor do IJNPS

- Colaboração solicitada:

Equacionamento do problema do museu da Restauração de Pernambuco, a funcionar no interior do futuro parque.

GRUPO DE TRABALHO N° 6

- Constituição:

Dr Murilo Humberto de Barros Guimarães - Reitor da UFPe.
Potiguar Matos - Reitor da U. C. P.
Prof José Antônio Gonsalves Mello Neto - Historiador

- Colaboração solicitada:

Estudarem e proporem a edição de trabalhos relativos à Restauração de Pernambuco.

GRUPO DE TRABALHO N° 7

- Constituição:

Ten Cel Gabriel Antônio Duarte Ribeiro - Cmt da PMPE
Dr. Eduardo Vasconcelos - Diretor Empetur
Dr. Alceu Pandolfi - Empetur
Irmão Irineu - do Mosteiro de São Bento de
Olinda

- Colaboração solicitada:

Projeto de aproveitamento turístico do futuro parque.

GRUPO DE TRABALHO N° 8

- Constituição:

D. Basílio Penido - Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda
Dr Ayrton Almeida de Carvalho - Delegado do 1° Dist. do DPHAN

- Colaboração solicitada:

Projeto de recuperação total do Santuário de N. S. dos Prazeres.

GRUPO DE TRABALHO N° 9

- Constituição:

Dr Alexandre da Costa Rodrigues - Delegado
Regional do INCRA
Dr. Moisés Agamenon - da SUDENE

- Colaboração solicitada:

Cercamento da área selecionada como parque, e levantamento topográfico da área desapropriada.

- Constituição:

Maj Eng Cláudio Moreira Bento - do IV Exército
Cap Eng Cícero Assunção Cardoso - do IV Exército
Paisagista Abelardo Rodrigues
Paisagista Carlos Belland - da PMR
Dr. José Luiz da Costa Menezes - do 1º Dist. Do DPHAN
Dr. Delfim Fernandes Amorim Dr Césio Regueira Costa

- Colaboração solicitada:

Apresentação do projeto de Plano Diretor do futuro parque.

GRUPO DE TRABALHO N° 11

- Constituição:

Dr. Gilberto Osório - da SUDENE
Dr. Waldecy Costa Pinto - da PMR

- Colaboração solicitada:

Organização de um Concurso de âmbito federal, patrocinado pela SUDENE, com vistas a selecionar o melhor anteprojeto de Monumento Principal dos Guararapes e dos portões do futuro parque.

Prestaram sua colaboração na orientação histórica do projeto os professores Nilo Pereira, Jordão Emerenciano, José Antônio Gonçalves de Mello Neto, e arquitetonica, os arquitetos Ayrton Costa Carvalho, Augusto Carlos da Silva Telles, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, enviado do MEC por solicitação do IV Exército, o Prof Roberto Burle Marx e Dr Dardano de Andrade Lima.

Vem emprestando grande apoio ao IV Ex no empreendimento, as seguintes entidades:

SUDENE, Governo de Pernambuco, Governos do Recife e de Jaboatão, 2a Zona Aérea, 7a RM, Delegacia Regional do INCRA, lo Distrito do DPHAN, IJNPS, UFPe. IAHPG, Delegacia do Patrimônio da União e Museu do Açúcar e do Alcool. Outros grupos de trabalho serão constituídos à medida das necessidades de desenvolvimento dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre Dumas — "**Memórias de Garibaldi**".
 Annita Garibaldi (neta) — "**Garibaldi na América**".
 Arthur Ferreira Filho — "História Geral do Rio Grande do Sul".
 Augusto Tasso Fragoso — "**Guerra da Tríplice Aliança**".
 Augusto Tasso Fragoso — "**A Revolução Farroupilha**".
 Dante de Laytano — "**História da República Riograndense**".
 Fernando Luís Osório — "**O General Osório**".
 França Pereira — "**Terra Patrum**" — Re., 1924.
 Hélio Moro Mariante — "**A Fronteira do Vaivém**".
 Henrique Boiteux — "**A República Catarinense**".
 Lindolfo Collor — "**Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**".
 Mário Dalva — "**Herval**".
 Olinlo Pillar — "**Os Patronos das Forças Armadas**".
 Ollicln Rosa — "**Vultos Farroupilhas**".
 Viriato Correia - "**O Cazuza**".
 Walter Spaldin — "**A Epopéia Farroupilha.**"
 Walter Spaldin — "**A Revolução Farroupilha**"
 Revista do Inst. Hist. Geog. Brasileiro (Anos 1880, 1882, 1883 e 1884)
 Revista do Inst. *Hist.* Geog. do Rio Grande do Sul (N^{os}1927 e 1930)
 Brasil Açucareiro — **Encarte Especial do IAA** (1^o de Junho de 1970).
Anuário Riograndense (Anos 1882 e 1885).
Ordens do Dia do Barão de Caxias (1842-1845).
Revista Militar Brasileira (Ano LII — *Esp* 66 — Vol. LXXXII e Ano LVI — *Esp.* — Vol. XCIV).
Arquivo Conrado Ernâni Bento — Canguçu — RS.
Folha da Manhã — 11 Maio 70 — Porto Alegre.
Zero Hora — 11 Maio 70 — Porto Alegre.
Jornal da Semana — 10 Maio 70 — Porto Alegre.
Arquivo do lo Distrito do DPHAN — Recife.
Arquivo da Seção de Planejamento do IV Exército.

Arquivo da Seção do Patrimônio da 7ª Região Militar.

Pesquisa realizada nas bibliotecas e arquivos das repartições abaixo: Bibliotecas: ECEME, IV Exército, Biblioteca Pública de Pernambuco, Biblioteca do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Biblioteca da UFPe. e Biblioteca do Museu do Açúcar e do Alcool.

Arquivos: Do Patrimônio da 7ª RM e do 1º Dist. do DPHAN.

A presente obra baseia-se nos seguintes trabalhos anteriores do autor:

"O Decênio Heróico" — Conferência — Bento Gonçalves — RS — 1958.

"Osório o Legendário" — Conferência — Bento Gonçalves — RS — 1959.

"A Brasileira Heroína de Dois Mundos" — (**Revista do Clube Militar** — Rio de Janeiro — 1970).

"Evocação da Guerra do Paraguai" — (Por ocasião do centenário de seu término) — Maceió — 1970 e **Defesa Nacional** — Rio de Janeiro — 1970.

"Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul" — Recife — Imprensa da Universidade Rural — 1971.

Abertura com braços do IHTRGS, FAHIMTB e ACANDHIS E MINI-CURRICULO DO AUTOR	p.1
Capa encadernado livro e a original	2-3
Abas do livro	4
NOTA do autor em 2016, 45 anos depois	5
Dedicatória e Nota do autor	7
Foto réplica Lanchão SEIVAL e regimento OSÓRIO	8
Introdução.....	8

CAPÍTULO I

Primeiro Parque Histórico do Brasil.....	10
Idéia de construção da Construção do Parque Marechal Manoel Luís Osório..	10
Comissão de construção.....	10
Reconstituição da Casa de Osório.....	10
Obtenção de terras necessárias ao Parque ..	11
Construção da estrada de acesso ao Parque.....	11
Foto da réplica do SEIVAL	13
Reconstituição do "Seival" e seu significado.....	12
Colaboradores do empreendimento	13
Futuro do Iº Parque Histórico do Brasil.....	14-15

CAPITULO II

Inauguração do Parque Marechal Osório	p.15
Altas Autoridades presentes	15-16 e Nota Autor
Cerimônia de Inauguração (Sequência).....	p.17-19
Fotos Lanchão SEIVAL, e desfile do Regimento OSORIO	p.19
Dizeres das placas descerradas em 10 de Maio de 1970, pelo Exmo Sr Gen Ex Emílio Garrastazu Medici, no interior e exterior da Casa de Osório	p.20
Apoteose da Grande Festa dos Lanceiros ..	21
Churrasco gaúcho na Estância do Arroio	21
Discurso do Cel Cav Edson Bosccaci Guedes (no início).....	22
Discurso do Exmo Sr Gen Ex Breno Borges Fortes, Comandante do III Exército (no interior da Casa de Osório)	p. 22-25

Discurso do Exmo Sr Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos, Ministro do Supremo Tribunal Militar, traduzindo o pensamento do Exmo Sr Gen Ex Emílio Garrastazu Medici, Presidente da República Federativa do Brasil (ao final da cerimônia)..23-24	
Homenagens diversas ao Presidente Medici e ao Marechal Osório.....25	
Do Montepio da Família Militar25	
Do Grêmio Expedicionário Geraldo Santana	
Da Prefeitura de Osório.....25	
Mensagem do Centro de Tradições gaúchas "Sinuelo do Pago" de Uruguaiana...26	

CAPÍTULO III

Histórias de Lanceiros, Heróis, Heroínas e do "Seival".....27	
O maior lanceiro do BrasilUm grande ídolo popular do passado.....27-29	
Osório no Passo da Pátria — Invasão do Paraguai.....30	
Osório em Tuiuti30	
Retorno de Osório ao Teatro de Operações, a convite de Caxias.....31	
Osório na grande batalha dos lanceiros.....31	
Osório e Vilagran Cabrita.....32	
Um lanceiro republicano farrapo e o "Seival"35	
Os lanceiros negros farroupilhas e a Abolição40	
John Griggs, o líder do lanchão "Seival"42	
Garibaldi o herói de dois mundos e o "Seival"p.....46	
Uma heroína brasileira de dois mundos e o "Seival"48	
Bagé e o lanchão farroupilha "Seival"52	

CAPÍTULO IV

Parque Histórico Guararapes55	
Efemérides55	
"O gaúcho a pé e o pernambucano a cavalo"	
"Pernambuco na Revolução Farroupilha"61	
"O sentido histórico dos Guararapes", por Jordão Emerenciano64	
"Subsídios para a localização do sítio onde foram travadas as duas batalhas dos Guararapes", por José Antônio Gonsalves de Mello.....66	
As duas batalhas70	
Comissão de construção do Parque Histórico Guararapes.....74	
Bibliografia77	
Complementos ao livro em 201681-82	

Fotos: do Cap Eng Cícero Assunção Cardoso

Bento, Cláudio Moreira

A grande festa dos lanceiros (Parque Histórico Marechal 'Manuel Luiz Osório) Osório — RS, 10 Mai 1970). Preliminares da grande festa da nacionalidade (Parque Nacional dos Guararapes, Jaboatão, Pernambuco). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971.129 p. ilustr.

1. Osório, Manuel Luiz, Marquês do Herval, 1808-1879. I. Título.

394.4 (C.D.D.)

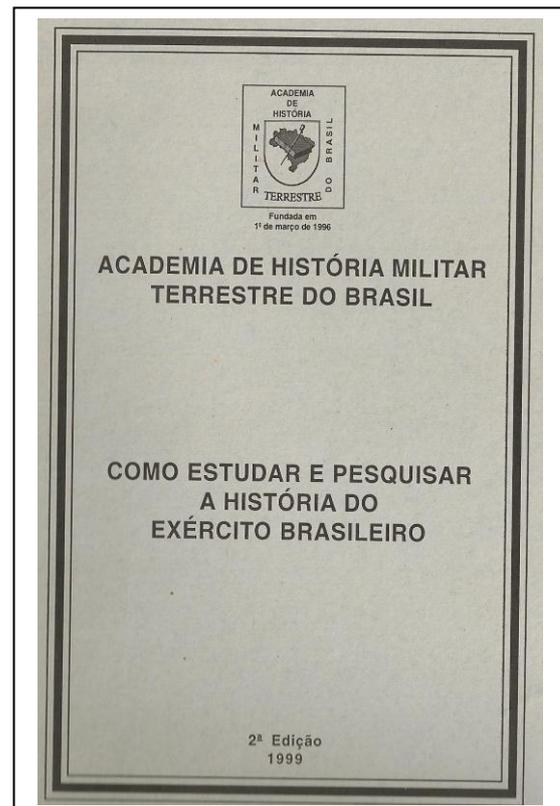
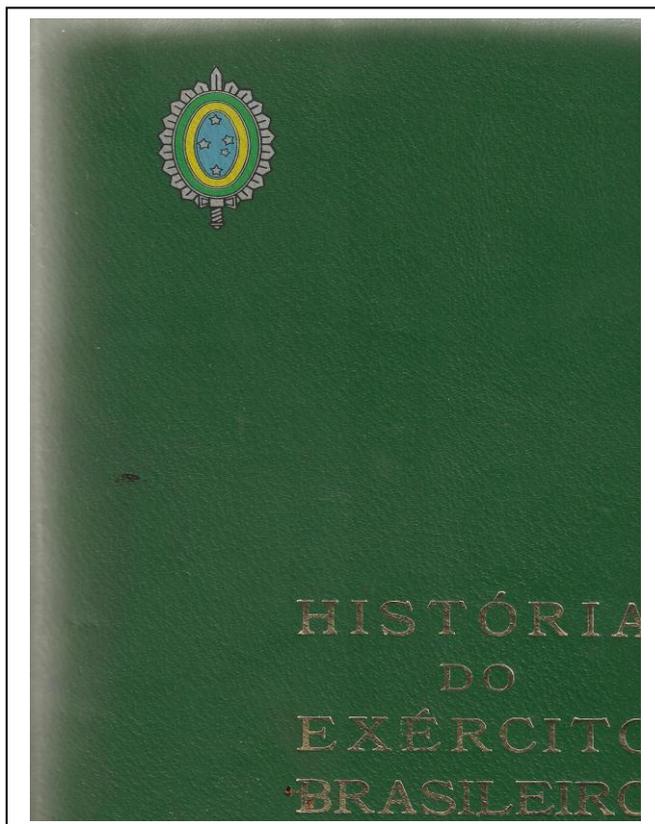
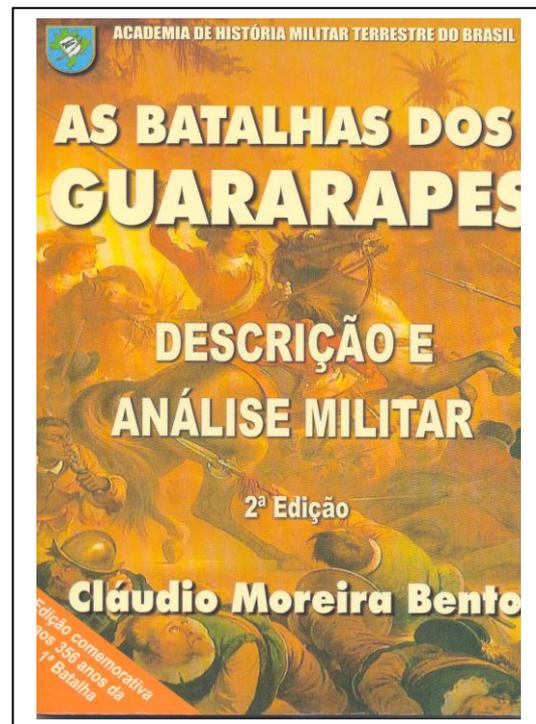
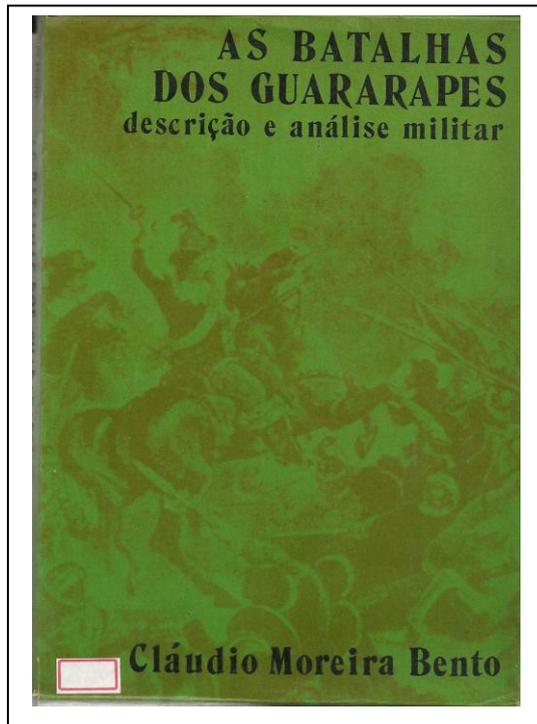
394.4:92 Osório (C.D.U.)

PeR-UF

BC-71-430

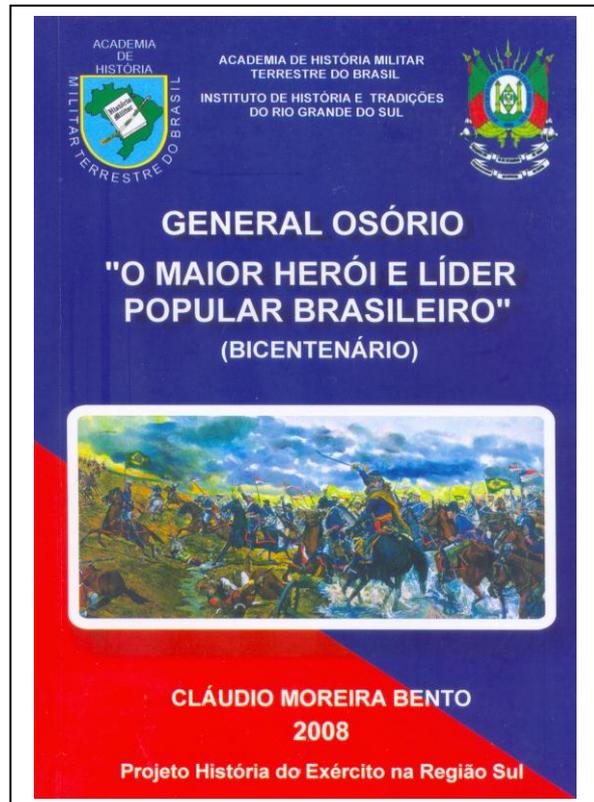
Composto e impresso nas oficinas gráficas da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA da Universidade Federal de Pernambuco.

Complementos ao livro em 2016

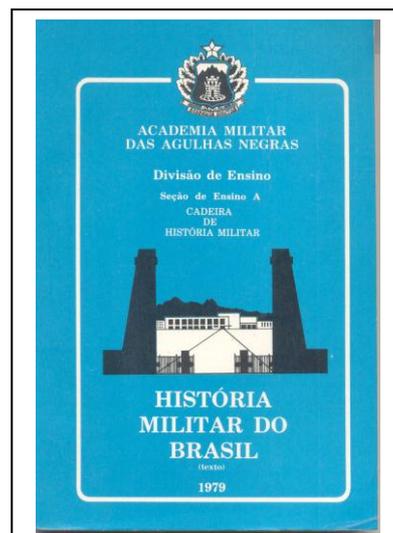
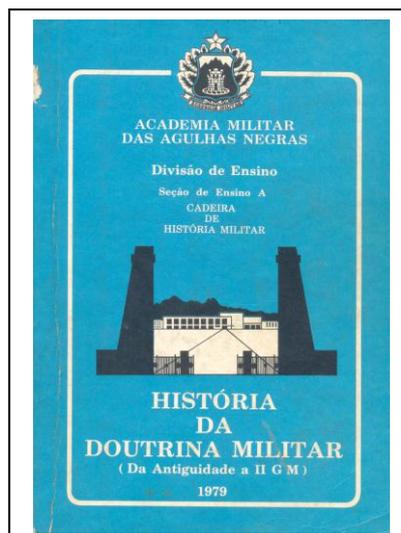


Obras em que o autor escreveu sobre as Batalhas e a Guerra Holandesa. 1ª e 2ª edições das Batalhas em 1971 e 2004 (no alto). Embaixo - História do Exército Brasileiro 1972, onde o autor como convidado do Estado-Maior do Exército escreveu com mapas e esboços do Cel Francisco Ruas Santos. E do autor p. 86 desenhadas por Miranda Junior as das p.100, 154,170 e a 173 e do Major José Fernando Maia Pedrosa a da p. 156 Miranda Junior, cujo primeiro nome é Alcebiades, que hoje é patrono de Cadeira Especial na FAHIMTB, inaugurada pelo maior pintor de motivos militares de todos os tempos, o hoje acadêmico emérito

Cel Cav Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia. Cadeira hoje ocupada pelo historiador e artista plástico Carlos Fonttes, de Uruguaiana. Ao lado no Manual como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro que aborda uma análise militar críticas da 1ª Batalha no Apendice 4 as p.APD4-1 A apd4-13. As 2ªs edições de as Batalhas dos Guararapes e do Manus como estudar e pesquisar a História do Exército estão disponíveis em Livros e plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br, criado e administrado por meu filho Capitão de Mar-e Guerra Carlos Stumpf Bento, Instrutor de Navegação a Escola Naval, 2016.



Capa livro de nossa autoria lançado no dia da Cavalaria em 10 de maio de 2018 no Parque Histórico Manoel Luiz Osorio, decorridos 38 anos da inauguração do Parque.



Livros didáticos que coordenamos, enriquecemos e que serviram a instrução de História Militar dos Cadetes de 1978-1999 até serem aposentados. Nas duas obras focalizamos as batalhas dos guararapes e no História do Brasil a atuação guerreira do General Osorio de 1821 a 1970, por cerca de 49 anos.